

Leda Bisol e Gisela Collischonn  
(organizadoras)

# PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

## VARIAÇÃO FONOLÓGICA



ediPUCRS

***PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL***  
***VARIAÇÃO FONOLÓGICA***



**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

**Chanceler:**

*Dom Dadeus Grings*

**Reitor:**

**Joaquim Clotet**

**Vice-Reitor:**

*Evilázio Teixeira*

**Conselho Editorial:**

*Antônio Carlos Hohlfeldt*

*Elaine Turk Faria*

*Gilberto Keller de Andrade*

*Helenita Rosa Franco*

*Jaderson Costa da Costa*

*Jane Rita Caetano da Silveira*

*Jerônimo Carlos Santos Braga*

*Jorge Campos da Costa*

*Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)*

*José Antônio Poli de Figueiredo*

*Jussara Maria Rosa Mendes*

*Lauro Kopper Filho*

*Maria Eunice Moreira*

*Maria Lúcia Tiellet Nunes*

*Marília Costa Morosini*

*Ney Laert Vilar Calazans*

*René Ernaini Gertz*

*Ricardo Timm de Souza*

*Ruth Maria Chittó Gauer*

**EDIPUCRS:**

*Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor*

*Jorge Campos da Costa – Editor-chefe*

*Leda Bisol*  
*Gisela Collischonn*  
(Organizadoras)

**PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**  
**VARIAÇÃO FONOLÓGICA**

Colaboradores:

Cláudia Brescancini PUCRS

Elisa Battisti UCS

Laura Quednau UFRGS

Luiz Carlos Schwindt UFRGS

Maria José Blaskovski Vieira UFPel

Marisa Porto do Amaral FURG

Valéria de Oliveira Monaretto UFRGS



Porto Alegre  
2009

© EDIPUCRS, 2009

Capa: Deborah Cattani

Ilustração da capa: Pedro Figueiredo de Abreu

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

Revisão: dos autores

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P853 Português do sul do Brasil : variação fonológica [recurso eletrônico] / Leda Bisol, Gisela Collischonn (organizadoras) ; colab. Cláudia Brescancini ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 184 p.

Modo de Acesso: World Wide Web:  
<<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>  
ISBN 978-85-7430-888-3

1. Linguística – Brasil. 2. Fonologia – Brasil.  
3. Português – Fonologia. 4. Variação (Linguística).  
I. Bisol, Leda. II. Collischonn, Gisela. III. Brescancini, Cláudia.

CDD 469.15

**Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS**



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL  
Fone/Fax: (51) 3320-3711  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
<http://www.edipucrs.com.br>

## SUMÁRIO

Prefácio .....	6
Introdução .....	7
Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil.....	13
<i>Luiz Carlos Schwindt</i>	
<i>Taís Bopp da Silva</i>	
A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano-catarinense.....	34
<i>Cláudia Regina Brescancini</i>	
As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País .....	50
<i>Maria José Blaskovski Vieira</i>	
O alçamento da pretônica sem motivação aparente .....	73
<i>Leda Bisol</i>	
A síncope e a africada alveolar .....	93
<i>Marisa Porto do Amaral</i>	
Palatalização das oclusivas alveolares: o caso de Chapecó (SC) .....	114
<i>Elisa Battisti</i>	
<i>Natália Brambatti Guzzo</i>	
Descrição da vibrante no português do sul do Brasil .....	141
<i>Valéria Monaretto</i>	
As laterais variáveis da Região Sul .....	152
<i>Gisela Collischonn</i>	
<i>Laura Rosane Quednau</i>	
Referências .....	174

## PREFÁCIO

Este livro é fruto do trabalho coletivo do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq “Aspectos fonológicos do português brasileiro”, integrado por professores e pesquisadores de diversas universidades da Região Sul, cujo propósito é dar continuidade às análises sobre a variação fonológica no português brasileiro, especialmente na Região Sul.

Durante dois anos, em encontros quinzenais, na sala 430 do prédio 8 da PUCRS, os integrantes do grupo, Elisa Battisti (UCS); Valéria de Oliveira Monaretto, Gisela Collischonn, Laura Quednau e Luiz Schwindt (UFRGS); Maria José Blaskovsky (UFPEL); Marisa Porto do Amaral (FURG) e Cláudia Brescancini (PUCRS), sob coordenação de Leda Bisol, dedicaram-se à discussão das pesquisas aqui apresentadas, desde a fase de elaboração do projeto até o texto final, passando pela reflexão quanto ao significado dos resultados observados. A discussão foi importante para o aprimoramento das análises feitas e constituiu uma oportunidade única para a reflexão em grupo sobre os fenômenos do português tanto no seu aspecto variável quanto no seu aspecto categórico.

A realização das pesquisas permitiu também a participação de alunos de graduação e pós-graduação nas várias etapas da pesquisa, atendendo assim ao papel de motivar a formação de novos pesquisadores para as áreas de fonologia e variação linguística. Entre estes alunos, alguns constam como co-autores dos capítulos, dado o papel que tiveram na execução das diversas etapas da respectiva pesquisa. É o caso de Natália Brambatti Guzzo (UCS) e de Taís Bopp da Silva (UFRGS).

Somos gratas a todos os integrantes que, vindo de longe ou de perto, participaram dessas reuniões, trazendo a sua contribuição.

Somos gratas à PUCRS por ceder o espaço para a realização das reuniões e ao Prof. Jorge Campos, editor da EDIPUCRS, por apoiar o nosso projeto.

Porto Alegre, 23 de outubro de 2009.

As Organizadoras

## INTRODUÇÃO

As pesquisas que são apresentadas neste volume resultam de um trabalho coletivo de descrição de fenômenos fonológicos variáveis na fala da Região Sul, com dados do Banco VARSUL.

O Banco é fruto de uma cuidadosa coleta de dados que compreende amostras representativas de cidades dos três estados do sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os indivíduos da amostra estão distribuídos por sexo, escolaridade e idade. A escolaridade é controlada por três graus de instrução, identificados pela nomenclatura antiga: primário, ginásio e 2º grau. A idade é disposta em duas faixas etárias, até 50 anos e acima de 50 anos (Bisol; Menon; Tasca, 2008).

O primeiro período de coleta do Banco se estendeu de 1988 a 1996 e contemplou as localidades conforme o quadro 1.

<b>Amostra original</b>	<b>Paraná</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>
24 informantes por localidade	Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre
	Londrina	Lages	São Borja
	Pato Branco	Chapecó	Flores da Cunha
	Irati	Blumenau	Panambi

Quadro 1: Localidades dos levantamentos.

Ao conjunto original, que compreendia 288 entrevistas gravadas, cada uma delas com cerca de uma hora de gravação, foram sendo acrescentadas novas amostras, resultados de coletas de pesquisas individuais ou integradas. Assim, enriqueceu-se o Banco VARSUL com maior diversidade de comunidades da Região Sul bem como de grupos sociais e/ou etários. O quadro 2 apresenta algumas dessas amostras adicionais, as quais foram consideradas em estudos deste livro.



Amostras adicionais	
Santa Catarina	Barra da Lagoa (Florianópolis) Ribeirão da Ilha (Florianópolis) Costa da Lagoa (Florianópolis)
Rio Grande do Sul	Taquara Monte Bérico (Veranópolis) Santana do Livramento São José do Norte

Quadro 2: Amostras adicionais.

Na primeira etapa de pesquisa com os dados do VARSUL, diversas dissertações de mestrado, teses e outros trabalhos acadêmicos da década de 90 apresentaram análises de fenômenos fonológicos variáveis, aplicando a metodologia laboviana. Esses trabalhos, por seus objetivos acadêmicos, em geral, voltaram-se para a descrição da variação em localidades isoladas ou em um pequeno grupo de localidades. Concomitantemente, a equipe de pesquisadores que compõem o Projeto VARSUL das Universidades UFRGS, USC, FURG, UniRitter e PUCRS dava andamento às primeiras análises com dados do Projeto, cujos resultados foram publicados sob o título de *Fonologia e variação: Recortes do Português Brasileiro* (EDIPUCRS, 2002).

As pesquisas realizadas e os acréscimos posteriores de novas coletas também motivaram algumas alterações em termos metodológicos. Por exemplo, atualmente, muitos trabalhos não se utilizam mais da terminologia antiga para os graus de escolaridade, substituindo-a, o mais das vezes, por faixas em termos de anos de estudo. Também a idade, originalmente disposta em duas faixas, é, eventualmente, remodelada para três.

As pesquisas que ora apresentamos retomam levantamentos feitos anteriormente, reunindo informações de diversas análises realizadas a respeito de um mesmo fenômeno variável em localidades diferentes, com o propósito de compreender o seu condicionamento linguístico e extralinguístico. Procuram também preencher lacunas existentes, ou seja, complementar as análises com levantamentos de localidades abrangidas pelo VARSUL, mas não estudadas detalhadamente até o momento. A contribuição dos trabalhos aqui apresentados

está justamente na perspectiva em plano amplo, na visão do que há de sistemático, de regular, por trás de padrões detectados nos trabalhos precedentes. A sua contribuição também está na confirmação, no plano maior, de certas tendências que vinham sendo apontadas pelos levantamentos anteriores e na preocupação conjunta em relacionar a variação do presente com o passado da língua, a fim de verificar até que ponto os fenômenos em estudo apontam para uma mudança em curso - ou mesmo já consolidada - e até que ponto constituem fenômenos novos, ou em variação estável. As discussões procuram contribuir para a reflexão sobre o modo como a mudança sonora ocorre, se como fenômeno cego a toda e qualquer informação lexical ou se condicionado de algum modo por características lexicais ou morfológicas.

Além disso, os trabalhos aqui reunidos apresentam interpretações dos fenômenos observados em termos de teorias fonológicas atuais, interpretações essas que permitem, por um lado, explicar determinadas correlações entre fatores linguísticos, e por outro, trazer novos questionamentos aos dados considerados. Assim, os trabalhos baseiam-se em informações fundamentadas nas diversas ramificações da fonologia: Teoria Autossegmental, Geometria de Traços, Fonologia Lexical, Fonologia Prosódica, Teoria da Otimidade e outras.

O primeiro capítulo, de autoria de Luiz Carlos Schwindt e Taís Bopp da Silva, trata do fenômeno de redução da nasalidade em ditongos finais átonos (ex. *cantaram* ~ *cantaru*; *viagem* ~ *viagi*). Partindo de análises como as de Votre (1978), Guy (1981), Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), são discutidos condicionadores linguísticos e sociais responsáveis por essa variação. O levantamento inclui todas as cidades que compõem a amostra original do Projeto VARSUL. Observou-se que o fator 'localidade geográfica' foi um dos principais condicionadores da variação. O estudo traz como contribuição importante o refinamento da análise dos possíveis condicionadores morfológicos deste fenômeno variável.

O estudo de Brescancini focaliza o português falado em Florianópolis, Santa Catarina, reconhecidamente influenciado pela colonização açoriano-madeirense iniciada no século XVIII, estudando um processo variável observado nesta localidade, a redução em ditongos decrescentes seguidos por fricativa alveolar ou palato-alveolar (ex. *seis* ~ *ses*). O trabalho utiliza um detalhamento

desta amostra, distinguindo os informantes da ilha em três distritos: o urbano, o do Ribeirão da Ilha e o da Barra da Lagoa (ver quadro das amostras adicionais acima). Os procedimentos adotados na análise consideraram tanto uma análise conduzida pela perspectiva do grupo, nos moldes sugeridos pela metodologia da Teoria da Variação (Labov, 1972, 1994), quanto uma análise conduzida a partir da perspectiva do indivíduo. Os resultados indicaram que a variação em estudo é um processo condicionado lexicalmente, mas que ainda apresenta resquícios de condicionamento estrutural, especificamente o de cunho morfológico.

O estudo de Vieira sobre as vogais médias átonas nas três capitais do sul do País analisa o comportamento das vogais pós-tônicas finais (ex. grande ~grandi, canto ~cantu) e não-finais (ex. fôlego ~fôligu, época ~épuca) na fala das capitais, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. O estudo mostra que o comportamento das vogais finais sofre condicionamento pela localização geográfica, indicando que a neutralização destas vogais átonas pode ter efeitos de realização diferentes conforme a localidade. O levantamento mostra também condicionamento dessa realização por fatores como a consoante precedente e o tipo de sílaba (travada por consoante ou aberta) e aponta para a existência de uma harmonia vocálica progressiva, tendo como gatilho a vogal alta na sílaba precedente (ex. **motivu**).

A harmonia vocálica na pretônica (ex. medida ~ midida) foi objeto de diversos estudos nos dados do Projeto VARSUL. Contudo, nem todos os casos de alçamento de vogal média pretônica se explicam por harmonia (ex. cebola ~ cibola, modelo ~ mudelo). O estudo de Bisol considera o alçamento sem motivação de harmonia vocálica nas amostras de Porto Alegre e de Curitiba. Após detalhada revisão das ocorrências observadas, o estudo constata que não há nenhum condicionador fonético específico e conclui que este processo de alçamento, diferentemente da harmonia vocálica, é uma regra incipiente cuja atuação ocorre por difusão lexical, especialmente através de palavras aparentadas morfológicamente.

O estudo de Amaral trata da síncope da vogal na sequência átona *coronal alveolar+vogal coronal+ sibilante alveolar* (como em antes ~ants). Este estudo utiliza-se, ao lado de amostras do Projeto VARSUL das localidades de Porto Alegre, Panambi e São José do Norte, de uma amostra adicional, da cidade de

Rio Grande, obtida a partir da leitura de frases por estudantes universitários. Consta-se que a frequência de ocorrência do fenômeno é considerável nas sílabas átonas e que ele está sujeito a condicionadores fonéticos e sociais. O estudo também discute o status da sequência resultante (por exemplo, [ts]), se grupo consonantal ou africada fonética, concluindo a favor de uma interpretação como africada.

Voltado para a análise do efeito das vogais sobre as consoantes alveolares, o estudo de Battisti e Guzzo investiga a realização de /t/ e /d/ como as africadas [tʃ] e [dʒ] na amostra da comunidade ítalo-brasileira de Chapecó, no oeste catarinense. O objetivo do estudo é verificar a taxa de aplicação da regra, seus condicionadores linguísticos e sociais e seu *status* no sistema, se variação estável ou mudança em progresso. Consta-se que, como em outros municípios sulinos de similar perfil étnico, a palatalização é moderada em Chapecó, os fatores sociais desempenham papel relevante e a regra parece estar progredindo na comunidade.

O estudo de Monaretto apresenta um mapeamento detalhado das pesquisas variacionistas e geolinguísticas realizadas sobre o comportamento variável da vibrante em toda área geográfica abrangida pelo Banco VARSUL. As pesquisas realizadas com dados de fala do Projeto VARSUL indicam que a escolha da variável utilizada está condicionada principalmente pela posição que o segmento ocupa na sílaba. Além disso, a escolha também depende da comunidade linguística considerada. Este trabalho propõe completar análises precedentes através do exame de localidades não estudadas do Banco e confirmar resultados já obtidos sobre o papel de variáveis condicionadoras. Para Mattoso Câmara (1985), a fala do sul do País conservava a pronúncia com vibrante. Dados mais atuais, no entanto, revelam que há variação, com predomínio da fricativa velar no onset e predomínio da vibrante simples na coda.

O estudo de Collischonn e Quednau, que focaliza a variação da lateral pós-vocálica (ex. papel ~ papew ~ paper ~papeØ), apresenta uma análise de amostras do Banco VARSUL, entre as quais as de Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco, no Paraná, e a de São José do Norte, no Rio Grande do Sul, e Lages, em Santa Catarina. Propõe também uma visão ampliada desta variação na Região Sul, através de uma análise comparativa que inclui dados de um levantamento

anterior (Quednau, 1993) de amostras de localidades do Rio Grande do Sul. O levantamento confirma a baixa ocorrência das variantes r e Ø, a primeira delas restrita a falantes de baixa escolaridade de algumas regiões, e a variante Ø restrita a determinados contextos em que o apagamento favorece uma estrutura fonológica menos marcada. Com relação à variação l ~ w, o estudo mostra que os principais fatores influenciadores são a localidade e a idade do falante, confirmando a sugestão de estudos anteriores de uma acentuada mudança em curso na região, no sentido de uma pronúncia vocalizada da lateral.

Acreditando que os trabalhos aqui apresentados constituam fonte de informação para todos os que se interessam pela fonologia do português brasileiro, por questões relativas à mudança e à estabilidade linguística, pelo papel do contato linguístico ou pela fonologia em geral, deixamos neste livro análises que, embora individualizadas por tema e autor, foram amplamente discutidas em grupo nas diferentes etapas de seu desenvolvimento.

Gisela Collischon

# PANORAMA DA REDUÇÃO DA NASALIDADE EM DITONGOS ÁTONOS FINAIS NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL \*

Luiz Carlos SCHWINDT\*\*

Taís BOPP DA SILVA\*\*\*

## 1 Introdução

Opondo-se aos ditongos em sílaba tônica (ex. *cantarão*, *vintém*), que nunca se reduzem no português brasileiro (PB), ditongos nasais em sílabas finais e átonas estão sujeitos a variação: podem realizar-se com ou sem nasalidade (ex. *cantaram* ~ *cantaru*; *viagem* ~ *viagi*). Essa redução, matéria de que trata este capítulo, parece ser condicionada linguística e socialmente.

O fenômeno de redução da nasalidade em ditongos no PB foi estudado por Votre (1978), Guy (1981), Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), entre outros.

Neste capítulo, partindo dos achados dessas análises, apresentamos os resultados de nossa pesquisa, considerando todas as cidades que compõem o PROJETO VARSUL<sup>1</sup>. O objetivo que conduziu esta investigação foi o de traçar um panorama desta variação em toda a Região Sul, ampliando consideravelmente os dados e rediscutindo seus condicionadores.

---

\* Agradecemos ao CNPq, à CAPES e ao PPG-Letras da UFRGS pelo auxílio financeiro, em diferentes modalidades, a este projeto. Também agradecemos aos bolsistas de pós-graduação e de Iniciação Científica que colaboraram em diferentes etapas desta pesquisa: Aline Grodt, André Schneider, César Augusto Gonzalez, Eduardo Elisalde Toledo, Guilherme Duarte Garcia e, de forma especial, Emanuel Souza de Quadros, por sua ativa participação nas rodadas estatísticas e nas discussões acerca da interpretação dos dados.

\*\* Docente e pesquisador UFRGS, CNPq.

\*\*\* Doutoranda UFRGS, CNPq.

<sup>1</sup> Variação Linguística Urbana do Sul do País: projeto interinstitucional (UFPR, UFSC, UFRGS e PUCRS), que tem por objetivo descrever o português falado nos três estados da Região Sul do Brasil. Para maior detalhamento da organização do PROJETO VARSUL, sugere-se ver Brescancini (2002).

## 2 Revisão da Literatura

Alguns estudos já se debruçaram sobre a nasalidade enquanto fenômeno variável. Guy (1981) observou a desnasalização e Votre (1978), no sentido oposto, analisou a preservação da nasal em contexto final em falantes do Rio de Janeiro.

Tanto o estudo de Guy quanto o de Votre sugeriram que a manutenção da nasalidade está ligada a fatores segmentais e supra-segmentais. Para os autores, a sílaba final, quando tônica, inibe a redução da nasalidade. Outros fatores linguísticos foram analisados nos dois estudos. Cabe destacar, também, o papel dos segmentos de entorno à nasal. Os dois estudos apontaram que tanto o contexto precedente quanto o seguinte podem desencadear a manutenção ou queda da nasalidade, dependendo dos segmentos que ocupam essas posições. Para Guy, o contexto nasal, seja precedente ou seguinte, é o que inibe o apagamento, enquanto que os contextos precedentes formados por palatal e velar são aqueles que favorecem o apagamento. Para Votre, o apagamento é determinado pelo contexto precedente ou seguinte [+alto] e a manutenção da nasalidade é condicionada pelos segmentos consonantais em contexto seguinte.

Em relação aos fatores extralinguísticos, enquanto o estudo de Votre apontou que o apagamento da nasal final é um processo de aplicação moderada, conduzido pelos mais jovens e pelos menos escolarizados, sujeito, portanto, a avançar, ocasionando mudança, Guy, observou, em seus dados, estabilidade do fenômeno.

Esses estudos são pioneiros no que tange ao fenômeno de redução da nasalidade no português brasileiro. O tema, contudo, permanece aberto a explorações, razão por que novas análises sobre o fenômeno têm sido empreendidas nos últimos anos.

Dois estudos que analisaram fatores linguísticos e extralinguísticos, como os de Votre (1978) e Guy (1981), foram os de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005). Esses dois estudos se diferenciam dos dois primeiros, entre outros aspectos, por incluírem a variável *localização geográfica* em suas estratificações.

Os dois trabalhos se utilizaram do banco de dados VARSUL. Battisti (2002) analisou os três estados do sul através de informantes das três capitais e mais

duas cidades de cada estado (Flores da Cunha e São Borja, no Rio Grande do Sul; Lages e Chapecó, em Santa Catarina; Irati e Londrina, no Paraná). Bopp da Silva (2005), por sua vez, analisou a localidade geográfica da perspectiva do bilinguismo. Para tanto, a autora se valeu de informantes de Porto Alegre (classificados como *monolíngues*, por não sofrerem influência de adstrato de uma segunda língua) e de informantes de Panambi (classificados como informantes *bilíngües*, devido ao fato de possuírem, em maior ou menor grau, algum contato com o adstrato alemão, trazido pelos colonizadores do local). A variável que analisa a localização geográfica foi a primeira das variáveis extralinguísticas a ser selecionada nos dois estudos. O estudo de Battisti revelou que é Santa Catarina o estado que lidera a aplicação da redução, seguido do Rio Grande do Sul. O Paraná, por outro lado, apresenta pouca aplicação da regra. Para Bopp da Silva, o índice maior de aplicação da regra foi encontrado entre os falantes monolíngues, enquanto o menor índice, que ficou abaixo do ponto neutro, foi o verificado entre os bilíngües. O fato de a localidade geográfica ter obtido maior destaque entre os fatores sociais em ambos os estudos justifica a ampliação da amostra, de forma a cobrir a totalidade de cidades abrangidas pelo PROJETO VARSUL.

Ainda com relação às variáveis extralinguísticas, a variável *escolaridade* foi investigada por Battisti (2002) e por Bopp da Silva (2005) como possível influenciadora. Battisti analisou essa variável em um grupo tripartido, que mostrou que os falantes de escolaridade mais baixa (até 4 anos) são os que impulsionam a regra, diferentemente dos falantes mais escolarizados (9 a 12 anos), os quais apresentam menor aplicação da redução. Entre esses dois grupos, Battisti incluiu um grupo intermediário, constituído de falantes que possuem entre 5 e 8 anos de escolaridade o qual apresentou peso relativo de aplicação da regra próximo ao ponto neutro. Uma vez que os valores ficaram próximos ao ponto neutro, a autora decidiu investigar mais detalhadamente o papel da escola na aplicação da regra, cruzando a variável escolaridade com localização geográfica. Porque os resultados mostraram não haver uma escala constante do nível de escolaridade para os três estados, a autora refutou a hipótese de que quanto maior é a escolaridade menor é a aplicação da regra e vice-versa. Para Bopp da Silva (2005), a variável escolaridade também revelou números próximos ao ponto



neutro, e o cruzamento desse grupo com a variável bilinguismo, empreendido pela autora, também não apresentou resultado significativo.

No âmbito das variáveis linguísticas, as análises de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005) obtiveram resultados bastante semelhantes. As duas análises apresentaram o *contexto seguinte* iniciado por *vogal* e os *nomes terminados em –gem*, do grupo *classe de palavra*, como fortes condicionadores da redução. Em relação a esse último grupo, *classe de palavra*, as duas análises apontaram para menor aplicação do processo entre os verbos. Uma possível explicação para isso foi buscada no aspecto funcional desempenhado pela nasal nessas formas, isto é, diferentemente do que ocorre com os não-verbos, a nasal que se encontra no final das formas verbais é um morfema ou parte de um morfema flexional, o que explicaria sua tendência a se preservar. No que diz respeito especificamente à aplicação do processo em formas verbais, as autoras verificaram um padrão de comportamento. As formas em pretérito obtiveram peso de 0,50 para Battisti e 0,51 para Bopp da Silva e as formas em não-pretérito alcançaram 0,44 para Battisti e 0,45 para Bopp da Silva. Segundo Bopp da Silva (2005), essa menor aplicação em formas de não-pretérito pode ser a única responsável por evitar neutralização entre determinadas formas verbais. Assim, por exemplo, a forma *cantu* pode ser interpretada como a forma da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, mas também como a terceira do plural no registro informal (eles *cantu*), quando a nasal sofre redução e a vogal núcleo do ditongo se altera.

Outro grupo analisado por Bopp da Silva (2005) foi *tonicidade do contexto seguinte*. Battisti (2002), apesar de não ter investigado essa variável, sinalizou para sua importância, ao observar, em seus dados, que o contexto seguinte átono apresenta maior influência na redução da nasalidade do que o contexto tônico. Essa hipótese foi confirmada na análise de Bopp da Silva (2005).

### **3 Variáveis analisadas**

Nesta seção são apresentadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas investigadas no presente estudo. Essas variáveis são inspiradas preponderantemente nas análises de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), com

ajustes advindos de algumas das conclusões dessas autoras, e adequadas à estratificação que ora propomos.

### **3.1 Variável dependente**

Ditongos nasais átonos finais podem apresentar mais de um tipo de variação. Há casos em que a nasalidade é mantida, mas a vogal-núcleo da sílaba é alterada (ex. *órgão* ~ *órgum*; *cantarem* ~ *cantarim*); há outros em que a nasalidade se perde junto com a redução do ditongo (*órgão* ~ *órgu*; *cantarem* ~ *cantari*). Como o foco de nossa pesquisa é a redução da nasalidade, consideramos tão-somente este segundo caso como "aplicação" do processo, enquanto todos os demais foram tratados como "não-aplicação".<sup>2</sup>

### **3.2 Variáveis independentes**

#### **3.2.1 Variáveis extralinguísticas**

Tendo em vista nosso propósito de traçar um panorama do processo no sul do Brasil, procuramos organizar nossa amostra da forma mais fiel possível à estratificação adotada pelo PROJETO VARSUL. Não consideramos, contudo, a variável *sexo*, já que esta não se mostrou preponderante nas análises anteriores. Além disso, ignoramos a escolaridade *ginásio* (5-8 anos), para podermos visualizar melhor o contraste entre os dois pólos de escolaridade de que o Banco dispõe. Assim, no que tange aos fatores extralinguísticos, foram considerados os grupos que seguem.

---

<sup>2</sup> Ilustrando, considera-se aplicação do processo, (1), casos como [kãn'tari], para *cantarem*. Os demais casos são contabilizados como não-aplicação, (Ø): [kã'tarẽj]/ [kãn'tarĩj]/ [kãn'tarĩ].

#### Quadro 1- Variáveis extralinguísticas

<i>Localização geográfica</i> Porto Alegre, São Borja, Panambi, Flores da Cunha (RS) Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages (SC) Curitiba, Londrina, Pato Branco, Irati (PR)
<i>Idade</i> De 25 a 50 anos 51 anos ou mais
<i>Escolaridade</i> 0-4 anos (primário) 9-12 anos (segundo grau)

Foram selecionadas 3 entrevistas para preencher cada célula social, perfilando um total de 144 informantes, sendo 12 de cada uma das 12 cidades investigadas.<sup>3</sup>

#### 3.2.2 Variáveis linguísticas

Como se afirmou, os grupos de fatores linguísticos estudados foram inicialmente motivados pelos trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005) e sofreram algumas implementações oriundas de novas hipóteses que foram sendo construídas ao longo da pesquisa. Esses grupos são discriminados no quadro a seguir.

---

<sup>3</sup> Dessas entrevistas, 47 provêm da análise de Battisti (2002) e 24, da análise de Bopp da Silva (2005), tendo sido recodificadas para adequar-se à nossa estratificação.

Quadro 2- Variáveis linguísticas

Grupos de fatores	Exemplos
<i>Classe de palavra</i>	
Nomes com <i>gem</i> na raiz	<i>homenagem</i>
Nomes com sufixo <i>-gem</i>	<i>reciclagem</i>
Nomes	<i>homem</i>
Verbos	<i>cantaram</i>
<i>Consoante do onset</i>	
Consoante nasal	<i>am<u>a</u>m</i>
Consoante não-nasal posterior	<i>fi<u>c</u>am</i>
Consoante não-nasal anterior	<i>estu<u>d</u>am</i>
Onset vazio	<i>sa<u>e</u>m</i>
<i>Tonicidade do contexto seguinte</i>	
Átona	<i>vieram <u>m</u>orar</i>
Tônica	<i>sabiam <u>d</u>isso</i>
<i>Contexto fonológico seguinte</i>	
Vogal	<i>falam <u>a</u>lemão</i>
Consoante não-nasal	<i>falam <u>d</u>iferente</i>
Pausa	<i>falam#</i>
Consoante nasal	<i>falam <u>m</u>ais</i>

#### 4 Resultados e discussão

Foram levantados 9.313 contextos de aplicação do processo nos dados analisados. Uma vez codificados, foram submetidos ao programa estatístico GOLDVARB X (2005)<sup>4</sup>, versão para ambiente Windows do Pacote VARBRUL.

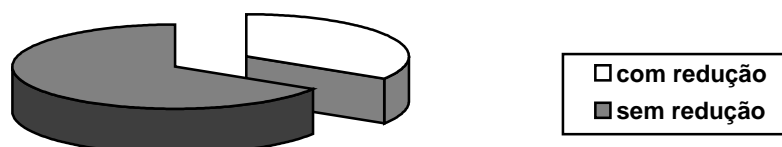
Todos os grupos de fatores foram selecionados pelo Programa, nesta ordem: *localização geográfica, classe de palavra, contexto seguinte, idade, escolaridade, consoante do onset e tonicidade do contexto seguinte*. Nossa exposição dos resultados e respectiva discussão seguirão, pois, esta relação.

<sup>4</sup> Programa disponível para *download* no site <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>.

#### 4.1 Localização geográfica

A ocorrência geral de aplicação do processo ficou em 34%, indicando sua modesta aplicação se considerada a Região Sul como um todo.

Gráfico 1 - Aplicação geral do processo de redução da nasalidade na Região Sul



Quanto à aplicação nos estados investigados, nossos resultados se assemelham aos de Battisti (2002), isto é, com aplicação acima do ponto neutro em SC e abaixo no RS e no PR. Todavia, olhando-se separadamente para cada uma das cidades analisadas, esse resultado não se mantém integralmente. É o que se observa na Tabela 1.

Tabela 1 - Localização geográfica

<b>Fatores</b>		<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Florianópolis	SC	496/701	71	0,84
Lages	SC	372/858	43	0,65
Porto Alegre	RS	290/737	39	0,57
Londrina	PR	196/502	39	0,53
Pato Branco	PR	209/671	31	0,50
Blumenau	SC	308/981	31	0,48
Irati	PR	223/766	29	0,45
São Borja	RS	232/846	27	0,43
Chapecó	SC	251/907	28	0,44
Curitiba	PR	201/768	26	0,40
Panambi	RS	243/991	25	0,36
Flores da Cunha	RS	123/585	21	0,35
<b>Total</b>		3144/9313	34	

Input: 0,320

Significância: 0,009

A observação cuidadosa da tabela acima mostra que a análise por estados é pouco informativa no caso da amostra em questão, uma vez que os três estados estão representados tanto no grupo de cidades para as quais registraram-se probabilidades acima do ponto neutro quanto no grupo daquelas que apresentaram pesos inferiores a 0,50. No topo, com probabilidades mais altas, estão duas cidades de SC, Florianópolis e Lages, seguidas pela capital do RS, Porto Alegre, e por duas cidades do PR, Londrina e Pato Branco. Abaixo do ponto neutro, estão duas cidades do PR, Irati e Curitiba, uma de SC, Chapecó, e três do RS, São Borja, Panambi e Flores da Cunha.

Esse resultado, ainda que não perfeitamente isomórfico com a análise por estado empreendida por Battisti (2002), não contraria necessariamente sua análise, se considerarmos que a estratificação utilizada pela autora levou em conta, para SC, as cidades de Florianópolis, Lages e Chapecó; para o RS, Porto Alegre, Flores da Cunha e São Borja; para o PR, Curitiba, Irati e Londrina. No caso de SC, único estado para o qual Battisti obteve um peso acima do ponto neutro, possivelmente as cidades de Florianópolis e Lages sejam as principais responsáveis por esta alta aplicação. Quanto ao RS, o segundo estado em aplicação no *ranking* obtido pela autora, é provável que as cidades de Flores da Cunha e São Borja estejam forçando a baixa aplicação. Por fim, sua análise apresenta os números mais baixos para o PR, o que, se considerada nossa análise, justifica-se pela influência dos reduzidos pesos de Curitiba e Irati. Entre as localidades para as quais se obtiveram pesos mais baixos, encontram-se aquelas com influência de outras línguas, revelando uma tendência preservadora da modalidade padrão, como apontou Bopp da Silva (2005) para Panambi, região de bilinguismo alemão-português.

#### **4.2 Classe de palavra**

Numa rodada anterior à utilizada como referência para produção deste texto, o exame da variável *classe de palavra* mostrou que o fenômeno de redução da nasalidade é favorecido em nomes: primeiramente naqueles sufixados por -

*gem* e, em seguida, nos nomes em geral. O mesmo não ocorre com a classe dos verbos, que se mostra, ao contrário, inibidora do processo.<sup>5</sup>

Tabela 2 - Classe de palavra

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Nomes em <i>-gem</i> ( <i>camaradagem</i> )	119/174	68	0.81
Nomes ( <i>homem</i> )	347/652	53	0.71
Verbos ( <i>compraram</i> )	2678/8487	32	0.48
<b>Total</b>	<b>3144/9313</b>	<b>34</b>	

Input: 0, 323      Significância: 0,008

Esse resultado parece bem motivado do ponto de vista morfológico. A maior aplicação em palavras sufixadas por *-gem* pode ser explicada por um possível padrão alomórfico desse sufixo no PB que acomodaria a variante reduzida e a não-reduzida. A maior aplicação do processo em nomes do que em verbos permite identificar uma tendência de manutenção da informação morfológica presente na terminação verbal nasal, uma vez que se trata de informação flexional; o que não se observa nos nomes.

Esse resultado é condizente com o que verificaram Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005). Sua apreciação mais detida, todavia, sugeriu-nos dois encaminhamentos. Primeiramente, preocupamo-nos em verificar a recorrência de dados em nossa pesquisa, a fim de saber se a categoria *nomes* não incluía vocábulos que se repetiam, expressando muito mais um padrão de reestruturação da forma subjacente da raiz dos vocábulos do que necessariamente um fenômeno de redução da nasalidade. Em segundo lugar, decidimos subdividir a categoria dos verbos nas diversas formas encontradas, a fim de explorar a hipótese de que nos verbos cujas formas conjugadas reduzidas se neutralizam com outras formas não-reduzidas (ex. *eles compram* ~ *eles compru* = *eu compru*), o processo teria ainda menor aplicação.

<sup>5</sup> Nomes terminados em *gem* não-sufixados (ex. *homenagem*) foram incluídos na categoria "nomes em geral", nesta rodada.

Em relação ao primeiro encaminhamento, observamos grande recorrência dos seguintes vocábulos: *homem* (239), *jovem* (78), *viagem* (65) e *origem* (56), de um total de 645 nomes. Procedemos a uma rodada excluindo esses dados e a outra considerando cada uma dessas palavras como um fator em separado. Verificamos a manutenção da ordem dos resultados, razão por que decidimos mantê-los na análise e desconsiderar, por ora, a hipótese de reestruturação da forma subjacente dessas raízes.

No que respeita ao segundo encaminhamento, dividimos os verbos por tempo verbal, a fim de verificar se aqueles que são passíveis de neutralização com outro tempo, isto é, o *imperativo*, o *presente do subjuntivo*, o *presente do indicativo* e o *pretérito imperfeito do subjuntivo*, resistiam mais ao processo do que aqueles que não se neutralizam, ou seja, o *futuro do subjuntivo*, o *infinitivo pessoal*, o *pretérito imperfeito do indicativo*, o *futuro do pretérito do indicativo* e o *pretérito perfeito do indicativo*.



Tabela 3 - Classe de palavra com subdivisão de tempos verbais

<b>Fatores</b>		<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Nomes com sufixo <i>-gem</i>	( <i>reciclagem</i> )	120/175	69	0.81
Nomes com <i>gem</i> na raiz	( <i>origem</i> )	98/159	62	0.79
Nomes	( <i>homem</i> )	119/224	53	0.67
Pretérito perfeito do indicativo	( <i>cantaram</i> )	1050/2518	42	0.59
Pretérito imperfeito do subjuntivo	( <i>cantassem</i> )	36/96	38	0.52
Presente do indicativo	( <i>cantam</i> )	886/2985	30	0.46
Presente do subjuntivo	( <i>cantem</i> )	35/122	29	0.45
Futuro do pretérito do indicativo	( <i>cantariam</i> )	9/43	21	0.42
Imperativo	( <i>cantem</i> )	5/22	23	0.41
Pretérito imperfeito do indicativo	( <i>cantavam</i> )	618/2488	25	0.40
Infinitivo pessoal	( <i>cantarem</i> )	10/54	19	0.37
Futuro do subjuntivo	( <i>cantarem</i> )	29/160	18	0.30
<b>Total</b>		<b>2916/8885</b>	<b>33</b>	
Input: 0,320		Significância: 0,009		

Em relação aos nomes, a tabela acima mostra que não há alteração significativa de resultado quando se separam nomes em *-gem* sufixados de nomes em *gem* na raiz. Duas explicações são possíveis neste caso. A primeira, de base puramente fonológica, seria a de que a consoante palatal precedente estaria atuando como motivadora do processo de redução quando combinada com o ditongo [ẽj]. Nossa análise não nos permite, todavia, emitir conclusões nesse sentido, já que não investigamos pontos de articulação em separado, mas incluímos as palatais na categoria das consoantes não-nasais posteriores, o que, em certa medida, obscurece a identificação do papel dessa classe. A segunda

explicação para o papel pouco discriminado entre *gem* no sufixo ou na raiz pode ser de base lexical. O sufixo *-gem* poderia apresentar uma variação infiltrada no sistema, apontando para um padrão alomórfico (*-gem / -ge*) que se estenderia paradigmaticamente a formas não-sufixadas - muitas, inclusive, previstas no léxico institucionalizado do português, em pares como *garagem ~ garage* - algumas delas como herança de um galicismo. Essa explicação é, em parte, justificada pelos números, que hierarquizam as formas sufixadas acima dos nomes com *gem* na raiz e estes, por sua vez, acima dos nomes em geral.

No que diz respeito aos verbos, os dados da tabela 3 confirmam o resultado anteriormente obtido: verbos, significativamente, estão menos sujeitos à redução da nasalidade de ditongos finais átonos do que nomes. Esses resultados, todavia, não permitem confirmar de pleno a hipótese de que formas não-neutralizáveis estariam mais sujeitas à redução do que formas neutralizáveis. Entre as formas não-neutralizáveis, apenas o pretérito perfeito do indicativo mostrou-se favorável ao processo. Além disso, entre as neutralizáveis, o pretérito imperfeito do subjuntivo também ficou acima do ponto neutro. Todas as demais formas verbais mostraram-se desfavorecedoras.

### **4.3 Contexto seguinte**

Em relação ao *contexto fonológico seguinte*, à semelhança dos resultados encontrados por Battisti (2002), observamos que vogais nesse contexto podem favorecer a redução da nasalidade, ao passo que contextos seguintes consonantais e pausa não se mostram favorecedores. Isso está na tabela 4.

Tabela 4 - Contexto seguinte

<b>Fatores</b>		<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Vogal	( <i>falam <u>a</u>lemão</i> )	1101/2819	39	0,59
Consoante não-nasal	( <i>falam <u>d</u>iferente</i> )	1230/3740	33	0,49
Pausa	( <i>falam#</i> )	489/1424	34	0,46
Consoante nasal	( <i>falam <u>m</u>ais</i> )	324/1330	24	0,40
<b>Total</b>		3144/9313	34	
Input: 0,320		Significância: 0,009		

Battisti (2002) sugeriu que tais resultados poderiam estar relacionados à tonicidade - fator não investigado em sua análise. Na seção 4.7, em que tratamos do grupo *Tonicidade do contexto seguinte*, apresentaremos o cruzamento promovido entre essas variáveis, a fim de explorar essa hipótese.

#### 4.4 Idade

O próximo grupo de fatores selecionado foi *idade*. Aqui observamos que os mais jovens são os usuários preferenciais do processo, ainda que os números se aproximem do ponto neutro.

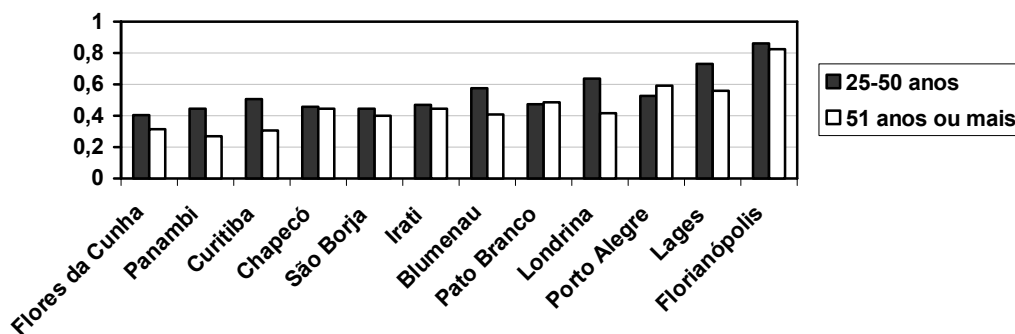
Tabela 5 - Idade

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
25-50 anos	1558/4157	38	0,55
51 anos ou mais	1559/5156	30	0,46
<b>Total</b>	3144/9313	34	
Input: 0,320		Significância: 0,009	

Bopp da Silva (2005) observou resultado similar a este. A autora notou ainda que falantes mais velhos bilíngues (da cidade de Panambi) são mais preservadores do ditongo. Apesar de nosso estudo não ter como foco o fenômeno

de bilinguismo, inspirados nesse resultado, decidimos cruzar a variável *idade* com a variável *localização geográfica*, na tentativa de identificar algum padrão relacional.

Gráfico 2 - Cruzamento *Idade e Localização Geográfica*



O gráfico de cruzamento acima nos mostra que na maioria das cidades estudadas a redução da nasalidade é mais comum entre os mais jovens. Nas cidades em que isso não se confirma, os números estão muito próximos, como é o caso de Porto Alegre (0,53 x 0,59) e Pato Branco (0,47 x 0,49).

#### 4.5 Escolaridade

No que tange à variável *escolaridade*, apesar da proximidade que os números têm do ponto neutro, observamos a preferência pela redução da parte dos menos escolarizados. É o que se vê na tabela 6.

Tabela 6 - Escolaridade

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Até 4 anos	1688/4608	37	0,54
De 9 a 12 anos	1456/4705	31	0,47
<b>Total</b>	<b>3144/9313</b>	<b>34</b>	
Input: 0,320	Significância: 0,009		

Esse é o mesmo resultado encontrado nos estudos aqui mencionados. Sua explicação, possivelmente, está no fato de que fenômenos fonológicos dessa natureza, ainda que operem abaixo do nível da consciência, podem sofrer algum tipo de controle da escrita, que vai aos poucos retroalimentando a língua falada e fazendo com que falantes mais escolarizados preservem determinadas estruturas fonológicas (cf. Schwindt, Quadros e Toledo, 2007).

Resolvemos cruzar a variável *escolaridade* com *idade*, cujos resultados estão na Tabela 7.

Tabela 7 - Idade *versus* Escolaridade

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
mais jovens – até 4 anos escola	818/1866	43,8	0,595
mais jovens – 9-12 anos escola	767/2291	33,5	0,514
mais velhos - até 4 anos escola	870/2742	31,7	0,486
mais velhos – 9-12 anos escola	698/2414	28,5	0,428
<b>Total</b>	<b>3144/9313</b>	<b>33,8</b>	
Input: 0,320	Significância: 0,009		

O cruzamento confirmou a seleção realizada pela rodada e permitiu identificar uma relação de subconjunto, isto é, a redução se aplica mais entre os mais jovens e, se esses forem menos escolarizados, essa aplicação é ainda mais significativa. O mesmo ocorre com os mais velhos: apesar de apresentarem aplicação abaixo do ponto neutro, ela é maior entre os menos escolarizados.

#### **4.6 Consoante do onset**

Nossos resultados mostraram que, no que tange à *consoante do onset*, há uma tendência maior à redução quando este segmento for nasal ou não-nasal posterior, ficando não-nasais anteriores e pausa abaixo do ponto neutro.

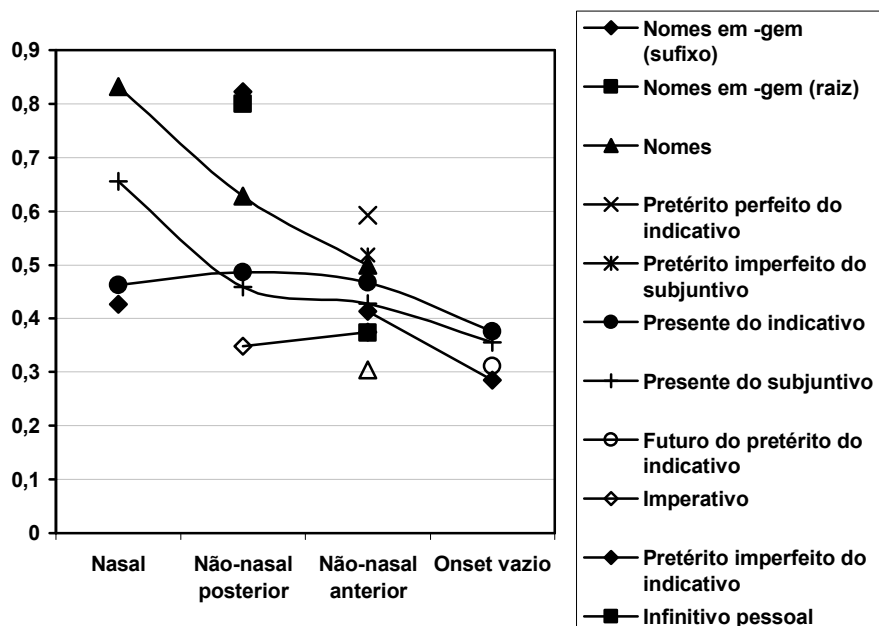
Tabela 8 - Consoante do onset

<b>Fatores</b>		<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Consoante nasal	( <i>amam</i> )	321/794	40,4	0,60
Consoante não-nasal posterior	( <i>fiçam</i> )	398/919	43,5	0,52
Consoante não-nasal anterior	( <i>estudam</i> )	2268/6774	33,4	0,50
Onset vazio	( <i>saem</i> )	157/826	19	0,38
<b>Total</b>		3144/9313	33,8	
Input: 0,320		Significância: 0,009		

Esse resultado é muito semelhante ao de Bopp da Silva (2005) e difere do de Battisti (2002), no sentido de que autora não encontra números acima do ponto neutro para nasais. O que há de comum nas três análises, porém, é o fato de que o onset vazio é o grande desfavorecedor em oposição ao onset preenchido, que apresenta números em torno do ponto neutro. O favorecimento da redução em ambientes nasais pode, todavia, estar sinalizando para algum tipo de evitação a sequências de nasais na mesma sílaba. Além disso, em relação às não-nasais posteriores, não podemos desconsiderar o fato de que a terminação *gem* está incluída neste grupo.<sup>6</sup> Nesse sentido, realizamos cruzamento entre as variáveis *consoante do onset* e *classe de palavra*, para verificar algum predomínio de padrão fonológico relacionado a um tipo específico de morfema.

<sup>6</sup> Aqui cabe observar que a rodada sem os nomes recorrentes preserva este resultado para *consoante do onset*.

Gráfico 3 - Cruzamento Classe de palavra e Consoante do onset



O gráfico acima permite algumas constatações: no contexto de consoantes nasais, a redução ocorre preponderantemente em formações nominais e no presente do subjuntivo; com não-nasais posteriores, o predomínio da aplicação está nas formações nominais - onde se encontram os vocábulos terminados em *gem*, sufixados ou não; no contexto de não-nasais anteriores, a aplicação do processo se destaca nas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo e do imperfeito do subjuntivo; por fim, com onsets vazios, a aplicação do processo é muito reduzida e só atinge formas verbais.

#### 4.7 Tonicidade do contexto seguinte

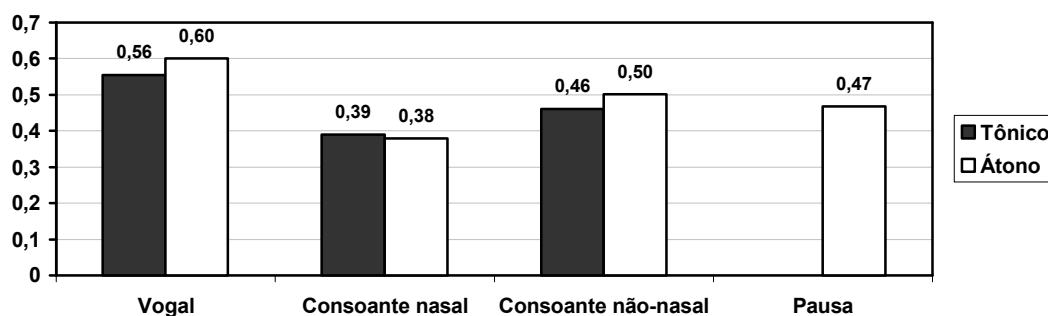
Ainda que os números aproximem-se muito do ponto neutro, a investigação da tonicidade do contexto seguinte confirmou a hipótese, prevista na literatura, de que contextos átonos são mais favorecedores da redução dos ditongos átonos finais do que os contextos tônicos. É o que se vê na Tabela 9.

Tabela 9 - Tonicidade do contexto seguinte

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Átona ( <i>vieram <u>morar</u></i> )	2170/6119	35,5	0,51
Tônica ( <i>sabiam <u>d</u>isso</i> )	974/3194	30,5	0,47
<b>Total</b>	3144/9313	33,8	
Input: 0,320		Significância: 0,009	

Conforme anunciamos, realizamos o cruzamento dessa variável com *Contexto seguinte*, apresentado na Tabela 4, a fim de verificar uma possível correlação.

Gráfico 4 - Cruzamento *Tonicidade do contexto seguinte* e *contexto seguinte*



Os resultados deste cruzamento são transparentes com os observados nas Tabelas 4 e 9. Recordemos que a Tabela 4 aponta para vogais como o único contexto favorecedor do processo, ao passo que a Tabela 9 mostra que contextos seguintes átonos são mais propícios do que contextos tônicos. Ao cruzar esses resultados, observamos que são vogais átonas no contexto seguinte o ambiente preferido pelo fenômeno em estudo, muito proximamente seguidas pelas vogais tônicas. Para os demais contextos, contudo, a tonicidade parece ser irrelevante.

## 5 Conclusões

Dado que o processo de redução da nasalidade em sílaba átona em final de vocábulo aplicou-se em 34% dos 9.313 contextos levantados, podemos afirmar que este fenômeno tem ocorrência moderada, com tendência para baixo, no



português falado no sul do Brasil. Esta foi uma constatação de Battisti (2002) e de Bopp da Silva (2005), agora ratificada com um considerável acréscimo de dados, atingindo todas as cidades contempladas no PROJETO VARSUL.

Apesar dessa aplicação geral moderada, a análise detalhada da variável *Localização geográfica*, primeiro grupo selecionado pelo VARBRUL, mostrou não haver regularidade de aplicação do processo nas diferentes cidades estudadas. Florianópolis / SC, Lages / SC, Porto Alegre / RS e Londrina / PR lideram a aplicação do processo, com números acima do ponto neutro. Entre os números mais baixos, encontram-se cidades em que se pode observar influência de outra língua. O agrupamento das cidades por estados também não revelou regularidade, já que os três estados estão representados tanto no grupo de cidades para as quais registraram-se probabilidades acima do ponto neutro quanto no grupo daquelas que apresentaram pesos inferiores a 0,50. Permanece em aberto, contudo, um critério capaz de agrupar de forma objetiva as cidades estudadas a partir de seu comportamento diante desse fenômeno.

Ainda no âmbito das variáveis extralinguísticas, foram selecionadas as variáveis *Idade* e *Escolaridade*. Apesar dos números próximos do ponto neutro, os resultados mostraram que os mais jovens e que os indivíduos menos escolarizados aplicam mais o processo. O cruzamento entre *Idade* e *Localização geográfica* não mostrou nenhum padrão específico; apenas a manutenção da preponderância de aplicação entre os mais jovens nas diversas cidades. O resultado obtido para *Escolaridade* pode estar relacionado com algum tipo de controle exercido pela escrita.

Entre as variáveis linguísticas selecionadas, a que suscitou maiores investigações foi *Classe de palavra*. Uma primeira rodada nos apontou que a regra é condicionada morfológicamente, dada a diferença de aplicação entre nomes e verbos. Nomes terminados em *gem*, tanto na raiz quanto no sufixo, são os campeões de aplicação, seguidos dos nomes em geral. Exploramos para a alta aplicação nos nomes em *gem* uma hipótese de base puramente fonológica e outra, para a qual tendemos, de base lexical. Em relação à distinção nomes / verbos, na medida em que ficou evidenciado que os verbos eram mais resistentes ao processo, aventamos que isso poderia ser efeito do papel mórfico da nasal nessas formas, isto é, que o processo poderia apresentar maior resistência à

aplicação do processo quando a forma verbal produto da nasal reduzida se confundisse com outra forma verbal. O desmembramento do fator *Verbo*, contudo, não confirmou nossa expectativa, uma vez que mostrou que os tempos verbais neutralizáveis não são necessariamente mais resistentes ao processo do que os tempos não-neutralizáveis. Entre os tempos que figuram acima do ponto neutro estão o pretérito perfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Os outros grupos de fatores linguísticos selecionados foram *Consoante do onset*, *Contexto seguinte* e *Tonicidade do contexto seguinte*. Quanto a *Consoante do onset*, apenas onsets vazios se mostraram como desfavorecedores; entre os favorecedores, não se observou grande diferença entre os resultados. O cruzamento, entretanto, desse grupo com *Classe de palavra*, mostrou preponderância de alguns contextos fonéticos em algumas formas verbais específicas. O exame dos grupos *Contexto Seguinte* e *Tonicidade do contexto seguinte*, bem como o cruzamento entre esses grupos, mostrou que o processo é favorecido quando o ditongo é seguido por uma vogal átona. Para os demais contextos, contudo, tanto o contexto fonológico seguinte quanto sua tonicidade parecem ser irrelevantes.

# A REDUÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES SEGUIDOS POR FRICATIVA EM CODA NO AÇORIANO-CATARINENSE

Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)

## 1 Introdução

O processo variável de redução verificado em ditongos decrescentes seguidos por fricativa alveolar (com em [sejs] ~ [ses] para *seis*) ou palato-alveolar (como em [sejʃ] ~ [seʃ] para *seis*) é observado neste estudo. A amostra em exame que faz parte do banco de dados do VARSUL refere-se ao português falado em Florianópolis, Santa Catarina, reconhecidamente influenciado pela colonização açoriano-madeirense iniciada no século XVIII.

Registros dessa redução são apontados no português europeu (doravante PE) por Leite de Vasconcelos (1911), para quem o ditongo [aj] poderia reduzir-se a [a] em contextos como *mas* para *mais* e *vas* para *vais*, quando diante de outro vocábulo, ou antes de pausa, como em *pombas* para *pombais*. O sul de Portugal é identificado como região produtora da redução de [ej] tônico em *seis* por Boléo (1975, p. 335), que também registra a produção de [õj] para [õjʃ] em *botões* e *berbigões* como um traço característico do algárvio presente no baixo-alentejano. O sul e centro do país são apontados por Gonçalves (2000) como regiões de acentuada relutância no uso de ditongos decrescentes diante de fricativa em casos como *animas* (*animais*); *não quero mas* (*mais*); *sés* (*seis*); *farnés* (*farnéis*); *lençós* (*lençóis*); *depôs* (*depois*); *cãs* (*cães*); *pãs* (*pães*); *fejôs* (*feijões*).

Com relação à variedade insular do PE, a Ilha Terceira e a Ilha de São Miguel são apontadas como produtoras da redução de [aj] em *mais* e *vais* (cf. Maia, 1965; Pavão, 1981), fato identificado como prova do aspecto arcaizante do falar micalense, já que tais ocorrências são localizadas em clássicos quinhentistas<sup>1</sup> (cf. Pavão, 1981, p. 66). A redução de [õjʃ] para [õj] é novamente registrada por Boléo (1975, p. 338) como presente também no falar madeirense.

---

<sup>1</sup> “Se tu, que livre vás, vás murmurando,  
Que farei eu cativo, estando ausente...”  
(Diogo Bernardes., 1596)

Para o português brasileiro, há os registros de Almeida (2005) para o português falado em Cuibá-MT, onde a absorção do glide de [aj] pela consoante [j] que segue o ditongo é apontada em *mas* para *mais*; *dezeses* para *dezeseis* e *ses* para *seis*. Com relação à variedade em exame neste estudo, o açoriano-catarinense, há indicações da redução em Furlan (1989), para quem a sílaba tônica é o contexto preferido, conforme se observa em *vais*, *seis*, *réis*, *dois*, *azuis*, *jornais*, *anzóis*, *corações*, *queis*. Defende ainda o autor que o processo ocorre em todos os níveis sociolinguísticos, incluindo apenas um pequeno percentual dos que produzem a fricativa em coda como alveolar.

Sendo um processo vinculado ao PE, com raízes no português arcaico, a produção da redução do ditongo decrescente diante de /S/ parece ter sua presença ainda hoje justificada em Florianópolis-SC como uma herança da colonização açoriana, mantida ao longo dos anos principalmente nos distritos da Ilha mais distantes do centro urbano, como a Barra da Lagoa, núcleo pesqueiro que vivenciou certo isolamento do centro urbano até meados dos anos 70, e o Ribeirão da Ilha, uma das mais antigas freguesias da Ilha de Santa Catarina.

As questões que norteiam a descrição e a análise da redução do ditongo decrescente diante de /S/ neste estudo, abaixo relacionadas, têm como ponto de partida um processo caracterizado pela não implementação e consequente perda de força na variedade em questão. Desse modo:

- (a) Seria a monotongação diante de coda /S/ um processo que sobrevive no açoriano-catarinense em itens lexicais específicos ou seria condicionada foneticamente? De outro modo, perguntaríamos: seria de fato uma regra variável?
- (b) Em caso afirmativo, ou seja, sendo uma regra variável, quais seriam seus condicionamentos linguísticos? Os contextos apontados em registros do passado, referentes ao português europeu e ao açoriano, tonicidade e contexto seguinte, seriam de fato confirmados por análise quantitativa no açoriano-catarinense?
- (c) Sendo um processo de baixa aplicação, qual seria o grupo social identificado pela produção da redução? Seriam os idosos e de menor

escolaridade, o que indicaria de fato o enfraquecimento da monotongação em tal contexto?

Os procedimentos adotados para a condução da análise e verificação das questões norteadoras serão descritos a seguir.

## 2 Metodologia

O distrito de Florianópolis, conforme indica a Figura 1 a seguir, abrange o lado oeste da Ilha e sua porção continental leste. É nesse distrito que está a parte mais urbana do município, onde se localizam os órgãos administrativos estaduais e municipais, a universidade federal e estadual e a maior parte do comércio. O distrito do Ribeirão, representativo da presença açoriana pelo conjunto arquitetônico que dispõe, localiza-se na parte meridional da Ilha e abriga moradores que hoje mantêm estreita ligação com o centro urbano. Na costa leste está o distrito da Barra da Lagoa, reconhecido como um dos maiores núcleos pesqueiros e também turísticos do município de Florianópolis.

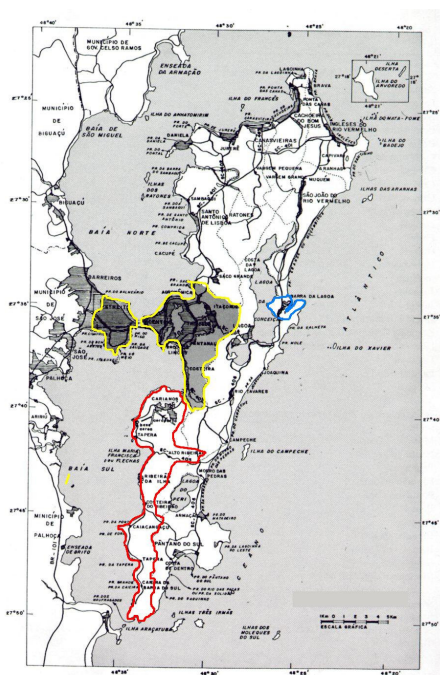


Figura 1 – Município de Florianópolis-SC: distritos em exame

A amostra inicial em exame contou com 72 informantes florianopolitanos, de três distritos da Ilha: Florianópolis (24 informantes), Ribeirão da Ilha (24 informantes) e Barra da Lagoa (24 informantes). Como foram retirados os dados produzidos por informantes que não apresentaram nenhum caso de monotongação (em número de 24), a amostra final passou a contar com 48 informantes, 22 homens e 26 mulheres, distribuídos pelas faixas etárias e anos de escolarização conforme indicam os Quadros 1 e 2:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes do sexo masculino de acordo com faixa etária e anos de escolarização

Sexo	Faixa Etária	Anos de Escolarização	No. de Informantes
MASCULINO	15 a 20 anos	0 a 5 anos	∅
		6 a 9 anos	1
		11 anos	1
		14 anos ou mais	∅
	25 a 40 anos	0 a 5 anos	2
		6 a 9 anos	5
		11 anos	2
		14 anos ou mais	1
	41 a 60 anos	0 a 5 anos	1
		6 a 9 anos	1
		11 anos	2
		14 anos ou mais	∅
	61 anos ou mais	0 a 5 anos	3
		6 a 9 anos	1
		11 anos	1
		14 anos ou mais	1
TOTAL DE INFORMANTES			22

Quadro 2 – Distribuição dos informantes do sexo feminino de acordo com faixa etária e anos de escolarização

Sexo	Faixa Etária	Anos de Escolarização	No. de Informantes
FEMININO	15 a 20 anos	0 a 5 anos	1
		6 a 9 anos	1
		11 anos	1
		14 anos ou mais	∅
	25 a 40 anos	0 a 5 anos	3
		6 a 9 anos	1
		11 anos	3
		14 anos ou mais	1
	41 a 60 anos	0 a 5 anos	4
		6 a 9 anos	4
		11 anos	1
		14 anos ou mais	∅
	61 anos ou mais	0 a 5 anos	3
		6 a 9 anos	1
		11 anos	1
		14 anos ou mais	1
TOTAL DE INFORMANTES			26

As 875 ocorrências obtidas foram codificadas com o auxílio do programa computacional Varbrul 2S, de acordo com os seguintes grupo de fatores:

Posição do /S/ no vocábulo: final absoluta ou final diante de vocábulo

Contexto Seguinte ao /S/: coronal, labial, dorsal ou zero

Sonoridade da Fricativa: [+ voz], [- voz]

Papel Morfológico do /S/: parte do radical, flexão nominal, flexão verbal

Sexo: masculino e feminino

Escolaridade: 0-5 anos, 6-9 anos, 11 anos, 14 anos ou mais

Faixa Etária: 15-20 anos, 25-40 anos, 41-60 anos, 61 anos ou mais

Distritos: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Barra da Lagoa

A observação inicial do corpus indicou que codas palato-alveolares são, de fato, os contextos preferidos pela redução, já que em codas alveolares o processo ocorreu em apenas 10 casos, a saber:

*mas* caseira (mais caseira): 01 ocorrência

*mas* depois (mais depois) : 03 ocorrências

*depos* (depois): 02 ocorrências

*galpos* de (galpões de ): 01 ocorrência

*mas* clientes (mais clientes): 02 ocorrências

*ses* (seis): 01 ocorrência

Verificou-se ainda que o corpus obtido apresentou pouca variedade de itens lexicais e consequente concentração em itens específicos, como indica o Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Redução do ditongo decrescente diante de /S/: itens lexicais do corpus

Item Lexical	Porcentagem	N
MAIS	49%	426
DEPOIS	19%	166
DOIS	9%	78
SEIS	5%	43
Outros	18%	162

Observa-se que praticamente a metade do corpus diz respeito a apenas um item, o advérbio *mais*. O advérbio *depois* e os numerais *seis* e *dois* perfazem quase outros 33%. Os 18% restantes envolvem outros itens lexicais que não chegam a um número significativo de repetições. Como exemplo, constam nesse grupo os substantivos *cais*, *pais*, *casais*, *canhões*, *aplicações*; o adjetivo *rurais*; outros advérbios, como *demais*, etc.

Devido, pois, às características da amostra, optamos por não realizar inicialmente a análise multivariada oferecida pelo programa computacional, mas antes preferimos observar a distribuição dos itens lexicais pelas regiões e pelos informantes a fim de justificarmos a busca por condicionamentos linguísticos e/ou sociais.



### 3 Descrição e Análise dos Resultados

Partindo da análise que considera a perspectiva do grupo, pode-se afirmar que a redução do ditongo diante de /S/ no açoriano-catarinense é produzida variavelmente a uma taxa de 27%. No entanto, ao deslocarmos o foco da análise para a perspectiva do indivíduo, o que se faz necessário devido à especificidade da amostra - concentração em dados específicos - a identificação do processo como de regra variável começa a ser questionada.

Com relação ao item lexical *mais*, observa-se no Quadro 4<sup>2</sup> a seguir que a maior parte dos informantes (29) o produz variavelmente. Parece não haver variação para 05 indivíduos, todos da Barra da Lagoa, em favor da forma reduzida, e para 11 indivíduos, distribuídos pelas três regiões, em favor da forma padrão. Tal situação poderia indicar que a variação intra-individual é o comportamento linguístico preferido com relação ao item lexical em questão, o que se confirma em uma leitura dos dados por região para Florianópolis e Ribeirão da Ilha, mas não para a Barra da Lagoa, onde 50% (5/10) dos informantes considerados produziram apenas a forma reduzida [maʃ] para *mais*.

Quadro 4 – Item lexical MAIS por Informante e Região<sup>3</sup>

Ocorrências	Informantes por Região	
maʃ , majʃ	FLO	a,b, c,d,f,g,i,j,o,p,q,r,t,@
	RIB	2,3,6,8,b,c,d,!,#,^,&,e,i
	BAR	s,y
maʃ	BAR	a,b,d,j,q
majʃ	FLO	l,s,u,x
	RIB	7,a,@,\$,
	BAR	w,u,n

<sup>2</sup> Os informantes que apresentaram apenas uma ocorrência de redução de ditongo crescente foram excluídos de todos os quadros apresentados neste estudo.

<sup>3</sup> Os informantes são identificados por símbolos, letras, números e sinais de acentuação gráfica.

Assim como o observado para *mais*, os informantes não se comportam sempre variavelmente quanto ao item lexical *depois*, conforme indica o Quadro 5 a seguir. Não há variação para 18 informantes, que preferem a forma não-reduzida, e para outros 2, da Barra da Lagoa, que produziram apenas a forma reduzida. A variação, por outro lado, está presente na fala de 12 informantes, oriundos de cada uma das três regiões. A tendência a um padrão individual mais homogêneo parece acentuar-se no Ribeirão da Ilha, onde 75% (9/12) dos informantes não variam quanto ao item em exame, preferindo sempre a forma não-reduzida.

Quadro 5- Item Lexical DEPOIS por Informantes e Região

Ocorrências	Informantes por Região	
depoj ,	FLO	i, l,q,s,u,t,@
depojf	RIB	7,b,^
	BAR	w,j
depoj	BAR	b,n
depojf	FLO	b,d,f,g,j,r,x
	RIB	p,6,a c,!,\$,&,e,i
	BAR	u,y

Para o item lexical *dois*, expresso no Quadro 6 a seguir, verifica-se que não há variação para 2 informantes, em favor da produção reduzida do ditongo, e para 9 informantes, em favor da produção não-reduzida. A variação está presente para 8 informantes, sendo Florianópolis a região onde a variação intra-individual é mais acentuada.

Quadro 6 – Item lexical DOIS por Informantes e Região

Ocorrências	Informantes por Região	
doj , dojj	FLO	b,g,q,t,u,
	RIB	2,b,&
doj	RIB	8,!
dojj	FLO	L,r,s,
	RIB	3,6,a, i, \$
	BAR	w

Com relação ao item *seis*, conforme o Quadro 7 a seguir, observa-se que a forma não-reduzida é a única produzida por 9 informantes. Há variação para 6 informantes. Não há informantes que produzam apenas a forma reduzida. Além disso, observa-se que tanto em Florianópolis quanto na Barra da Lagoa a variação intra-individual não é o comportamento preferido. No Ribeirão, constata-se um equilíbrio com relação à presença e à ausência de variação intra-individual.

Quadro 7 – Item lexical SEIS por Informante e Região

Ocorrências	Informantes por Região	
sej , sejj	FLO	u
	RIB	6,8,a,&
	BAR	y
sej	---	
sejj	FLO	b,l,s
	RIB	b,l,\$,i
	BAR	S,u

As informações apresentadas nos quadros anteriores indicam que não há um único informante que comprovadamente sempre varie, ou seja, tenha produzido sempre as duas formas, a reduzida e a não-reduzida, ou que nunca varie, ou seja, tenha produzido sempre a forma reduzida ou sempre a forma não-reduzida para os itens mais frequentes. Tal fato nos impede, portanto, de proceder a um reagrupamento dos informantes, o que significaria redefinir para o grupo a comunidade de fala, questão já levantada por Oliveira (1992). No entanto, o levantamento realizado parece indicar claramente que os informantes da Barra da Lagoa são, para todos os itens, os que menos variação intra-individual apresentam.

Os itens lexicais que não apareceram na amostra de forma frequente, codificados por “outros” no Quadro 3 anterior, revelam uma importante informação para a condução da análise. Conforme indica o Quadro 8 a seguir, não apenas advérbios e numerais têm seu ditongo variavelmente reduzido na amostra. Há também casos de redução do ditongo formado pela flexão nominal, como para os substantivos *país*, *aplicações*, *canhões* e *casais*; para os adjetivos *rurais* e *iguais*, e também pela flexão verbal, nesse caso somente em 02 ocorrências produzidas pelo informante 3 do Ribeirão da Ilha para o item *vais*. Desse modo, podemos concluir que a redução dos ditongos decrescentes diante de fricativa palato-alveolar nessa variedade não restringe-se apenas a itens lexicais específicos, mas também parece condicionar-se pela morfologia.

Quadro 8 – Outros Itens Lexicais: descrição por Informante e Região

Informantes <b>FLO</b>	Ocorrência	TOTAL DE APLICAÇÃO
B	demaʃ, jamaʃ	3
F	cajʃ, caʃ	7
I	paʃ, pajʃ	2
O	reʃ	1
Q	aplicasõʃ	1
U	caɾõʃ, caɾõjʃ	2
B	limoʃ	1
Informantes <b>RIB</b>		
3	vaʃ	2
B	demaʃ	1
C	casaʃ, iguaʃ	3
^	ruraʃ, rurajʃ	2

Optamos, portanto, por realizar uma análise multivariada, com o auxílio do programa computacional Varbrul 2S, na busca pela definição (ou confirmação) estatística dos condicionadores ao processo. As variáveis consideradas na análise multivariada foram as mesmas codificadas durante o processo de coleta das ocorrências descrito na seção 2.

Como estatisticamente relevantes pelo programa computacional, foram selecionadas as variáveis Papel Morfológico do /S/ e Sexo. Todas as outras variáveis foram selecionadas como estatisticamente não relevantes pela análise regressiva step-down.

Na Tabela 1 a seguir verifica-se exatamente o resultado esperado pela observação prévia dos dados. Com peso relativo de 0,65 está a flexão verbal que conta apenas com 05 casos. O ditongo como parte do radical, em casos como *mais, seis, depois, dois*, apresenta peso relativo ao redor do ponto neutro, de 0,53, acima do obtido para a flexão nominal, com 0,29.

Tabela 1 – Papel morfológico do /S/ e Redução do Ditongo diante de /S/

<i>FATOR</i>	<i>APLIC./TOTAL</i>	<i>PERCENTAGEM</i>	<i>PESO RELATIVO</i>
Radical <b>(maj)</b>	217/751	29	0,53
Flexão nominal <b>(ruraj)</b>	15/119	13	0,29
Flexão verbal <b>(vaj)</b>	2/5	40	0,65
<b>TOTAL</b>	234/875	27	
Input 0,26			
Significância 0,001			

Conforme indica o Quadro 8 anterior, os itens lexicais que compõem os 15 casos de redução indicados no fator flexão nominal da Tabela 1 correspondem a apenas 02 itens lexicais terminados em ditongo decrescente (*pai*), a 07 itens finalizados em *l* (*casal, igual, rural e real*) e a 06 itens em *ão* (*limão, galpão, aplicação e canhão*).

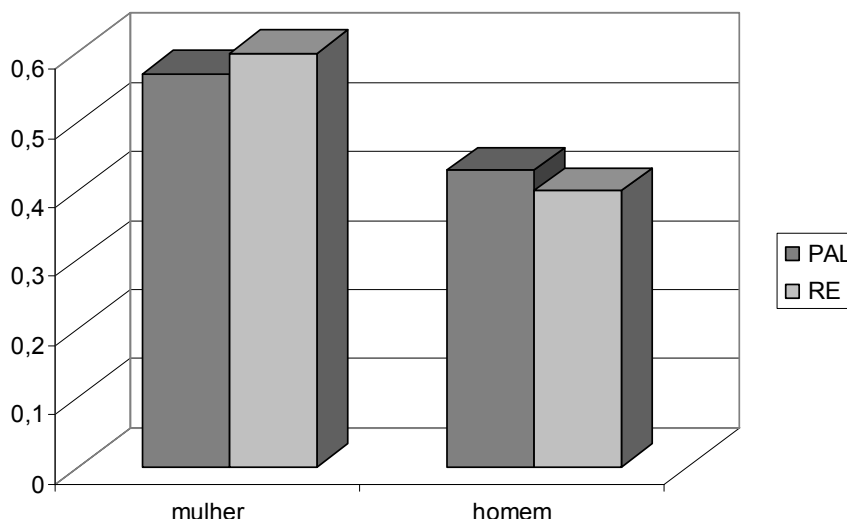
Os resultados para a variável Sexo, também selecionada como estatisticamente relevante pelo programa computacional, são apresentados na Tabela 2 a seguir. As mulheres, com peso relativo de 0,60, apresentam-se como mais favorecedoras à redução em relação aos homens, os quais apresentam peso relativo de 0,40.

Tabela 2 – Sexo e Redução de Ditongo diante de /S/

FATOR	APLIC./TOTAL	PERCENTAGEM	PESO RELATIVO
Feminino	152/489	31	0,60
Masculino	82/386	21	0,40
TOTAL	234/875	27	

Observa-se que o comportamento favorável à redução exibido pelas mulheres vai ao encontro do obtido para o processo de palatalização da fricativa em coda na mesma região (Brescancini, 2002), conforme mostra o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Palatalização da Fricativa Alveolar em Coda e Redução do Ditongo Decrescente diante de /S/ no açoriano-catarinense

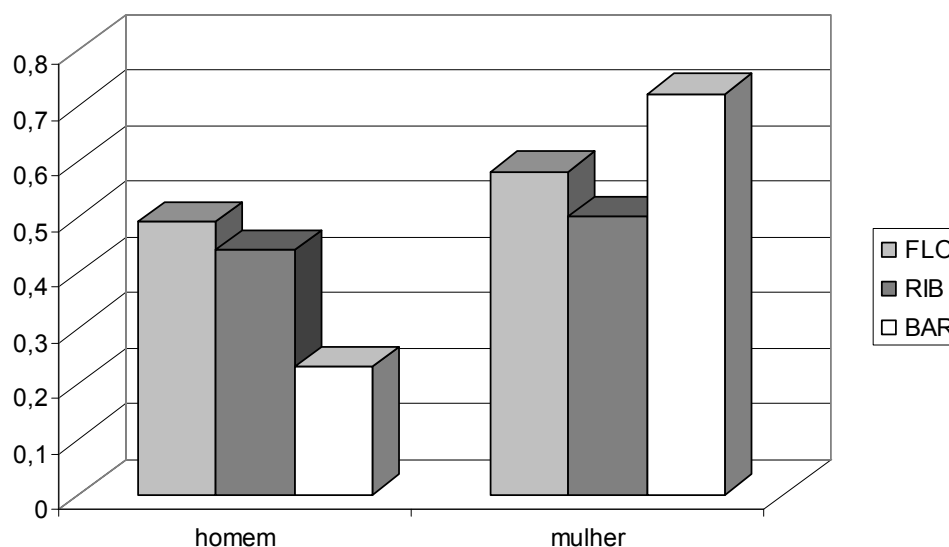


Quanto ao exame da regra variável de palatalização, o Gráfico 1 anterior indica que as mulheres apresentaram índice de 0,57 de favorecimento à variante palato-alveolar, acima, portanto, dos 0,43 obtidos para os homens. Tal fato parece confirmar, mais uma vez, a relação entre as duas regras, a de palatalização do /S/ e a de redução do ditongo decrescente em exame.

No entanto, enquanto para a regra variável de palatalização do /S/ as mulheres das três regiões em exame não apresentam diferenças significativas quanto aos índices de favorecimento à regra (cf. Brescancini, 2002, p. 310), observa-se, no Gráfico 2 a seguir, que para o processo de redução em exame o comportamento é diferente: as mulheres da Barra da Lagoa lideram em

favorecimento, com peso relativo de 0,72. As mulheres de Florianópolis, com peso de 0,58, e do Ribeirão, com peso de 0,50, apresentam índices mais aproximados.

Gráfico 2: Redução do Ditongo Decrescente diante de /S/: Sexo e Região



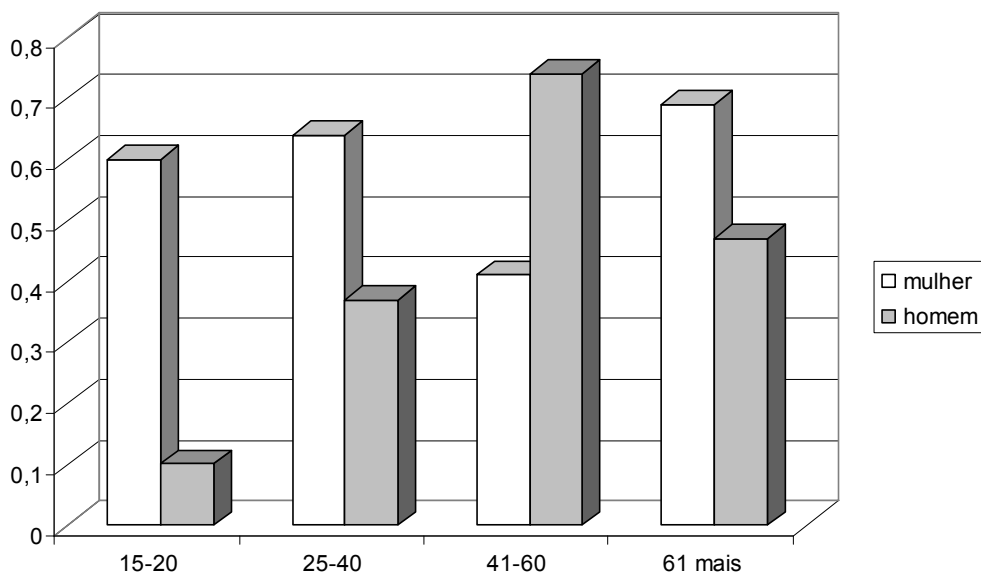
Com relação aos homens, o comportamento por região também difere daquele apresentado para a palatalização em coda, em que os homens de Florianópolis e Ribeirão apresentaram valores baixos e aproximados de favorecimento e os da Barra, o maior índice (cf. Brescancini, 2002, p. 310). Para a redução em exame, enquanto os homens de Florianópolis e do Ribeirão apresentam valores aproximados, o primeiro ao redor do ponto neutro (0,49) e o segundo, abaixo (0,44), os homens da Barra oferecem o menor índice de favorecimento, a saber 0,23.

Tal resultado parece indicar que, embora a fricativa palato-alveolar favoreça a redução do ditongo que a antecede, há de fato outros condicionamentos estruturais e lexicais que intervêm no processo. Além disso, aponta para a maior importância da variável Sexo em relação à variável Distritos.

Embora Faixa Etária não tenha sido selecionada como estatisticamente relevante, acredita-se que o cruzamento com a variável Sexo poderá informar a respeito do estágio em que o processo de redução do ditongo diante de /S/ encontra-se no açoriano-catarinense.

Os resultados, expressos no Gráfico 3, informam que o comportamento revelado na Tabela 2 não é real para todas as faixas etárias, já que os informantes masculinos entre 41 e 60 anos são os que mais produzem a redução (0,74), superando as mulheres da mesma faixa (0,41).

Gráfico 3 – Redução do Ditongo Decrescente diante de /S/:  
Sexo e Faixa Etária



Entre os adolescentes, nota-se diferença significativa entre os sexos: enquanto as mulheres apresentam peso relativo altamente favorecedor, de 0,60, os homens aplicam pouco a redução, o que é expresso pelo peso de 0,10. Na faixa seguinte, de 25 a 40 anos, novamente as mulheres superam os homens, com pesos expressos de 0,64 e 0,37, respectivamente. A faixa dos idosos, 61 ou mais, apesar de manter o favorecimento à redução como o observado para as mulheres (0,69 contra 0,47 para os homens), apresenta pesos relativos superiores aos obtidos para a faixa mais jovem (0,69 e 0,60 para mulheres e 0,47 e 0,10 para homens), o que parece indicar, para ambos os sexos, relativa perda de força da regra.

A análise conduzida a partir da perspectiva do indivíduo faz-se novamente necessária nesse caso a fim de que se possa compreender os altos valores apresentados no Gráfico 3 por alguns grupos. Índices de aplicação quase categóricos são verificados para a informante “q”, pertencente ao grupo das

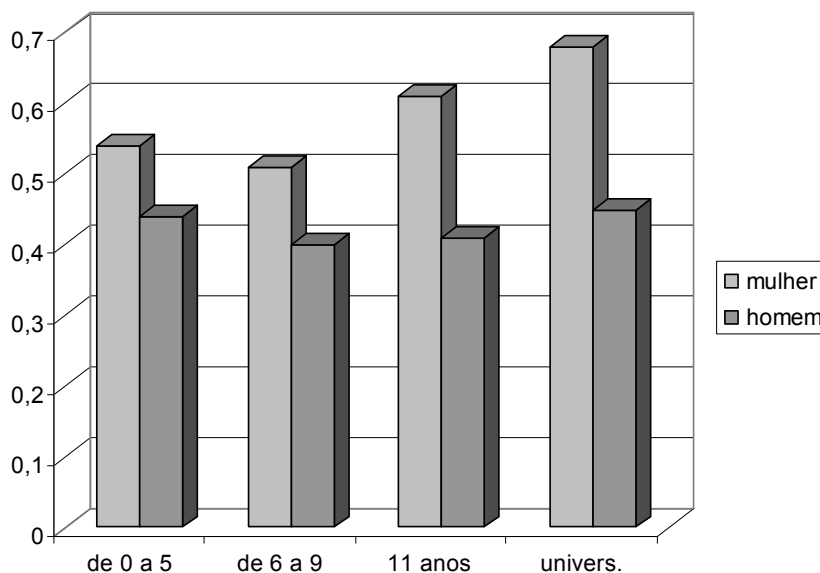


mulheres mais jovens, para o informante “d”, membro da faixa 41 a 60 anos, o que parece justificar o alto peso relativo apresentado pelos homens nessa faixa etária (0,74 contra 0,41 para as mulheres), e para a informante “l”, do grupo de idosos.

A fim de sugerir uma resposta quanto ao status que a redução apresenta no açoriano-catarinense, foi realizado um cruzamento entre Sexo e Escolaridade. Os resultados, expressos no Gráfico 4 a seguir, indicam que os pesos relativos obtidos para os homens não apresentam diferença significativa de uma faixa de escolaridade para outra, situando-se para todas elas abaixo do ponto de referência (a saber: 0,44, 0,40, 0,41 e 0,45, respectivamente, para 0-5 anos, 6-9 anos, 11 anos e nível universitário).

Para as mulheres, que apresentam valores em peso relativo mais elevados, ao redor do ponto neutro (para 6-9 anos) ou acima dele (para nível universitário, de 0,68; 11 anos de escolaridade, 0,61, e 0-5 anos de escolaridade, 0,54), os resultados indicam ausência de correlação entre produção da redução e baixa escolaridade, situação que poderia sinalizar para o baixo prestígio da produção.

Gráfico 4 – Redução do Ditongo Decrescente diante de /S/: Sexo e Escolaridade



Desse modo, podemos concluir que a redução do ditongo decrescente diante de /S/ caracteriza-se como um processo condicionado lexicalmente, mas

que ainda apresenta resquícios de condicionamento estrutural, especificamente o de cunho morfológico. Por apresentar como contexto seguinte preferencial a fricativa palatalizada, é possível apontar para a relação entre o processo em exame e o de palatalização em coda, o que se confirma pela preferência das mulheres à sua aplicação, assim como se verifica para a regra variável de palatalização.

A análise conduzida pela perspectiva do grupo aponta para uma regra variável de baixa aplicação, não confirmada pela análise conduzida a partir da perspectiva do indivíduo, já que as regiões apresentam diferentes graus de variação intra-individual. É possível identificar, nesse sentido, uma situação de polarização, com Florianópolis em um extremo, marcada por maior variação intra-individual, e Barra da Lagoa em outro, onde a variação intra-individual é menos provável.

É possível inferir que a redução do ditongo decrescente diante de coda fricativa palato-alveolar dá mostras de perda de força entre os mais jovens, principalmente os do sexo masculino. Quanto à avaliação social do processo, percebe-se, tanto para homens quanto para mulheres, ausência de correlação entre redução e prestígio. Os altos pesos relativos apresentados por mulheres escolarizadas dizem respeito a taxas altas de produção individual.

# AS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS NAS TRÊS CAPITALS DO SUL DO PAÍS

Maria José Blaskovski Vieira<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

## 1. Introdução

Estudos diacrônicos sobre o valor fonético das letras *e* e *o* no português apontam que, no século XVI, havia variantes ligeiramente levantadas dessas vogais em posição de final de palavra. Elas, no entanto, não se igualavam às realizações portuguesas [i] e [u]. Posteriormente, no português europeu, a maioria das vogais átonas não baixas sofreu um processo de redução para [ə ʊ]<sup>2</sup>, enquanto no português do Brasil, as vogais médias átonas finais sofreram um processo de elevação (NARO, 1973).

Essa elevação pode ser resultado de uma neutralização, “processo através do qual dois ou mais fonemas que se opõem em determinado contexto deixam de fazê-lo em outro” (CALLOU & LEITE, 2000, p. 76). A neutralização é um fenômeno corrente na fonologia do português brasileiro. Câmara Jr. (1970) atribui a esse processo a redução no número de fonemas nas posições átonas em comparação ao número de fonemas em posição tônica. Nessa posição, os fonemas /a e ε i o o u/ exercem função distintiva. Em decorrência da neutralização das vogais médias, emergem três subsistemas, com cinco /a e i o u/, quatro /a e i u/ e três vogais /a i u/, nas posições pretônica, postônica não final e postônica final, respectivamente.

A neutralização é, portanto, um processo que tem uma função estruturante no sistema do português. É a partir de sua aplicação que se define o número de fonemas em cada uma das posições da palavra: posição tônica, pretônica ou postônica. O condicionamento linguístico que desencadeia esse processo é

---

<sup>1</sup> Participaram deste trabalho, como bolsistas voluntários, os acadêmicos do Curso de Letras do UniRitter Simone Curt Farias e Roberto Nasi, a quem presto o meu profundo agradecimento.

<sup>2</sup> Uma redução que hoje se apresenta sistematicamente integrada no vocalismo do português europeu é a das vogais átonas finais e finais, no caso das formas proparoxítonas. (MARQUILHAS, 2003)

unicamente prosódico, já que é a definição do lugar do acento que determina a posição de aplicação da regra.

De acordo com Câmara Jr., a neutralização, cuja aplicação reduz o sistema para cinco vogais, é categórica na língua, independentemente da vogal média que se manifeste. Lopez (1979) também considera categórica, no dialeto carioca, a neutralização que reduz para três o sistema em posição postônica final. Entretanto, nos estados do sul do País, estudos mostram que, nessa posição, a realização é um processo variável. Também variável é a regra que se aplica sobre a posição postônica não-final.

Com base nesses fatos, este estudo tem como objetivo realizar análise do comportamento das vogais postônicas na fala de 16 informantes de cada uma das capitais dos estados do sul do País: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, comparando-a com outros trabalhos já realizados. Especificamente, a partir dos resultados encontrados, pretende-se discutir o fato de que o sistema átono final tende à estabilização, havendo dialetos, como o falado em Curitiba, em que a neutralização ainda não é um processo completo. Já o sistema átono não-final ainda tende a permanecer variável. Nesse sentido, é possível identificarem-se, para ambas as posições, contextos que motivam ora a manifestação das vogais altas, ora a manifestação das vogais médias.

## **2. Revisão de literatura**

No Brasil, são poucos os trabalhos de cunho variacionista que tratam da elevação das vogais médias postônicas. Em grande parte, isso se deve ao fato de não haver variação na forma de realização das vogais nessa posição, exceto nos estados da Região Sul do País.

Um dos primeiros estudos a descrever o comportamento de /e/ e /o/ postônicos foi o de Schmitt (1987), que, a partir da análise de dados<sup>3</sup> de fala de 12 informantes, relacionou estrutura prosódica e redução vocálica. Além das

---

<sup>3</sup> Os dados foram retirados de corpus coletado por Bisol no início da década de 80 e representa amostra de fala de indivíduos das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e Livramento.

vogais em posição postônica, também foram analisadas vogais que antecedem os sufixos especiais –inho e -mente.

A análise estatística apontou, para /e/ e /o/, a *etnia* e a *juntura* como fatores que influenciam o comportamento das postônicas, e a *consoante precedente*, a *consoante seguinte* e a *posição no sintagma*, como fatores que têm algum papel no comportamento da vogal /e/<sup>4</sup>. Quanto ao fator *juntura*, o estudo mostra que postônicas não finais e finais têm comportamento diferente: contextos sem juntura (vogais não finais das proparoxítonas e vogais finais de paroxítonas terminadas em consoante) tendem a preservar as vogais médias, enquanto contextos com juntura (vogais finais de palavra ou frase, vogais que antecedem sufixos especiais, vogais finais seguidas de vogais) tendem a ser favorecedores.

A partir dos resultados encontrados, Schmitt conclui que, no Rio Grande do Sul, a preservação das vogais médias em posição de final de palavra é reflexo da interferência de outra língua, o que poderia significar que em regiões em que essa interferência não ocorre, como é o caso de Porto Alegre, a regra de elevação de /e/ e /o/ aplicar-se-ia de forma quase categórica, sendo inibida linguisticamente nos contextos em que a vogal é seguida de consoante ou de outra sílaba (*caráter, nível, tráfego, gênero*).

Também com base no corpus coletado por Bisol, Vieira (1994), buscando mostrar que a pauta postônica, no Rio Grande do Sul, é composta de cinco vogais, analisa dados de fala de 28 informantes. Nesse estudo, em que a posição da vogal na palavra constituía um fator a ser examinado, sendo analisadas conjuntamente a postônica não-final e a final, verificou-se que a *localização geográfica* é o fator que tem maior peso no comportamento dessas vogais. Fatores linguísticos como *presença de vogal alta* adjacente à sílaba com vogal média, *segmento precedente* e *tipo de sílaba*, aberta ou fechada por fricativa ou soante, também exercem algum papel na elevação ou preservação dessas vogais. A exemplo de Schmitt (1987), os resultados dessa investigação permitem concluir que a formação étnica do estado é fator decisivo no comportamento das vogais médias postônicas.

---

<sup>4</sup> Em relação à vogal /e/, a análise apontou as consoantes velares e palatais, no *contexto precedente*, como condicionadoras da elevação, enquanto o tepe e a lateral alveolar como inibidoras. Já em relação ao *contexto seguinte*, apenas o tepe apresentou um papel inibidor, não sendo possível fazer generalizações quanto às outras consoantes.

Estudo realizado por Roveda (1998), com dados do VARSUL, busca descrever o comportamento das médias postônicas finais a partir da análise da fala de 48 informantes, dos quais 24 eram monolíngues, das cidades de Porto Alegre e Florianópolis, e 24 bilíngues, das cidades de Flores da Cunha e Chapecó, de colonização italiana. Os resultados indicam que nos falantes monolíngues, a aplicação da regra de elevação da átona final é quase categórica, enquanto os falantes bilíngues mostram baixa aplicação. Em relação aos condicionantes linguísticos, contextos de *juntura* favorecem a elevação; sílabas fechadas por líquidas tendem a preservar as vogais médias e sílabas abertas ou fechadas por /S/ e /N/ tendem a condicionar a sua elevação; e no *contexto precedente*, as consoantes altas, dorsais e palatais, favorecem a elevação de /e/ e as labiais, a elevação de /o/.

Carniato (2000) analisou o comportamento das vogais médias postônicas finais na fala de 12 informantes<sup>5</sup> residentes em Santa Vitória do Palmar, cidade localizada no extremo sul do país. Foram controladas as variáveis sociais *idade* e *escolaridade* e as variáveis linguísticas *contexto vocálico precedente*, *segmento precedente*, *segmento seguinte*, *tipo de sílaba*, *classe gramatical* e *estrutura da sílaba*. A análise estatística apontou a variável *idade* como o fator de maior peso no comportamento das vogais médias: informantes com idade entre 13 e 18 anos apresentam índices favoráveis à elevação de ambas as vogais; informantes com mais de 50 anos, por sua vez, tendem a preservá-las. Esses resultados são atribuídos ao longo período de isolamento em função das precárias condições de acesso ao município e ao estreito contato com falantes do espanhol em consequência da proximidade com Uruguai.

Vieira (2002) descreve separadamente o comportamento das postônicas finais e não-finais a partir da análise de fala de oito informantes de cada uma das cidades que compõem o Banco de Dados VARSUL. A análise estatística apontou, para ambas as vogais, o *contexto precedente* como um dos maiores responsáveis pelo comportamento variável dessas vogais em posição postônica não-final: consoantes labiais favorecem a elevação de /o/ e fricativas s/z, a elevação de /e/. A presença de vogal alta na palavra também mostra-se favorecedora da elevação de /e/ em ambas as posições e de /o/, na posição final. Além disso, o *tipo de*

---

<sup>5</sup> Para a realização dessa pesquisa, houve a necessidade de coleta de dados, feita pela autora.

*sílaba* em que se encontra a postônica final é um dos fatores relevantes na definição do comportamento das vogais médias: palavras acabadas em sílaba fechada por soante tendem a preservá-las, enquanto sílabas fechadas pela fricativa /s/ tendem a elevá-las.

De uma maneira geral, o estudo apontou uma tendência de os falantes do Rio Grande do Sul elevarem tanto a vogal /e/ quanto a vogal /o/, os falantes de Santa Catarina apresentarem uma atitude neutra porque elevam praticamente na mesma medida em que preservam essas vogais, e os falantes do Paraná tendem a preservar as vogais médias. Na análise dos resultados por cidade, o estudo revelou que Porto Alegre é a capital que mais eleva as vogais /e/ e /o/ tanto em posição postônica final quanto não-final. Já Curitiba é a capital que mais preserva as vogais médias em posição não-final, enquanto as cidades de Flores da Cunha e Chapecó, de colonização italiana, junto com Irati, de colonização eslava, são as que mais preservam /e/ em posição átona final.

Com base nos pressupostos da teoria de Difusão Lexical, Ribeiro (2007) analisa o alçamento das vogais médias postônicas não-finais no dialeto de Belo Horizonte, Minas Gerais, a partir de dados coletados em diferentes pontos do município. Tendo em vista que essas vogais são específicas de vocábulos proparoxítonas, itens de natureza e uso restritos, foi necessária a utilização de dois instrumentos de coleta de dados, uma entrevista informal e um teste de nomeação de figuras, para a obtenção dos dados necessários à análise.

Os fatores linguísticos considerados na análise foram *segmento precedente*, *segmento seguinte*, *altura da vogal tônica*, *posição da vogal na palavra*, *velocidade de fala* e *item lexical*. Os fatores sociais foram *indivíduo*, *sexo*, *faixa etária*, *classe social* e *formalidade x informalidade*.

Dos 1823 dados coletados, 870 eram contextos de /e/, apresentando um percentual de 38% de alçamento, e 953 contextos de /o/, com um percentual de 80% de alçamento. Para o alçamento de /e/, o programa selecionou como favoráveis as variáveis *indivíduo*, *formalidade x informalidade*, *velocidade de fala* e *item lexical*; para o alçamento de /o/, os fatores *indivíduo*, *item lexical* e *formalidade x informalidade*. O fato de os fatores *indivíduo* e *item lexical* serem selecionados para ambas as vogais é considerado pela autora como uma forte

evidência de que o alçamento das vogais postônicas não-finais é um caso de difusão lexical.

Os resultados da análise permitem concluir que, no dialeto belo-horizontino, o quadro das vogais postônicas não-finais é formado pelas vogais /a e i o u/; o alçamento de /o/ é mais frequente que o alçamento de /e/; há pouca variação intra-individual; e há itens lexicais cujas vogais nunca sofrem alçamento, caso de *útero* e *véspera*, e itens que sempre sofrem alçamento, caso de *bússola* e *cômodo*.

Silva (2008) analisa o processo de elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/ em posição final e não-final, na fala de quatorze informantes<sup>6</sup> residentes na cidade de Rincão Vermelho – RS, região fronteira com a Argentina. Para a posição final, foram analisadas separadamente as vogais /e/ e /o/, mas para a posição não-final, em função do número reduzido de dados, foi feita uma análise conjunta de /e/ e /o/.

Para a vogal /e/ em posição final, com um percentual de aplicação de 16,7%, o programa selecionou como relevantes para a elevação as variáveis *contexto precedente*, *contexto vocálico da tônica*, *tipo de sílaba*, *contexto seguinte*, *localização da postônica*, *classe gramatical*, *sexo* e *escolaridade*. Para a vogal /o/, o percentual de aplicação da regra de elevação foi de 55% e o programa selecionou as variáveis *contexto vocálico da tônica*, *contexto precedente*, *tipo de sílaba*, *contexto seguinte*, *localização da postônica*, *classe gramatical*, *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Para a vogal /e/ em posição não-final, o percentual de elevação foi de 28,7% e para a vogal /o/, foi de 72,6%, tendo sido selecionados pelo programa as variáveis *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *contexto vocálico da tônica*, *localização da postônica*, *tipo de entrevista* e *sexo*.

O estudo apontou, a exemplo de outros trabalhos, que a vogal /o/, em ambas as posições, tem maior probabilidade de elevar que a vogal /e/. Essa elevação é foneticamente motivada pela presença de uma vogal alta na tônica; pelo *tipo de sílaba* onde ocorre a postônica; pelo *contexto seguinte* vocálico; pelo contexto *precedente* com segmentos portadores do traço [alto], para a vogal /e/, e com segmentos coronais [+anterior], para /o/; pela *localização da postônica* e pela *classe gramatical* da palavra, indicando que os numerais favorecem a elevação

---

<sup>6</sup> Para realização desse estudo foram necessárias coletas de dados feitas pela própria autora.



de /e/ e os adjetivos, a elevação de /o/. Em relação às variáveis sociais, o estudo revelou que a baixa escolaridade e o pouco contato com grandes centros urbanos são fatores que influenciam na preservação das vogais médias, principalmente se esse falante for do sexo feminino.

A autora conclui que os condicionantes linguísticos e sociais têm um peso maior na elevação das vogais médias em posição final do que em posição não-final. Nessa posição, é possível que a elevação decorra de condicionamento lexical.

Brandão e Santos (2008) desenvolveram estudo sobre a forma de realização das postônicas não-finais nas falas culta e popular do Rio de Janeiro, buscando definir os fatores que condicionam o alçamento das vogais médias nessa região. As autoras analisaram 108 inquéritos oriundos de três bancos de dados - Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Rio de Janeiro, Censo PEUL e NURC -, considerando as variáveis linguísticas *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *natureza da vogal tônica* e *da vogal final e posição no vocábulo* e as variáveis sociais *faixa etária*, *nível de escolaridade* e *localização geográfica* (capital ou interior do estado).

Para a vogal /e/, duas variáveis foram consideradas relevantes na sua forma de manifestação: a *escolaridade* e a *posição no vocábulo*. Falantes de nível fundamental e médio tenderam a usar a variante alta, os analfabetos revelaram-se neutros, enquanto os informantes de nível superior foram os que mais utilizaram a variante [e], embora isso tenha ocorrido em determinados vocábulos não produzidos na fala dos demais informantes, como *cérebro*, *vértebra*, *líderes* ou *pálpebras*. Em relação à variável *posição no vocábulo*, os resultados apontaram que a variante [e] tende a ocorrer mais quando a vogal postônica estiver na raiz do vocábulo.

Para a vogal posterior /o/, os resultados apontaram como favoráveis ao alçamento as variáveis *contexto precedente* e *escolaridade*. As labiais representaram o contexto que mais favorece o alçamento da postônica /o/. Em relação à escolaridade, da mesma forma que para a vogal anterior, os falantes com nível de escolaridade superior utilizaram mais a variante [o], enquanto que os falantes de mais baixa escolaridade tenderam a elevar a vogal.

Os resultados da pesquisa apontam que, no Rio de Janeiro, a vogal posterior apresenta índices de elevação maiores do que a vogal anterior, a exemplo do que ocorre em outras regiões; e a escolaridade tem papel significativo na definição da variante a ser utilizada. As autoras sustentam a hipótese, que não pôde ser confirmada, de que determinados itens lexicais, independentemente do contexto linguístico adjacente, não são sensíveis ao alçamento.

### 3. Aspectos metodológicos

Para realização desta pesquisa, a partir das variáveis sociais, foram selecionadas, do Banco de Dados VARSUL, 16 entrevistas de cada uma das capitais dos estados da Região Sul: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, totalizando 48 entrevistas. Tendo em vista o objetivo de analisar separadamente postônicas finais e não-finais, foram coletados contextos de /e/ e /o/ para ambas as posições. Considerou-se variável dependente a elevação das vogais médias /e/ e /o/.

Os dados coletados foram codificados de acordo com as variáveis apresentadas no Quadro 1 e submetidos a tratamento estatístico com os programas do pacote VARBRUL, versão Goldvarb 2001 para ambiente Windows.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS		VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS
<i>Postônica não final</i>	<i>Postônica final</i>	
<i>Contexto precedente</i>		<i>Gênero</i>
- Labial (número, época) - Coronal oclusiva (útero, apóstolo) - Coronal fricativa (pêssego, bússola) - Coronal líquida (fôlego, catálogo) - Coronal nasal <sup>7</sup> - dorsal (agrícola <sup>8</sup> )	- Labial (terrível, mesmo) - Coronal oclusiva (grande, canto) - Coronal fricativa (posse, poço) - Coronal líquida (vale, carro) - Coronal nasal (telefone, cano) - dorsal (consegue, domingo)	- Masculino - Feminino
<i>Contexto seguinte</i>		<i>Escolaridade</i>

<sup>7</sup> Não foram encontrados vocábulos proparoxítonos com coronal nasal como contexto precedente.

<sup>8</sup> Não foram encontrados vocábulos proparoxítonos com dorsal como contexto precedente à vogal /e/.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS		VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS
- Labial (fôssemos, agrônomo) - dorsal (fôlego, época) - coronal (número, mámore) - sibilantes /s/ e /z/ (hipótese <sup>9</sup> )		- até 4 anos - mais de 4 anos
<i>Contexto vocálico</i>		<i>Idade</i>
- com vogal alta (frutífera, agrícola) - sem vogal alta (gênero, mámore).	- com vogal alta (seguinte, menino) - sem vogal alta (enchente, sobrado).	- até 50 anos - mais de 51 anos
<i>Localização da postônica na palavra</i>		<i>Localização geográfica</i>
- raiz (gênero, árvore) - sufixo (estivéssemos, psicóloga)	- raiz (carne, campo) - sufixo (estivesse, fôssemos)	- Porto Alegre - Florianópolis - Curitiba
<i>Tipo de sílaba</i>		
	- com coda soante (caráter <sup>10</sup> ) - com coda /s/ (pires) (fomos) - sem coda (gente, carro)	

#### 4. Apresentação e análise dos resultados

A partir das entrevistas selecionadas, foram coletados 5.962 contextos de elevação para a vogal /e/ e 7.622 para a vogal /o/ em posição de final de palavra e 136 contextos para a vogal /e/ e 144 para a vogal /o/ em posição não final. Após submeter os dados à análise estatística, foram selecionadas, para as postônicas finais, as variáveis *localização geográfica*, *tipo de sílaba*, *contexto precedente*, *contexto vocálico*, para /e/ e *localização geográfica*, *contexto vocálico* e *contexto precedente* para a vogal /o/. Para a posição postônica não-final, foram selecionadas as variáveis *localização geográfica* e *contexto precedente* para /e/ e *contexto vocálico* e *contexto precedente* para /o/.

<sup>9</sup> Não foram encontrados vocábulos proparoxítonos com sibilante como segmento seguinte à vogal /o/.

<sup>10</sup> Não foram encontrados vocábulos com a vogal /o/ em sílaba átona final fechada por uma soante.



somente 152 não apresentaram elevação. Já em Florianópolis, em 1.568 contextos, 134 não apresentaram elevação da vogal. Voltando aos dados, é possível observar que, em muitos casos, a preservação ocorre quando a vogal encontra-se em sílaba fechada por soante, como em *carát[e]r*. Nesse caso, portanto, é um condicionamento linguístico que determina a não-elevação.

Esses resultados são semelhantes àqueles obtidos por Vieira (2002), nos quais Porto Alegre apresentou um peso relativo de 0,99, Florianópolis de 0,66 e Curitiba de 0,45. De forma geral, os números obtidos em ambas as pesquisas indicam que a regra de neutralização de /e/ final, que no restante do país aplica-se categoricamente, encontra-se em estágio avançado de implementação em Porto Alegre, encaminha-se para esse estágio em Florianópolis e, em Curitiba, ainda estaria num estágio inicial. Fica em aberto a explicação para a trajetória percorrida por essa regra, uma vez que estando já instalada em outras regiões do país, seria necessário investigar a trajetória da regra em seu processo de implementação.

A segunda variável a ser selecionada pelo programa como relevante na aplicação da regra de elevação de /e/ foi o *tipo de sílaba*, indicando que a presença de uma soante ou de /S/ na coda da sílaba pode favorecer ou inibir a elevação dessa vogal.

Tabela 2 - Tipo de sílaba

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /e/	c/coda soante (imóvel)	22/158	13	0,01
	Sem coda (carne)	4762/5032	81	0,53
	c/coda /S/ (pires)	62/70	88	0,71
TOTAL		4762/5962	79	
Input: 0,886		Significância: 0,001		

Os resultados da tabela acima indicam que sílabas com coda soante inibem significativamente a elevação de /e/ (0,01 de peso relativo), a presença da sibilante /S/ mostra-se um fator favorecedor da elevação (0,71 de peso relativo) e a ausência de coda parece não desempenhar papel algum (peso relativo 0,53). É necessário chamar a atenção para a grande desproporção em relação ao número

de dados de um contexto e de outro. De um total de 5.962 contextos analisados, somente 158 apresentaram coda soante e 70, coda sibilante. A discrepância na quantidade de dados, no entanto, é um fato da língua, uma vez que é pequeno o número de paroxítonas acabadas em sílaba fechada tanto por soante quanto por sibilante.

Resultados semelhantes a esses foram apontados por Roveda (1998), Vieira (1994, 2002) e Silva (2008), nos quais a presença de uma coda fricativa mostrou-se favorecedora da elevação de /e/, enquanto coda [+soante] revelou-se inibidora da elevação.

A terceira variável selecionada pelo programa foi o contexto precedente. Tendo em vista os resultados obtidos na rodada inicial, foi necessário realizar amalgamações das quais derivaram os resultados apresentados na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 - Contexto precedente

	Fator	Aplic/total	%	Peso relat.
Elevação de /e/	Coronal oclusiva (gente)	3284/4380	77	0.40
	Outros segmentos	1378/1582	87	0.75
TOTAL		4762/5962	79	
Input: 0.886		Significância: 0.001		

Os resultados contidos na tabela acima permitem afirmar que em contextos nos quais a vogal /e/ é antecedida por coronal oclusiva, a tendência é a sua preservação e nos contextos em que é antecedida por outros segmentos consonantais, a vogal /e/ tende a elevar.

Em pesquisas anteriores, o *contexto precedente* sempre foi selecionado como variável que desempenha um papel no comportamento da vogal /e/ final. No entanto, os fatores que compunham essa variável diferiam. Em Schmitt (1987), por exemplo, as velares e as palatais mostraram-se favorecedoras da elevação e as líquidas coronais, preservadoras; em Vieira (1994), as líquidas também revelaram-se preservadoras e as nasais, favorecedoras da elevação; em Roveda (1998), as dentais e as alveolares revelaram-se inibidoras da elevação e as dorsais e as palatais, favorecedoras; em Carniato (2000), as estridentes coronais

mostraram-se favorecedoras da elevação, as líquidas levemente inibidoras, assim como outros segmentos consonantais (exceto líquidas e estridentes) tenderam a preservar /e/; em Vieira (2002), as coronais revelaram-se inibidoras e as fricativas s/z e dorsais como favorecedoras da elevação; e, por fim, em Silva (2008), as coronais [-anterior] e dorsais mostraram-se mais favoráveis à elevação e as coronais [+anterior], menos favoráveis..

Apesar dos diferentes fatores controlados nos estudos citados, há em comum o fato de que os resultados, em geral, apontaram segmentos que contêm o traço [+alto] como favorecedores da elevação, enquanto segmentos com o traço [coronal] como inibidores da elevação de /e/. Supúnhamos, no entanto, que não era simplesmente a coronalidade que poderia determinar a preservação de /e/, mas esse traço associado a outra característica do *segmento precedente*. Essa hipótese parece confirmar-se com os resultados apresentados na Tabela 3, em que um segmento precedente contendo o traço coronal associado ao modo de articulação oclusivo mostrou-se inibidor da elevação de /e/.

A última variável selecionada pelo programa foi o *contexto vocálico*, indicando que a presença de uma vogal alta na palavra favorece a elevação de /e/, como se pode ver na Tabela 4.

Tabela 4 - Contexto vocálico

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /e/	Sem vogal alta (parque)	3528/4544	77	0.45
	c/vogal alta (filme)	1234/1418	87	0.65
TOTAL		4762/5962	79	
Input: 0.886		Significância: 0.0001		

Os resultados apresentados acima mostram que a presença de uma vogal alta em sílaba adjacente à sílaba final determina, em grande parte, a aplicação da regra de elevação dessa vogal. É o que indicam o peso relativo 0,65 e a frequência de 87%. Por outro lado, a ausência de vogal alta em sílaba vizinha à átona final tende a favorecer menos a elevação de /e/, como se pode concluir do peso relativo 0,45. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos anteriores (Vieira, 1994, 2002 e Silva, 2008) que constataram o papel relevante da presença de uma vogal alta na sílaba tônica no processo de elevação de /e/.

Fenômenos de assimilação<sup>11</sup> envolvendo vogais são comuns em Português, mas, em geral, esse processo caracteriza-se por ser regressivo e não progressivo, como se verifica a partir dos resultados apresentados.

Ao realizar estudo sobre a qualidade da postônica não-final, Silva (1999) verificou que, em dialetos falados na região nordeste do País, a vogal tônica pode determinar o tipo de vogal que irá se realizar naquela posição. Se na sílaba tônica houver uma vogal média aberta, a média da postônica não-final também será aberta [‘pɛrɔla, ‘kɔkɔras]. Esse fenômeno configura-se, de acordo com a autora, como um processo assimilatório progressivo característico daquela região. Interpretação semelhante poderia ser adotada na análise dos dados obtidos na presente pesquisa, em que a vogal /e/ da posição átona final eleva-se por influência da vogal tônica.

#### 4.1.2 Resultados para a vogal /o/ postônica final

Para a vogal /o/ átona final foram coletados 7.622 contextos, sendo possível constatar um percentual de aplicação da regra de elevação de 90%. Submetidos os dados ao programa estatístico, foram selecionadas uma variável social, a *localização geográfica*, e duas linguísticas: *contexto vocálico* e *contexto precedente*, cujos resultados amalgamados passam a ser apresentados a seguir.

A Tabela 5 apresenta os resultados referentes à *localização geográfica*, a primeira ser selecionada pelo programa.

---

<sup>11</sup> Diversos estudos (Bisol, 1981; Silva, 1989; Callou, Leite e Coutinho, 1991; Schwindt, 1995) abordaram o fenômeno da harmonia vocálica no português do Brasil. A harmonia vocálica configura-se como um processo variável de assimilação regressiva no qual a vogal média de uma sílaba que antecede sílaba com vogal alta assimila da vogal alta seu traço de altura. Há estudos (Lee & Oliveira, 2003 e Célia, 2004), no entanto, que mostram a vogal média baixa também como desencadeadora do processo de harmonia vocálica em determinados dialetos do português brasileiro.



Tabela 5 - Localização geográfica

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /o/	Curitiba	2140/2750	81	0.22
	Florianópolis	2180/2286	95	0.55
	Porto Alegre	2730/2806	97	0.74
TOTAL		7050/7622	90	
Input: 0.976			Significância: 0.005	

Observa-se na tabela acima que os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ postônico final são bastante altos, podendo ser considerados praticamente categóricos para Porto Alegre e Florianópolis. Porto Alegre é a capital que mais aplica a regra de elevação, apresentando um peso relativo de 0,74. A seguir, os dados mostram Florianópolis com um peso relativo de 0,55, indicando que, nessa amostra, Florianópolis tem um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de elevação de /o/. Já em Curitiba, a regra tende a se aplicar menos, conforme aponta o peso relativo de 0,22.

Oliveira (2007), na análise do comportamento das médias em posição átona não-final, constatou que o fator *velocidade de fala* foi selecionado pelo Goldvarb como relevante para a elevação de /e/ mas não de /o/. As velocidades de fala foram divididas em pausada, normal e acelerada, conforme o instrumento utilizado na coleta. De acordo com a autora, essa seleção sugere que, na fala pausada, há um menor controle do falante em relação à elevação de /o/, em decorrência do estreito espaço fonológico que diferencia /o/ e /u/ (Martinet 1964), e, contrariamente, um maior controle do falante em relação à elevação de /e/ para [i], que acarretaria uma diferença bem mais perceptível.

Apesar de não ter sido controlada a velocidade de fala no presente estudo, a observação dos dados permite afirmar que os poucos casos em que não houve elevação de /o/ em Porto Alegre envolveram situações em que o falante produzia uma fala silabada, ou porque pretendia enfatizar algo, ou para se fazer mais claro.

Os resultados para a vogal /o/ envolvendo a *localização geográfica* são semelhantes aos obtidos para a vogal /e/, indicando que, para ambas as vogais, em Porto Alegre, a regra de neutralização das vogais médias encontra-se em um estágio avançado de implementação, o que implicaria o fim da variação. Já em

Florianópolis e Curitiba, apesar de pequena a variação, ela ainda persiste, conforme apontam os valores apresentados na Tabela 5.

A segunda variável selecionada foi o *contexto vocálico*, indicando, a exemplo do que ocorre com a vogal /e/, que a presença de uma vogal alta em sílaba adjacente à sílaba contendo a vogal /o/ exerce um papel na sua elevação. É o que se pode ver na Tabela 6.

Tabela 6 - Contexto vocálico

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /o/	Sem vogal alta (saco)	4384/5006	87	0.30
	c/vogal alta (motivo)	2666/2716	98	0.82
TOTAL		7050/7622	90	
Input: 0.976			Significância: 0.005	

De acordo com os resultados apresentados na tabela acima, a presença de vogal alta condiciona a elevação de /o/. É o que indica o peso relativo de 0,82. Por outro lado, a ausência de vogal alta pode inibir a elevação de /o/, conforme aponta o peso relativo de 0,30. Em palavras como *subido* e *motivo*, a vogal /o/ eleva-se com mais facilidade do que em palavras que não possuem vogal alta. Como já foi discutido em relação à vogal /e/, é possível supor, nesse caso, a aplicação de um processo de assimilação progressiva do traço de altura das vogais altas por parte das vogais médias.

Dentre as variáveis controladas nesta pesquisa, o *contexto precedente* é considerado a terceira variável para a aplicação da regra de elevação de /o/. Os resultados estatísticos constantes da Tabela 7 mostram os segmentos que desempenham algum papel na preservação ou na elevação de /o/.

Tabela 7 - Contexto precedente

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /o/	Dorsal (longo)	832/1016	81	0.21
	Cor. Oclus. (parto)	4476/4892	91	0.49
	Outros seg.	1742/1814	96	0.70
TOTAL		7050/7622	90	
Input: 0.976			Significância: 0.005	

Os resultados apresentados na Tabela 7 mostram que o *contexto precedente* que menos favorece a elevação de /o/ é aquele com consoante dorsal. É o que se pode depreender do peso relativo 0,21. Coronais oclusivas como segmento precedente parecem não desempenhar papel algum no comportamento de /o/, como se pode supor a partir do peso relativo 0,49, bastante próximo do ponto neutro. Já o fator *outros segmentos* favorece a elevação da vogal, conforme aponta o peso relativo 0,70.

Tais resultados assemelham-se parcialmente àqueles obtidos por Silva (2008), para quem as dorsais, analisadas juntamente com as coronais [-anterior], revelaram-se contextos pouco favorecedores da elevação de /o/, e diferenciam-se dos obtidos por Carniato (2000) que identificou as sibilantes como contexto menos favorecedor da elevação de /o/.

Em parte, os resultados obtidos na presente pesquisa contrariam a expectativa que se tinha em relação ao papel do *contexto precedente* no comportamento da postônica /o/. Em primeiro lugar, esperava-se que consoantes labiais figurassem como fator favorecedor da elevação da vogal. No entanto, em função dos resultados apresentados na primeira rodada, os dados com labial foram amalgamados com dados contendo outros segmentos consonantais no contexto precedente, o que impossibilitou a verificação de seu papel na elevação de /o/. Em segundo lugar, tinha-se a expectativa de que consoantes dorsais, em função do traço [+alto] pudessem favorecer a elevação de /o/, mas o que os dados apontam é justamente o oposto, as dorsais inibindo a elevação.

## 4.2 Vogal postônica não-final

Nesta seção, serão apresentados e analisados os resultados contendo as vogais /e/ e /o/ em posição postônica não-final. Foram controladas, nessa posição, quatro variáveis linguísticas: *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *contexto vocálico* e *posição da vogal na palavra* e quatro variáveis extralinguísticas: *faixa etária*, *grau de escolaridade*, *sexo* e a *localização geográfica*, conforme especificado no Quadro 1.

Tendo em vista que na formação do Banco de Dados VARSUL não foi utilizado um instrumento específico para a coleta de proparoxítonas e tendo em vista o seu uso restrito na língua, a quantidade de dados obtidos para análise não foi grande: 136 dados para /e/ e 144 dados para /o/<sup>12</sup>. Para /e/, houve uma diversidade de itens lexicais; no entanto, para /o/, certos itens lexicais foram reiteradamente usados, como a palavra *época* ou os nomes *Florianópolis* e *Petrópolis*. Em função desses fatos, os resultados obtidos têm de ser interpretados de forma relativa, não sendo possível fazer afirmações categóricas. Inicialmente, serão apresentados os resultados obtidos para a vogal /e/.

### 4.2.1 Resultados para a vogal /e/ postônica não-final

Submetidos os dados à análise estatística, foram selecionados pelo programa as variáveis geográfica e *contexto precedente* como relevantes no comportamento de /e/ postônico não-final. A primeira variável a ser selecionada foi a geográfica, cujos resultados, após rodada com amalgamações, são apresentados na Tabela 8 a seguir.

---

<sup>12</sup> Em diversas situações em que as proparoxítonas apareciam nas entrevistas, houve apagamento da postônica não-final, impossibilitando a análise.

Tabela 8 - Localização geográfica

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /e/	Curitiba	6/46	13	0.14
	Florianópolis	16/30	53	0.64
	Porto Alegre	38/60	63	0.76
TOTAL		60/136	44	
Input: 0.40				Significância: 0.006

Como se pode verificar na tabela acima, a exemplo do que acontece com a vogal /e/ em posição átona final, Curitiba é a cidade que mais preserva /e/ na posição postônica não-final (peso relativo de 0,14), enquanto Florianópolis (0,64) e Porto Alegre (0,76) tendem a elevá-la. Esses resultados indicam que na posição postônica não-final, da mesma forma que na posição final, ocorre variação, nas três capitais, na forma de realização de /e/, mas os índices de preservação da vogal são maiores na posição não-final do que na final.

Para Bisol (2003), em ambas as posições aplica-se a mesma regra de neutralização que reduz a três o número de fonemas. No entanto, essa regra encontra-se em estágios diferentes de implementação, dependendo da posição final ou não-final e da região do país. Apesar de ainda serem poucos os trabalhos que analisam as vogais que se manifestam na posição não-final, a partir dos estudos de Vieira, (2002), Ribeiro (2007) e Brandão e Santos (2008)<sup>13</sup>, verifica-se que nos dialetos falados nos estados do sul, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte a regra de neutralização da pós-tônica anterior ainda está longe de atingir um estágio de estabilidade, ocorrendo alçamento em níveis elevados em determinados vocábulos e a preservação da vogal /e/ em outros vocábulos.

A segunda variável selecionada pelo programa foi o *contexto precedente*, indicando que a consoante que precede /e/ pode determinar a vogal que irá se

<sup>13</sup> Brandão e Santos (2008) verificaram que, no estado do Rio de Janeiro, a escolaridade é fator determinante na escolha da vogal anterior que se manifesta na posição não-final: os informantes com baixa escolaridade são os que mais elevam a vogal, enquanto os informantes com nível de escolaridade superior são os que mais utilizam a variante [e], embora a preservação da vogal esteja relacionada a certos itens lexicais que não foram produzidos pelos menos escolarizados. Nos vocábulos produzidos por todos os informantes, como, por exemplo, *número*, os autores verificaram a ocorrência de variação, com predominância de alteamento.

manifestar na posição átona não-final. Os resultados dessa variável podem ser vistos na Tabela 9 abaixo.

Tabela 9 - Contexto precedente

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /e/	Coronal (útero)	14/50	28	0.29
	Labial (próspero)	22/54	44	0.44
	Coronal fricativa (pêssego)	24/32	75	0.86
TOTAL		60/136	44	
Input: 0.40		Significância: 0.006		

Os resultados apresentados acima apontam as consoantes coronais, não fricativas, como os segmentos que tendem a preservar a vogal /e/ postônica não-final (0,29). Já as labiais, como *contexto precedente*, são neutras (0,44) e as coronais fricativas favorecem de forma significativa a elevação de /e/ (0,86).

Silva (2008), em função do número reduzido de dados coletados, realizou uma análise conjunta das vogais /e/ e /o/ na posição não-final. Para a variável *contexto precedente*, diferentemente do que se obteve na presente pesquisa, a autora verificou que os resultados figuravam próximos ao ponto neutro, o que indicaria que esse fator tem pouca influência no processo de elevação de /e/. Da mesma forma, em Brandão e Santos (2008), o *contexto precedente* não exerce qualquer papel na forma de manifestação da vogal /e/, visto que sequer foi selecionado pelo programa Varbrul.

#### 4.2.2 Resultados para a vogal /o/ postônica não-final

Para a vogal /o/, foram coletados 144 contextos, sendo possível observar um percentual de aplicação geral 69%. Das oito variáveis utilizadas, foram selecionados pelo programa somente dois fatores linguísticos: o *contexto precedente* e o *contexto vocálico*. Os resultados são apresentados na Tabela 10 a seguir.

Tabela 10 - Contexto precedente

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /o/	Dorsal	2/8	20	0.08
	(agrícola)			
	Coronal	6/20	30	0.18
	(apóstolo)			
	Labial (época)	92/114	79	0.62
TOTAL		100/144	69	
Input: 0.707			Significância: 0.077	

Os resultados da Tabela 10 apontam o *contexto precedente* com dorsal como inibidor da elevação de /o/ com um peso relativo 0,08. Também inibindo a elevação de /o/, aparecem as coronais com um peso relativo 0,18. Por fim, as labiais revelam-se favorecedoras da elevação de /o/, com um peso relativo 0,62.

Esses resultados, no entanto, têm de ser tomados de forma relativa, uma vez que, conforme se pode ver na tabela, das 144 proparoxítonas encontradas contendo a vogal /o/ na posição postônica não-final, em somente 28 não havia no *contexto precedente* uma consoante labial. Dessas, oito possuíam uma dorsal e 20, uma coronal. No restante das palavras, 116, havia uma labial como *contexto precedente*, sendo recorrente o item lexical *época*. Além disso, as oito ocorrências do contexto dorsal foram de uma mesma palavra, no caso, *agrícola*.

Na investigação da forma de realização das postônicas não-finais no dialeto falado no Rio de Janeiro, Brandão e Santos (2008) também identificaram as labiais como contexto que mais favorece a elevação de /o/ e as dorsais e coronais, como contexto que menos favorece. Na explicação desses resultados, as autoras sugerem, além da influência do traço [labial] na elevação da vogal, a possibilidade de existência de um condicionamento lexical relacionado à situação discursiva em que se encontra o falante.

A segunda variável selecionada como relevante para a elevação de /o/ postônico não-final foi o *contexto vocálico*, indicando que, a exemplo do que ocorreu para as postônicas finais, a presença de vogal alta em sílaba adjacente à postônica favorece a sua elevação. Os resultados dessa variável podem ser vistos na Tabela 11 abaixo.

Tabela 11 – Contexto vocálico

	Fator	Aplic./total	%	Peso relat.
Elevação de /o/	Sem vogal alta (mármora)	80/118	67	0.33
	Com vogal alta (agrícola)	20/26	76	0.97
TOTAL		100/144	69	
Input: 0.707			Significância: 0.077	

Os resultados acima apontam que a presença de uma vogal alta tende a favorecer a elevação de /o/ postônico não-final. É o que indica o peso relativo 0,97. Por outro lado, a ausência de vogal alta mostra-se inibidora da elevação da vogal /o/, conforme se pode concluir do peso relativo 0,33.

Novamente, é necessário considerar, em relação a esses resultados, a forma desproporcional de distribuição dos dados. Das 144 palavras coletadas, somente 26 continham vogal alta na posição tônica; em 118, outras vogais ocupavam essa posição.

Em sua pesquisa, Silva (2008) encontrou resultados semelhantes aos apresentados neste trabalho, identificando altos índices de elevação em vocábulos com vogal alta na sílaba tônica. De acordo com a autora, tais resultados podem estar relacionados à recorrência de determinados itens lexicais.

### Considerações finais

A partir do estudo realizado é possível tecer algumas considerações a respeito da neutralização das vogais médias em posição postônica final e não-final. Em primeiro lugar, comparando os resultados obtidos neste estudo com pesquisas sobre a variação das postônicas, verifica-se que há alguns pontos em comum quanto a fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a elevação das vogais médias nas posições em estudo.

Em praticamente todas as pesquisas realizadas, a variável *localização geográfica* manifesta-se como fator determinante na forma como essas vogais se manifestam. Isso se explica pelo fato de que a regra de neutralização ainda se encontra na região sul em vias de implementação. Há localidades, no entanto, em que esse processo se encontra em uma etapa mais avançada, como Porto



Alegre, e em outras, em que se encontra em fase mais inicial, como é o caso de Curitiba.

Em relação aos fatores linguísticos, tanto neste estudo quanto em outras pesquisas, verifica-se que o *contexto precedente* à vogal postônica exerce um papel sobre a forma como ela irá se manifestar. Não há convergência, no entanto, sobre os contextos que favorecem a emergência da vogal alta ou da vogal média, tendo em vista que foram adotadas formas diversas de agrupar ou de classificar os contextos precedentes. De maneira geral, segmentos com traço [+alto] tendem a favorecer a manifestação da vogal [i], principalmente na postônica final, mas desfavorecem a elevação de /o/.

Em ambas as posições, final e não-final, a presença de uma vogal alta na sílaba adjacente representa um forte condicionador da elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Tal condicionamento já havia sido registrado em trabalhos anteriores, assim como o fato de que, na posição final, o *tipo de sílaba* é um fator importante na preservação de /e/.

Por fim, retomando o que foi dito na introdução deste trabalho, a neutralização é uma regra condicionada prosodicamente que ainda está sendo introduzida no sistema vocálico dos falantes da Região Sul. Em decorrência disso, tanto fatores linguísticos como extralinguísticos afetam a forma como esse sistema se manifesta, com três ou cinco vogais, variavelmente.

## O ALÇAMENTO DA PRETÔNICA SEM MOTIVAÇÃO APARENTE

Leda Bisol - PUCRS/CNPq

### Introdução

A motivação ou a incrementação da mudança de som é uma questão controversa desde os tempos dos neogramáticos. Para os neogramáticos, cujo movimento eclodiu em 1878, a mudança funcionava como uma regra de condicionamento fonético que se aplicaria sem exceções, desde que o contexto fosse satisfeito. Guiavam-se pelo princípio de que “*a mudança sonora é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual.*” Se exceções houvesse, a analogia seria o recurso explicativo. Para os dialetologistas, que às leis fonéticas dos neogramáticos se opuseram, “*a mudança é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta.*” Viam-na como o resultado de processos analógicos através dos quais os indivíduos associam umas palavras às outras, dando margens a inovações. Esse movimento ressalta o papel do falante na mudança; aquele, o papel do sistema. Os primeiros na voz de Osthof, Brugmann e Saussure chegam à regra variável de Labov. Os segundos, na voz de Schuchardt, Gillieron e Jespersen chegam ao difusionismo de Cheng e Wang (1977).<sup>1</sup>

A ideologia neogramática, liberta do axioma de que toda mudança é abrupta e enriquecida pela inclusão de fatores extralinguísticos, tem um papel muito significativo na Sociolinguística a partir de Labov (1966), linha na qual indubitavelmente o Brasil se faz notar em virtude de sua ampla contribuição. Com base em muitos dados, exigência do método laboviano, é possível captar a regularidade da variação, a qual, de acordo com a trajetória que desenvolver, pode redundar em mudança no sistema ou variação estável. A regularidade de

---

<sup>1</sup> Osthof e Brugmann compõem com outros jovens o grupo dos neogramáticos, fins do séc. XIX e começos de XX, cuja teoria foi exposta em livro por Hermann Paul. Saussure se dizia um seguidor dos neogramáticos. Na mesma época, Schuchardt, que foi o principal oponente da teoria neogramática, via a mudança linguística independente do sistema. Gillieron, o criador da Geografia Linguística, revelou-se seu discípulo. Jespersen que se dedicou ao estudo do inglês e de línguas crioulas enfatizou o papel do indivíduo na mudança linguística, opondo-se à teoria dos neogramáticos (Camara Jr., 1975).

que a variação se reveste é que tem permitido descrevê-la como regra ou processo que faz parte de um sistema.

Para a ideologia difusionista que toma fôlego na voz de Cheng e Wang (1977), cuja implementação se dá palavra por palavra, gradualmente e não por ambiente fonético e que, em oposição à regra variável laboviana, não necessita de muitos dados para ser apreendida, mas de um léxico e dentro dele paradigmas que revelem a sua atuação analógica, também tem no Brasil seus seguidores, dos quais a principal voz é de Oliveira (1991, 1992, 1995, 2003).

A diferença essencial entre as duas concepções reside no controlador da mudança sonora que é o léxico para o difusionista e o som para o neogramático. Para a difusão lexical, o detalhe fonético é mera coincidência que funciona, como *respaldo para a fixação da inovação em determinados itens lexicais*, palavras de Oliveira, enquanto para o neogramático é o verdadeiro condutor do processo.

As duas regras de mudança, a neogramática e a difusionista são passíveis de figurarem em gramáticas sincrônicas seja como mudança em andamento seja como variação estável.

Que a regra neogramática é passível de descrição sincrônica porque expressa uma mudança de som inerente ao sistema é a visão de Labov. Que a difusão lexical é *“structure-dependence”* é a visão de Kiparsky. Por conseguinte, nesse sentido, ambas têm comprometimento com o sistema, embora o procedimento de atuação de uma e outra seja diferente.

Sob a perspectiva da Fonologia Lexical, poder-se-ia apontar uma diferença entre as duas, pois, enquanto a variação de cunho neogramático tem envolvimento com fatores extralinguísticos, a difusão lexical, segundo seus proponentes, necessariamente não o têm. Isso permitiria que se classificasse a variação laboviana de cunho neogramático como regra pós-lexical e a variação difusionista como regra lexical, assim considerada por Kiparsky (1981). Todavia, em nosso entender, as duas são pós-lexicais, pois não têm comprometimento com a morfologia.

Por certo, a regra neogramática e a difusionista têm pontos em comum, mas para Labov são estratégias de pesquisas diferentes, cada qual com suas peculiaridades. *“Para tanto precisamos pôr em nossa agenda as questões: Cada palavra tem sua própria história? São os fonemas que mudam? Estão os*

*neogramáticos certos ou errados?”* Labov (1981.p. 305). Em outros termos, precisamos olhar cuidadosamente para os dados para depreender o processo em andamento, e assim fazer a acertada escolha do modelo de análise. E se a conexão com os dados é primordial, então uma linha divisória naturalmente se estabelece entre uma e outra, em virtude das características que as separam. Que há dados mais apropriados para serem analisados via difusionismo e dados mais apropriados para serem analisados via linha neogramática é a observação de Labov.

É evidente que toda e qualquer análise pressupõe um olhar cuidadoso sobre os dados para depreender-se uma generalização inicial como guia dos primeiros passos. Exemplifiquemos com dados do português brasileiro, contando com os seguintes agrupamentos em que a variação se faz presente:

- |     |   |   |
|-----|---|---|
| (1) | a. Elevação da vogal /e/ inicial diante de N e S<br>empregada ~impregada<br>estranho ~i <b>str</b> anho | b. Harmonização Vocálica<br>coruja~curuja<br>mexerico ~ <b>mixir</b> ico        |
|     | c. Palatalização<br>tia > [tj]ia<br>dica> [d <sub>3</sub> ]ica.   | d. Vibrante<br>carro ~caxo<br>rato ~xato  |
|     |   | e. Redução da pretônica<br>boneca~ <b>bu</b> neca<br>colégio ~ <b>cu</b> legio. |

Claramente (1a, b e c) têm o seu condicionador fonético mas (1d,e) não têm. Em (1a) é a nasal ou /S/, em 1(b) é a vogal alta e em (1c) é a vogal alta [-post]. Ignorar o papel do condicionador na análise trará por certo resultados equivocados. Por outro lado, algumas regras tem um domínio muito específico como (1a), em que a nasal e /S/ engatilham o levantamento de /e/ inicial mas não em outra posição e em (1c) em que a palatalização só atinge oclusivas alveolares. Isso indica que (1a,c) são regras estritamente locais, o que não é o caso de (1b) que, como o segundo exemplo mostra, pode espriar-se para mais de uma vogal. As regras (1d, 1e) ficam fora desta classificação, justamente porque não têm um específico condicionador fonético. Portanto, podemos admitir, à luz dessas ligeiras conjecturas, que os três primeiros conjuntos que têm condicionador fonético explicito se ajustam a uma análise sob a perspectiva neogramática na visão laboviana, enquanto os dois últimos, sem condicionador fonético, ajustam-

se à difusão lexical, cuja expansão deve ser o produto da ação analógica do falante. É evidente que mais informações seriam necessárias, mas um primeiro sinal aponta para essa direção.

Contamos, pois, com duas versões diferentes para o mesmo fenômeno, a mudança de som, as quais se tornaram as linhas condutoras dos estudos de variação sincrônica. A base da mudança ou da variação é o léxico para os difusionistas; é o som, para os neogramáticos. Mais se poderia dizer, mas fechemos essas considerações por ora com as palavras de Labov para quem a beleza destes trabalhos seja em uma linha seja em outra “não provém de sua simplicidade ou simetria mas de sua firme conexão com a realidade”.

Todavia, enquanto para Labov os dois modelos são excludentes, Kiparsky (1993) afirma que a regra neogramática e a regra difusionista podem andar juntas no mesmo processo de mudança. Inicialmente, de acordo com esse autor, os processos fonológicos espalham-se de forma gradual e regular item por item com um resultado final consistente com o que preconizam os neogramáticos. Mas no meio do curso pode apresentar um quadro bem diferente, em que o processo se completa por um mecanismo analógico com o qual se identifica a difusão lexical, em conformidade com a proposta de Schuchardt (1885 [1972]). É o que ocorreu, tudo indica, com harmonização vocálica (HV) no português europeu (PE) que, ao desaparecer, provocou a mudança do subsistema de cinco vogais pretônicas para três, embora persistam alguns reflexos da pauta antiga.<sup>2</sup>

## **1 A Variação da Pretônica no Português Europeu (PE)**

Imaginemos três estágios a título de exemplificação: Inicial, incrementação, e estabilidade/mudança. A harmonia com a vogal alta será referida por HV e o alçamento sem condicionador fonético por AL:

**Origem** : Latim popular: (Appendix Probi. Séc:IV)

HV: Formica non furnica, festuca non fistuca, robigo non rubigo

AL: senatus non sinatus, terrsaemotus non terrimotum.

---

<sup>2</sup> Sobre a pretônica e suas variantes em PE, ver Mateus, 1982.

**PE: Estágio I:** Português arcaico. Na época em que o abaixamento da vogal alta não é raro em documentos escritos, como *fezesse por fizesse*, a presença de AL é mais tímida do que a de HV:

*Orto do Esposo* (1385), texto de índole religiosa. (Exemplos extraídos da Edição Crítica e do Glossário organizados por Bertil Maler (1956/1964)):

HV: acuntycia~acontecia, acostumar~acostumar, apustura~apostura, bevidice~bevedice, ciguidade~ceguidade, cubrir~cobrir, minino~menino, gimido~gemido, midida~medida, pidir~pedir, vilhice~velhice, vistir~vestir, sentir~sentir, rispitar~respirar, etc.

ALF: dilicado~delicado, guteyra~goteyra, possisson~possesson, tecer~ticer, turpidade~torpidade.

**Estágio II:** Incrementação: Mais dados de AI são registrados. *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647) e em *Regras Gerays* (1666) de Bento Pereyra, ortógrafo do século XVII:

HV: cuberta~coberta, cubrir~cobrir, costume~costume, cubiça~cobiça, curuja~coruja, divido~devido, fucinho~focinho, gimido ~gemido, melhor~melhor, minino~menino, Purtugal~Portugal, pidir~pedir, pitiçam,~pitiçam, priguiça ~preguiça, sintinela~ sentinela, testemunho~testemunho, vistido~vestido, etc.

AL: alifante~ elefant, cuberta~coberta, piqueno~pequeno, pireyra~pereyra, picado~pecado, pumareyro~pomareyro, pumar~pomar, prifeito~perfeito, rigurosas~rigorosas, rindeiro rendeiro, ridençam~ redençam, tirceiro~terceiro, vinder~vender.

**Estágios III** : Estabilização e mudança: Ambas mostram-se com frequência:

*Orthographia ou Arte de Escrever* de Madureira Feijó (FEIJO, 1734), ortógrafo do séc. XVIII:

HV: acridito-acredito, acostumo~acostumo, agunia~agonia, alicrim~alecrim, amixial~amexial, amufinar~amofinar, apillidar~apellidar, appetite~appetite, arripiar~arripiar, buvino~bovino, burbulhar~borbulhar, didicação~dedicação, fidilidade~fidelidade, lacrimijar ~lacrimejar, cubrir-cobrir, colligial~collegial, compilir~compelir, compitir~competir, dicifrar~dicifrar, dididir~decidir, denigrado~denegrado, etc.

AL:aborricer~aborrecer,algudão~algodão,almufada~almofada,almucreve~almocreve,

arejar~arijar,boquejar~boquijar,cabilleiro~cabelleiro,castelhano~castilhano, cobertor~cubertor,comedor~comidoconcorrer~concurrer,correr~currer, corrente~currente, costela~custela, cotovelo~cutuvelo,curaçãõ~curaçãõ,fichar~fechar,gimer~gemer,picado~pecado, pinhor~penhor, mirenda ~merenda,etc.

A exuberância de exemplos de uma e outras na referida obra permite inferir que, neste período, as duas regras trabalham juntas em direção à consubstanciação das duas vogais média e alta em uma só, a vogal alta. O resultado foi a redução da pauta pretônica de cinco vogais para três, o que deve ter ocorrido em fins do séc. XVIII ou começo de dezanove. E desde então HV e AL desaparecem do sistema do português europeu.

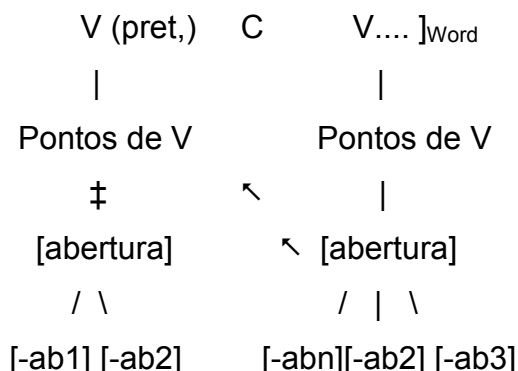
Independentemente da periodização que se venha a estabelecer com o rigor devido, admitimos que esses supostos estágios representam etapas da história da língua, as quais mostram a ação conjunta, na mudança de som, de dois processos que convergem para o mesmo resultado: uma pauta pretônica de três vogais ao invés de cinco.

Na seção seguinte veremos como essas duas regras ou processos podem seguir independentemente seu caminho sem ter chegado a um acordo final.

## **2 A Variação da Pretônica no Português Brasileiro (PB)**

O primeiro ponto a ser observado é que a harmonização vocálica e o alçamento sem motivação aparente são *formalmente* diferentes. A primeira é um legítimo caso de assimilação, ou seja, expansão de um traço, a segunda é um legítimo caso de neutralização.

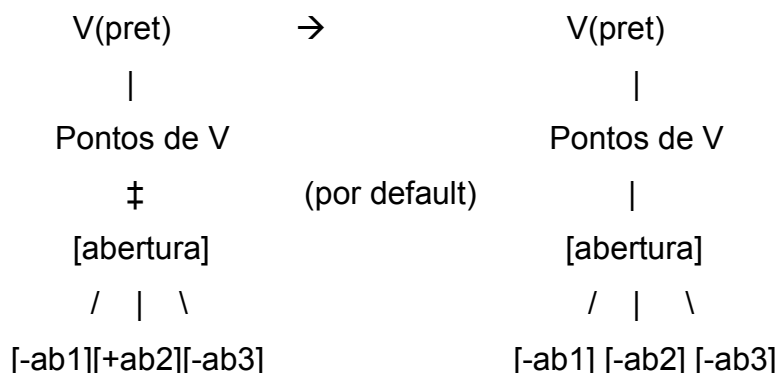
## (2) Harmonia vocálica



Leia-se: os traços de abertura da vogal média pretônica são desligados, independentemente da intermitência de consoantes, e preenchidos pelos traços de abertura da vogal alta seguinte. Trata-se de uma regra de assimilação que, em conformidade com a Fonologia Lexical, compreende dois mecanismos: desligamento e preenchimento. O espriamento dos traços da vogal alta pode estender-se a sílabas subseqüentes sem fazer saltos, como em *mixirica* por *mexerica* ou *pirigrino* por *peregrino*.

O alçamento sem motivação aparente, por sua vez, tem o estatuto de uma regra neutralizadora que trabalha na direção a mudar um subsistema de cinco vogais para três vogais, como fez no português europeu.

## (3) Redução sem condicionador fonético



Leia-se: os traços da média pretônica são desligados e preenchidos por *default* por uma vogal alta. Regras de neutralização tendem a ser categóricas,



mas não é o que ocorre em fase inicial do processo. Em dados do sul do País, esse alçamento da vogal média sem condicionador específico mostra-se de escasso uso. Se virá a ter efeitos maiores, só o perpassar dos tempos poderá dizê-lo.

Diferentemente do que ocorreu no português europeu, as duas regras atuam em disparidade, isto é, não realizam uma ação em conjunto: a harmonização tem o status de regra variável, estável no sistema, e a redução sem condicionador fonético tem o status de processo incipiente. É essa suposição que guia este estudo. Vejamos a seguir a análise dos dados, de acordo com o modelo variacionista.

### 2.1 Análise estatística na linha laboviana

As Tabelas seguintes dizem respeito ao alçamento da média pretônica em uma amostra que conta com palavras com vogal alta e sem vogal alta, representativa do português do Rio Grande do Sul, através de falantes da capital, da fronteira e das zonas de colonização italiana e alemã.

Tabela 1: Vogal átona seguinte, alta e não alta- (Bisol 1981)

Fatores	Meropolitanos		Italianos		Alemães		Fronteiriços	
	%	Peso	%	Peso	%.	Peso	%.	Peso
/e/-Vogal alta (precisão) (harmonia)	$\frac{80}{228} = 35$	0,72	$\frac{92}{219} = 42$	0,80	$\frac{55}{156} = 35$	0,77	$\frac{59}{204} = 29$	0,82
/e/-Vogal não alta (cebola) (neutralização)	$\frac{15}{207} = 7$	0,28	$\frac{11}{173} = 6$	0,20	$\frac{5}{139} = 4$	0,23	$\frac{6}{247} = 2$	0,18
/o/-Vogal alta (procissão) (harmonia)	$\frac{92}{175} = 52$	0,64	$\frac{142}{183} = 50$	0,67	$\frac{69}{145} = 48$	0,66	$\frac{58}{203} = 29$	0,60
/o/-Vogal não alta (neutralização)	$\frac{57}{192} = 30$	0,36	$\frac{41}{258} = 16$	0,33	$\frac{29}{155} = 19$	0,34	$\frac{31}{160} = 19$	0,40

Os dados acima apresentados referem-se a uma amostra 5743 dados de /e/ e 2.364 dados de /o/, que inclui palavras com o condicionador vogal alta e sem

vogal alta . Esta Tabela atribui à harmonização, isto é, aos efeitos da vogal alta os índices mais altos, por exemplo, (0,82 e 0,60) e à vogal não-alta os índices mais baixos, (0,18 e 0,40), o que coincide com a suposição de que a harmonia que corresponde aos efeitos de um condicionador fonético, a vogal alta, é uma regra estável e a neutralização, que corresponde aos demais casos, é uma regra incipiente no sentido de apresentar escassos indícios de expansão.

Tabela 2: Homorganicidade

Fatores	Meropolitanos		Italianos		Alemães		Fronteiriços	
	%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso
Homorgânica (HV) (menino) /i/	$\frac{265}{527} = 50$	0,78	$\frac{216}{430} = 50$	0,72	$\frac{155}{403} = 38$	0,86	$\frac{59}{204} = 29$	0,82
Não-homorgânica (veludo) (HV)	$\frac{15}{49} = 31$	0,39	$\frac{28}{79} = 35$	0,56	$\frac{2}{36} = 5$	0,16	$\frac{6}{45} = 13$	0,18
Vogal não alta (cebola) (AL)	$\frac{150}{942} = 16$	0,30	$\frac{107}{986} = 11$	0,24	$\frac{63}{708} = 9$	0,46	$\frac{103}{987} = 10$	0,38
Homorgânica/u/ (coruja) (HV)	$\frac{256}{400} = 64$	0,64	$\frac{209}{353} = 59$	0,65	$\frac{191}{318} = 60$	0,61	$\frac{134}{304} = 44$	0,61
Não homorgânica (bonito) (HV)	$\frac{41}{70} = 58$	0,63	$\frac{52}{86} = 60$	0,66	$\frac{21}{37} = 57$	0,61	$\frac{22}{52} = 42$	0,64

Os efeitos da homorganicidade na harmonização vocálica (HV) são claramente visíveis nesta Tabela para ambas as vogais. Todavia a vogal /i/ extrapola o homorgânico, revelando-se o condicionador mais forte. Mas o ponto a ser notado é a fraca atuação da homorganicidade no alçamento sem motivação aparente (AL), apontando para a diferença entre uma regra de assimilação e uma regra neutralizadora.

Feitas essas considerações gerais que assinalam a sensibilidade ao som da harmonização vocálica, permitindo considerá-la neogramática, detenhamo-nos na redução vocálica sem condicionador fonético.

## 2.2 Redução vocálica sem condicionador fonético

A análise do alçamento sem condicionador fonético, embora de uso restrito na fala do sul, permite destacar peculiaridades que a identificam como um processo de difusão lexical.

A análise expressa nas Tabelas que seguem vem de duas fontes: i) dissertação de mestrado de Patrícia Klunck (2007) e ii) relatório das bolsistas IC, Fernanda Marchi e Rita Stein. A primeira analisa a amostra de Porto Alegre e as duas últimas, a amostra de Curitiba.<sup>3</sup> Todas analisam dados do VARSUL.<sup>4</sup>

Tabela 3: Altura da vogal da sílaba seguinte

### a) Amostra de Porto Alegre (Klunck, 2007)

Fatores	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Vogal média ( <i>modelo</i> , <i>cebola</i> )	93/1455	6	0,75	212/1241	17	0,62
Vogal baixa ( <i>tomate</i> , <i>metade</i> )	3/774	0	0,11	23/738	3	0,31
TOTAL	96/2229	4		235/1979	12	

### b) Amostra de Curitiba (Marchi e Stein, 2007)

	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
V.média ( <i>modelo</i> , <i>cebola</i> )	268/3096	9	0.59	432/1963	22	0.44
Baixa ( <i>pedaço</i> , <i>tomate</i> )	124/2344	5	0.38	393/2414	16	0.55
TOTAL	392/5040	7		825/4377	19	

<sup>4</sup> As Tabelas da seção 2. 2 estão relacionadas aos seguintes valores:

Porto Alegre:	/e/ Input: 0,06	/o/ Input: 0,01
	Significância: 0,008	Significância: 0,001
Curitiba:	/e/ Input: 0,04	/o/ Input: 0,12
	Significância: 0,048	Significância: 0,001

Observe-se que toda palavra com vogal alta seguinte à pretônica foi excluída da amostra para evitar resultados ambíguos. Os efeitos da vogal seguinte são contraditórios: na amostra Porto Alegre, a vogal média é mais atuante que a baixa tanto na elevação da vogal /e/ quanto na elevação de /o/, enquanto na amostra de Curitiba, a vogal baixa é mais atuante do que a média. A falta de homogeneidade dos resultados permite-nos inferir que a vogal da sílaba seguinte não tem um papel específico na regra.

Tabela 4: Contexto fonológico seguinte

a) Amostra de Porto Alegre, (Klunck, 2007)

Fatores	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Palatal ( <i>sonh<u>ado</u>, len<u>he</u>iro)</i>	31/34	91	1,00	75/112	67	0,95
Labial ( <i>dop<u>ado</u>, tom<u>ate</u>, ceb<u>ola</u>, sem<u>ana</u>)</i>	28/469	6	0,73	82/649	13	0,55
Dorsal ( <i>progred<u>ir</u>, ceque<u>ira</u>)</i>	21/250	8	0,90	6/165	4	0,31
Coronal	14/1414	1	0,29	72/1031	7	0,42

b) Amostra de Curitiba (Marchi e Stein, 2007)

%	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso Relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
	129/313	4	0,87	80/231	4	0.50
	29/771	4	0.48	39/539	7	0.34
	40/846	5	0.44	432/1422	3	0.65
	194/3510	5	0,48	274/2185	12	0.44

Em ambas as amostras, a coronal figura com valores baixos tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/. A labial favorece mais /o/ do que /e/ em Curitiba, mas inverte o seu papel, em Porto Alegre, onde, contrariando as expectativas,

favorece mais a vogal /e/. A dorsal mostra -se um contexto favorável para /e/ tão-somente em Porto Alegre. As incongruências referidas devem estar comprometidas com o léxico, como, por exemplo, a recorrência da palavra *piqueno* na amostra de Porto Alegre, favorecendo o índice da dorsal diante de /e/ e a recorrência verbo *começar* em Curitiba, favorecendo o índice da labial diante de /o/.

Tabela 5: Contexto fonológico precedente

a) Amostra de Porto Alegre (Klunck, 2007)

Fatores	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Dorsal ( <i>quebrado, governo</i> )	0/246	0	-	187/915	20	0,67
Palatal ( <i>gelada, jogatina</i> )	0/53	0	-	3/37	8	0/55
Labial ( <i>mexerics, bonec</i> )	30/774	4	0,54	24/401	6	0,47
Coronal ( <i>tenente, tomate:</i> )	65/992	7	0,51	21/516	4	0,24
Vazio ( <i>elegante, oval</i> ),	1/106	1	0,23	0/108	0	-

b) Amostra de Curitiba (Marchi e Stein, 2007)

Fatores	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso Relativo	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Dorsal ( <i>querer, gostava</i> )	2/269	0.7	0.13	584/1903	30.7	0.70
Palatal ( <i>chegava, jogar</i> )	5/285	1.8	0.04	13/182	7.1	0.30
Labial ( <i>beleza, momento</i> )	136/2091	6.5	0.54	88/1129	7.8	0.36
Coronal ( <i>tenente, solteiro</i> )	229/2645	8.7	0.58	131/1011	13	0.35
Vazio <i>elegante. operário</i>	20/150	13	0,78	9/152	6	0,21

Em Porto Alegre, excetuando a dorsal, diante de /o/, os segmentos, inclusive o vazio, são irrelevantes, assim como em Curitiba, excetuando-se a dorsal para /o/ e o vazio para /e/. Olhando-se para as duas Tabelas comparativamente, verifica-se que, com exceção da dorsal diante de /o/, o segmento precedente tende a não exercer influência na redução em estudo.

Tabela 6: Tipo de sílaba

a) Amostra de Porto Alegre (Klunck, 2007)

	Vogal /e/			Vogal /o/		
	Aplic./Total	%	Peso relativo	Aplic./Total	%	Peso relativo
Sílaba leve ( <i>pesado, coração</i> )	94/1483	6	0,67	173/1278	14	0,48
Sílaba pesada ( <i>mensagem, compaixão</i> )	2/746	0	0,19	62/701	9	0,54

b) Amostra de Curitiba (Marchi e Stein, 2007)

	Vogal /e/			Vogal O		
	Aplic./Total	%	Peso Relativo	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Leve ( <i>beleza, começo</i> )	374/4368	9	0.64	598/2901	21	0.62
Pesada ( <i>certeza, comprar</i> )	18/1072	2	0.09	227/1476	15	0.28

Novamente os resultados são incongruentes. Por que a sílaba leve é um contexto relevante para o alçamento da vogal /e/ mas não para /o/ na amostra de Porto Alegre, enquanto em Curitiba a sílaba leve é preferida para ambas as vogais? Qualquer reflexão que se faça diante desse e dos demais resultados apresentados afasta-nos de uma interpretação neogramática. Veja-se a Tabela seguinte:

Tabela 7: Total de aplicação

## a) Amostra de Porto Alegre (Klunck, 2007)

	Aplicação	Não aplicação	Total de ocorrências	% Total de aplicação
Vogal /e/	96	2133	2229	4
Vogal /o/	235	1744	1979	12
TOTAL	331	3877	4208	

## b) Amostra de Curitiba (Marchi e Stein, 2007)

	Aplicação	Não aplicação	Total de ocorrências	% de aplicação
Vogal /e/	392	5048	5440	7.2
Vogal /o/	825	3552	4377	18.8
TOTAL	1217	8600	9817	

Em Porto Alegre, com 2229 dados da vogal /e/, houve apenas 4% de aplicação e em 1979 dados de /o/, 12%. Em Curitiba com 5440 dados de /e/, houve somente 7% de aplicação, mas em 4377 dados de /o/, houve cerca de 19%. Os índices da Tabela oferecem suporte à ideia inicialmente exposta de que se trata de uma regra incipiente e, ao mesmo tempo, indicam, como as tabelas precedentes o fizeram, que o seu âmbito de aplicação preferido é o da vogal /o/, o que deve estar comprometido com o léxico, pois verbos como *aproveitar*, *acomodar*, *comer*, *começar*, *gostar*, *jogar* com seus paradigmas são recorrentes nas amostras em consideração.

Os resultados apresentados, o mais das vezes incongruentes no sentido de não apontarem para um condicionador específico, sugerem que a elevação da pretônica sem motivação aparente é um processo difusionista que privilegia certas partes do léxico ou certas variedades de fala para expandir-se gradualmente, independentemente de uma específica motivação sonora.

### 3 Reflexões

Labov (1981), que se confessa um partícipe da ideologia neogramática, afirma que *“Sequências de sons podem conspirar por longos períodos para elaborar e manter padrões e regularizar a distribuição de traços em certos domínios”*. Nessa perspectiva, podemos dizer que a harmonização vocálica, no português brasileiro, de vivência remota, já atingiu esse grau de regularidade, manifestando-se como uma variação sistemática e estável. Documentos que mostram sua regularidade e estabilidade no português brasileiro de norte a sul do País não faltam (Bahia, Silva 1989; Rio Grande do Sul, Bisol 1981, Schwindt, 2002, Casagrande, 2003, e Rio de Janeiro, Callou, Moraes e Leite, 2002, entre outros).

É, inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. É, como vimos em páginas precedentes, uma regra de mudança de estrutura e concomitantemente uma regra de preenchimento, pois os traços da vogal média, o alvo, são desligados para serem preenchidos pelo traço da vogal alta, a propulsora.<sup>5</sup>

Essa regra, totalmente integrada ao sistema, vem passando de geração a geração sem alterar o seu status, diferentemente do português europeu que por extensão alcançou todo o léxico, passando os seus resultados para as novas gerações.

Mas o que dizer da relação harmonia com o alçamento sem motivação aparente? A primeira é uma regra de assimilação, plenamente incorporada ao sistema; a segunda, uma regra de neutralização de caráter incipiente que passa despercebida em alguns dialetos. Porto Alegre é um exemplo. Diante do estatuto de variação estável que a harmonização tem revelado no português brasileiro como um todo, segundo as diferentes descrições que dela temos, fica difícil aceitar a ideia de que esteja ocorrendo um processo de expansão em que a harmonia, uma regra de assimilação estivesse alargando os seus efeitos via regra de alçamento sem condicionador específico, neutralizadora por definição. É

---

<sup>5</sup> Sobre regra de mudança de estrutura e de preenchimento, ver Kiparsky, 2003.



possível que isso venha a ocorrer em um futuro longínquo. Por ora os fatos são outros. Não há indício de uma mudança em progresso. Detenhamo-nos um pouco mais nesta regra.

### **3.1 O alçamento sem motivação aparente**

Olhemos para esse processo como uma mudança de som que ocorre por si mesma sem motivação externa, contando sobretudo com as propriedades individuais do próprio fonema. A vogal média é no sistema a vogal mais sujeita à mudança sonora, seja como regra variável seja como regra categórica. Na pretônica, perde a distinção ATR, na postônica final é neutralizada em favor da vogal alta, em datílicos privilegia [-ATR] e na metafonia verbal, sua realização depende da vogal seguinte. Diante disso, podemos dizer que a vogal média é um som com potencial para a mudança, portanto facilmente ajustável a uma mudança de caráter difusionista, na linha de Chen e Wang (1975).

Que a regra em discussão não tem nenhum condicionador fonético específico, acabamos de constatar na seção precedente, dada a irregularidade dos resultados. Isso nos leva a supor que, no português brasileiro, essas duas regras são diferentes não só quanto à sua representação e natureza mas também quanto a seu *status*, a HV é uma variação estável e a RV é uma regra incipiente. A HV continua limitada a seu domínio, operando variavelmente em palavras em que o condicionador fonético está presente e a RV sem condicionador atua esporadicamente em palavras isoladas mostrando tendência a expandir-se através de palavras aparentadas. Observemos no léxico das amostras analisadas os vocábulos atingidos:

## **4 AL no LÉXICO**

Amostra de Porto Alegre:

Vogal /o/

### **a) Grupos nominais e verbais**

acuntece, acuntecer acuntecia (acontecer)

butar, butava (botar)  
chuvendo, chover, chuveu (chover)  
começar, começa, começo, começando, comecei, começou (começar)  
cumer, cumendo (comer)  
cumentar, cumentado (comentar)  
cumpadre, cumadre (compadre)  
cunhece, cunheço, cunhecem, cunhecendo, cunhecer, cunheceu,  
cunhecimento (conhecer)  
cunsegui, cunseguia (conseguir)  
cunversa, cunversando, cunversar, conversava, cunversei, cunversas  
(conversar)  
estufador, estufaria (estofador)  
fugão, fugeira, refugado (fogão)  
governo, governar (governo)  
muleque, mulecagem (moleque)  
sussego, sussegado (sossego)

**b) Palavras isoladas**

apresentado, buneca, culégio, cumércio, futugrafia, sutaque, tumate,  
subrevivência

Vogal /e/

**a) Grupos nominais**

senhor, senhora, senhoria (senhor)  
piqueno, piquenos, piquena, piquenas (pequeno)

**b) Palavras isoladas**

aparicer, futibol, ivolui, marcineiro, pisava (pesava), tisouraria,

O que se observa é que a regra se aplica mais com a vogal /o/, em cujo âmbito preponderam palavras que formam grupos com uma base em comum.

## **Amostra de Curitiba**

### **Vogal /o/**

#### **Grupos nominais e verbais**

almoçar, almoçava (almoçar)

aproveitar, aproveitasse, aproveitava, aproveitasse (aproveitar)

apensentar, apensetado (aposentar)

buneca, buneco (boneca)

butar ,butei, butava (botar)

cubrir, cuberta. Descuberto (cobrir)

culabora, culaborava culaborei (colaborar)

culeção, eculecionava (coleção)

culégio, culega, culegial (colégio)

culonial, culoniais (colônia)

culucar, culuquei, culucando culucava (colocar)

chuvendo, chover (chover|)

culeção, clecionava (selecionar)

cumadre, cumpadre (compadre)

cumer, cumendo (comer)

cumeçar, cumeçando. cumecei (começar)

cumentar, cumentava cumentasse (comentar)

cumercio, cumerciar cumerciando (comércio)

cumprar, cumpravam cumprasse (comprar)

cumpleto, cumpletavam completou (completar)

cumpanheiro, cumpanheira (companheiro)

cuncordar, cuncordava (concordar)

convêncio, conveniado (convênio)

cunversa, cunversar (conversar)

cunhecer, cunhecido (conhecer)

cunsertar, cunsertasse (consertar)

cunserva cunservava (conservar)

cuntaminar, cuntaminado (contaminar)

demurar, demurasse, demurava (demorar)

encuntrar , encuntrando (encontrar)  
encumendar. Encumendendo (encomendar)  
enfurcar, enfurcando (enforçar)  
engumar, engumando (engomar)  
escurregar, escurregasse (escorregar)  
escunder, escundido (esconder)  
gustar, gutava (gostar)  
locumover, locomotiva (locomover)  
jugar, jugando, joguei, jugava (jogar)  
melhurar, melhurando (melhorar)  
namurar, namurando (namorar)  
muleque, mulecão (moleque)  
murar, murava, murei (morar)  
muntar, muntagem (montar)  
pruvocar, pruvocou (provocar)  
puder, púdendo, podia (poder)  
trucar, trucando (trocar)  
tumar, tumando (tomar)

### **Palavras isoladas**

arvuredo, adutado, almuxarifado, burdado, cubaia, cumédia, cumendador,  
hunesto, ivangelho,  
japunês, lanchunete, muderna, mulhado, normal, nuvela, purtão

### **Vogal /e/**

#### **Grupos nominais e verbais**

aconcicer, aconticeu (acontecer)  
cabiceira, cabiceava, (cabeça)  
cunhicer, cunhicia (conhecer)  
iconomia, iconmizava (economia)  
mulhor, melhorar, melhorando melhoramento (melhor)  
sinhor, sinhora (senhor)  
piqueno, piquenos piquenos (pequeno)

pissoa, pissoas, pissoal (pessoa)  
profissor, profissora, profissores (professor)

### **Palavras isoladas**

biterraba, cibola, catiquese, dipósito, faliceu, ileição, ilaboração, ivangelho,  
limbrança, metade,  
palito, prisença, recordação, risponsável, ristorante, vixame, simana

O léxico de Curitiba confirma com mais abundância o que foi observado no léxico de Porto Alegre: o processo desenvolve-se através de paradigmas, alcançando algumas palavras isoladas tanto com /e/ quanto com /o/, mas está mais adiantado no âmbito da vogal /o/, porque a maior parte aplica em algumas palavras isoladas mas privilegia grupos tanto do paradigma derivativo quanto do flexional e que, em ambas as amostras, a vogal /o/ é privilegiada tão somente porque aí estão verbos com seus paradigmas flexionais que são recorrentes na fala.

### **Conclusão**

Talvez mais argumentos sejam necessários, mas diante dos resultados deste estudo, podemos afirmar que a redução sem condicionador fonético específico dá sinais claros de ser um processo difusionista, cujo canal de expansão é o léxico por onde se estende via grupos de palavras com uma base em comum. Tal procedimento permite identificar o papel da analogia que é comum a processos difusionistas, conforme afirmam os protagonistas desta versão de mudança sonora.

## A SÍNCOPE E A AFRICADA ALVEOLAR

Marisa Porto do Amaral - FURG<sup>1</sup>

### Introdução

Estudos sobre palatalização vêm sendo realizados em vários recantos do país. Sabe-se que para acontecer tal processo, é preciso que a coronal alveolar esteja seguida da vogal anterior alta. Desta feita, uma africatação acontece<sup>2</sup>. Na produção articulatória, se a parte anterior da língua estiver na posição palatoalveolar diz-se que a africada é palatal (tia > tʃia, dia > dʒia); se a lâmina da língua for em direção aos alvéolos, a africada é alveolar (tia > tsia, dia > dzia).

Este processo variável também pode ser o resultado da perda de uma vogal situada entre as referidas consoantes, como na palavra *parentes* (pa'rentʃis ~ pa'rentis ~ pa'rents). Nesta última, houve a síncope da vogal alta, ou seja, a perda do fonema /i/, em *ants*, *dscascava*, *dzgosto*, *dspesa*, ou /u/ em *tods*, *muits qui*, *ds patos*, emergindo então africadas alveolares [ts, dz] e [dʒ], uma sequência de coronal alveolar ensurdecida que se considera variante. Assim, mesmo que a africada alveolar seja resultado da síncope que acontece entre consoantes homorgânicas, é possível o aparecimento de uma variante.

Portanto, a síncope da vogal alta e seu consequente resultado, uma africada alveolar, no contexto entre alveolar e sibilante, em sílaba átona, é o tema deste estudo. O corpus da pesquisa compõe-se de 60 informantes de quatro cidades do Rio Grande do Sul e será analisado pela Teoria da Variação.

---

<sup>1</sup> Participaram deste trabalho os alunos de graduação Gabriel Borges da Silva, Jurema da Silva Abreu, Régis Oliveira Garcia e Shirley Oliveira de Souza (todos bolsistas voluntários). Agradeço a Roberto Ferrari e Helton Bartholomeu da Silva Jr. a ajuda na análise acústica.

<sup>2</sup> Sobre o processo, ver Clements (1991), Bisol e Hora (1993) ou Cagliari (2002).

## 1. Revisão da literatura

### 1.1 A síncope, uma restrição opcional

Em seu trabalho sobre palatalização, no modelo da Fonologia Lexical, Bisol & Hora (1993:34-5) reconhecem que esta regra pode ter uma restrição opcional.

#### (1) Restrição variável da palatalização

Se  $V[-ab^n]$ , em sílaba fraca, seja pretônica ou postônica, estiver entre consoantes coronais, anteriores, onde C1 e C2 são respectivamente  $[-cont]$  e  $[+cont]$ , então PAL é opcional.

Exemplificando, palavras como *partes* e *medicina* podem se realizar, conforme o ordenamento a seguir, mas dependentes de outras duas regras, a da síncope da vogal alta e a da neutralização da mesma vogal.

(2) a.		b.		
	[ˈpartɨs]		[mediˈsinə]	
	ˈpartɨs		-	Neutralização
	ˈpartɨs		mediˈsinə	Palatalização
	-		-	Síncope
			ˈparts	medsínə

O apagamento da vogal acarreta ressilabação, uma vez que é perdida uma unidade temporal (conf. em b). E esta ressilabação vai formar um segmento de contorno, isto é, uma africada  $[+cor, +ant]$  que, mesmo não fazendo parte do sistema do Português, pode ser criada em nível pós-lexical, onde o Princípio de Preservação de Estrutura (Kiparsky, 1985) não atua.

Assim, em palavras como *distraído* e *doentes*, quando a síncope acontece  $[ðs]traído$  e  $doen[ts]$ , ficam segmentos flutuantes que serão incorporados pela ressilabação ao núcleo da sílaba seguinte ou à rima da sílaba precedente. Cria-se então uma africada não-palatal. De acordo com Bisol & Hora, Síncope e consequente Ressilabação formam um só processo pós-lexical.

O ordenamento das regras (neutralização, síncope e palatalização), segundo os autores, não é propriedade intrínseca delas, e sim, uma questão de organização do léxico. A neutralização precede as outras duas e estas podem ser

aplicadas no mesmo contexto numa ordem livre. Assim, na formação das africadas alveolares [ts, ɖs] em palavras como *antes* e *desperta*, a palatalização pode ocorrer ou não.

A regra da síncope é variável; portanto, na teoria da Fonologia Lexical, figura no componente fonológico como pós-lexical.

A ressilabação (decorrente da síncope) muda a estrutura da rima (superpesada), evidenciando que é pós-lexical. Outra evidência se dá entre fronteiras ([pɔdi ser] ~ [pɔɖser]): processo de sândi externo, o qual não será tratado aqui.

## **1.2 Os campos de atração de Mohanan**

Outro estudo que parece encaixar nosso fenômeno é o de Mohanan (1993). Este propõe que campos de atração fonética (articulatório e perceptual) sejam os responsáveis pela formação de campos de atração fonológica na Gramática Universal que, por sua vez, dá origem a padrões fonológicos nas gramáticas individuais. Uma das línguas naturais de que trata – Malayalam apresenta algumas restrições que servem para o português. Ao considerar que consoantes adjacentes devem ter o mesmo ponto de articulação, diz que a motivação fisiológica para esta restrição está na redução do custo. Analisando a condição “minimize o custo articulatório” em duas partes, ter-se-á, respectivamente, (3a) e (3b):

(3) a. *Minimize the number of articulatory gestures.*

b. *Minimize the deviation of articulatory gestures from configurations of least effort. (p.99)*

E podem ser vistas como campos de atração fisiológica que forçam os sistemas fonológicos a evoluírem em certas direções. Assim (3a) é responsável pela assimilação; (3b) é responsável pela neutralização, redução da vogal e lenição consonantal.

Em nossa pesquisa, a africada alveolar de [ɖs]pertador, por exemplo, parece ter evoluído na direção de (3b): sofreu a regra de neutralização da vogal que ficou então reduzida antes de ser apagada, fazendo com que a sequência



fosse produzida com um abrandamento do esforço articulatório. Para Mohanan (p. 106), a lenição consonantal é a manifestação do menor esforço articulatório. E diz ainda que tanto a redução vocálica quanto a lenição consonantal estão presentes em quase todas as línguas do mundo, pela predisposição universal em reduzir o esforço articulatório. Bisol (1991, p.122) também refere o mesmo processo (lenition), que leva ao desenvolvimento de novas africadas [ts, dz] exemplificando: den[tʃis] ~ den[tis] ~ den[ts], quando a palatalização não é aplicada plenamente, devido à restrição variável da sibilante. Diz ainda que a motivação morfológica (pluralização, flexão verbal e derivação) renova constantemente a presença do contexto inibidor: par[tʃi] mas preferencialmente par[tis] ~ par[ts].

#### **1.4 Outros estudos**

Para Abaurre e Pagotto (2002), a ocorrência da africada alveolar é consequência do enfraquecimento da vogal alta anterior [i] que passa a se realizar como uma aspiração. Os autores diferenciam casos como 'atualmente' e 'medicina'. Em *atualmente* [atuaw'mêtsɪ] trata-se do enfraquecimento da vogal e a aspiração da oclusiva alveolar [t<sup>h</sup>], resultando em um ruído próximo da fricativa alveolar [s], que se transcreve como [ts<sup>h</sup>]. Já em *medicina* [me'dsinə], ocorre a queda da vogal alta anterior [i] e a junção de dois segmentos: o [d] e o [s]. Assim como Bisol & Hora, Abaurre e Pagotto observaram que a queda da vogal é um fator inibidor do processo de palatalização. Mas devido a sua ocorrência restrita, essa última variante foi descartada da análise geral dos dados.

Amaral e Silva Jr. (2004) também observaram a ocorrência das mesmas três variantes das coronais /t,d/ na fala de informantes de Santa Vitória do Palmar e Chuí, cidades da região de fronteira Brasil-Uruguai. E viram a africada alveolar como um processo intermediário em crescimento entre as dentais (característica das duas cidades) e as africadas palato-alveolares. Exs.: [ts]jipo, [dz]isso, fu[ts]jibol, [dzi]versão.

Um trabalho que trata do fenômeno em estudo é o de Leite (2006) que avalia a ocorrência de sequências de oclusiva alveolar + sibilante alveolar não-vozeada - [ts e ds] em contextos concorrentes com as africadas alveopalatais

[tʃis, dʒis], como um padrão inovador no português falado da cidade de Belo Horizonte, em um corpus de 16 informantes universitários. Tendo como base as teorias do Modelo de Exemplos, da Fonologia de Uso e da Fonologia Articulatória, também valeu-se da análise acústica do programa Praat, cujos resultados mostram que há gradiência fonética entre a realização das variantes plenas [tʃis, dʒis] e a realização das variantes inovadoras [ts e ds]. A análise estatística aponta para uma maior tendência à ocorrência da africada alveolar [ts, ds] quando a oclusiva alveolar é não vozeada [t] e quando a sequência avaliada encontra-se nas bordas da palavra.

## 2. Hipóteses

- a) A síncope é aplicada variavelmente no contexto coronal alveolar seguida principalmente da vogal alta anterior /i/ e sibilante /s/, em sílaba átona.
- b) O fenômeno em estudo acontece tanto acima quanto abaixo do nível de consciência dos falantes, não dando mostras de ser uma regra estigmatizada.
- c) Os falantes mais jovens tendem a produzir mais a sequência sincopada [ts], [dz].

## 3. Objetivos

- a) Verificar a ocorrência da síncope da vogal alta (geralmente /i/) na sequência coronal alveolar /t,d/ + vogal alta + sibilante /s/ nas comunidades de Porto Alegre, São José do Norte, Panambi e Rio Grande.
- b) Observar, através de análise acústica, a realização da variante palatalizada e a realização da variante sincopada.

## 4. Metodologia

O fenômeno da síncope da vogal nas sequências de coronal alveolar+vogal alta+sibilante alveolar em posição átona foi verificado em quatro cidades do Rio

Grande do Sul: Panambi, de colonização alemã, além de Porto Alegre, São José do Norte e Rio Grande, de colonização portuguesa, num total de 60 informantes. Nas três primeiras cidades, foram selecionadas 10 entrevistas, totalizando 30 informantes, e em Rio Grande, também 30 informantes.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: *conversação livre* nos municípios de Panambi, São José do Norte e Porto Alegre (Corpus do VARSUL) e *leitura de frases*, no município de Rio Grande, por estudantes universitários da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Utilizou-se esse instrumento dirigido (leitura de frases) para poder contar com o maior número de ocorrências da regra em estudo. A escolha das palavras para a leitura de frases seguiu o critério da posição: início, meio e fim da palavra; respectivamente [ðs]pertador, in[ðs]cutível, fogue[ts]. Tais gravações foram feitas, em sua maioria, no laboratório de línguas do Instituto de Letras e Artes da Universidade. A amostra de Rio Grande foi rodada em separado por ser um estilo induzido.

A análise da conversação livre selecionou principalmente nomes e verbos, além de outras categorias (muitos>muitus>muits; antes>antis>ants), o que permitirá conhecer o comportamento da variação em diferentes itens com flexão e sem flexão. Já na leitura de frases, selecionaram-se predominantemente nomes (substantivos e adjetivos).

Buscar-se-á também a contribuição da análise acústica para a compreensão do fenômeno de fala, ao verificar a realização da variante palatalizada e a realização da variante sincopada. Pois acredita-se que a inter-relação entre fonética e fonologia pode oferecer contribuições importantes ao estudo dos sistemas sonoros das línguas.

#### **4.1 Variáveis**

Buscando identificar os fatores da estrutura linguística que condicionam o fenômeno em estudo, foram definidas as seguintes variáveis:

#### 4.1.2 Variável dependente:

A síncope da vogal [ants], tendo como variantes:

- 1) apagamento da vogal – [ts/ds];
- 0) realização da vogal – [tʃis/dʒis].

#### 4.1.3 Variáveis linguísticas

- tonicidade: pretônica inicial (descascava), pretônica não-inicial (medicina), postônica final (dentes), clítico (dos patos);
- qualidade da vogal: vogal alta anterior /i/ (indiscutível), alta posterior [u] fonético (dos Patos) alta.anterior /i/ fonético (despesa)
- sonoridade da oclusiva anterior: surda (dentes) ou sonora (verdes)
- vozeamento da sibilante: desvozeado (dentes) ou vozeado (desgosto)
- número de sílabas: dissílabo (antes), trissílabo (despesa) ou polissílabo (descascava)
- presença de prefixo (descansava), não-prefixo (verdes)
- posição da sequência alvo: início da palavra (distante); meio da palavra (medicina), final da palavra (antes), entre palavras (Lagoa dos Patos)
- vogal alta subjacente/fonológica (judiciais) ou não-subjacente/fonética (tesouro)

#### 4.1.4 Variáveis extralinguísticas

- sexo: masculino e feminino
- escolaridade: até 5 anos, 6 a 8 anos, 9 a 11 anos

Observação: Na rodada da leitura de frases com universitários, a escolaridade, por ser homogênea, foi substituída pela faixa etária: 18 a 23 anos, 24 a 33 anos.

## 5. Análise dos resultados

Nesta pesquisa, por termos duas amostras, uma no estilo *conversação livre* e a outra no estilo *leitura de frases*, foram realizadas duas rodadas com o pacote estatístico VARBRUL.

Na rodada *Conversação Livre*, constatou-se um percentual de aplicação da regra de 57%, ou seja, em 275 das 486 ocorrências. E foram selecionadas, respectivamente, as variáveis: qualidade da vogal, vozeamento da sibilante, número de sílabas, escolaridade e posição da sequência.

Na rodada *Leitura de Frases*, a aplicação da regra teve um percentual de 62% em 810 das 1297 ocorrências. Neste caso, o número de palavras com contextos apropriados é bem maior do que na conversação livre. Foram selecionadas as variáveis: qualidade da vogal, tonicidade, faixa etária, presença do prefixo, vozeamento da sibilante, sonoridade da oclusiva anterior e sexo.

Os universitários que fizeram parte da pesquisa são naturais de Rio Grande e frequentam o curso de Letras da FURG. Foi-lhes solicitado que fizessem uma leitura silenciosa, e após, uma leitura oral do instrumento. As variáveis são as mesmas da rodada da conversação livre, com exceção da escolaridade que foi substituída pela faixa etária, uma vez que todos os alunos possuem o mesmo grau de ensino.

Na análise do programa VARBRUL, como há duas variáveis que foram selecionadas nas duas rodadas, as tabelas serão apresentadas conjuntamente, a seguir.

### a) Qualidade da vogal

Em posição átona, observa-se o processo de redução ou neutralização, prosodicamente condicionado, entre vogais médias altas (e, o) e vogais altas (i, u), respectivamente. Assim, palavras como *semen*[tes] podem alternar com *semen*[tʲis] ou *semen*[tʲis] e *to*[dos] com *to*[dʲʊs].

A vogal candidata ao apagamento em estudo é a vogal alta, seja anterior /i/ ou posterior /u/, seja fonológica ou fonética: d[i]sposto ou bot[o]s, respectivamente.

Esta variável foi a primeira a ser selecionada pelo Programa, tanto na rodada da conversação livre quanto na rodada da leitura de frases, comprovando ser o principal requisito para a ocorrência da variante sincopada, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Qualidade da Vogal

a) amostra conversação livre

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
alta ant./i/ <i>sa[ts]feito</i>	36/47	77%	0,72
/i/ fonét. <i>[ds]conhecido</i>	179/274	65%	0,62
/u/ fonét. <i>[ds]patus</i>	60/165	36%	0,26
Total	275/486	57%	
Input 0,58		significância = 0,033	

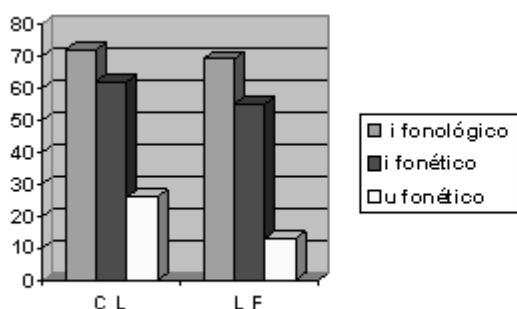
b) amostra leitura de frases

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
alta.anter./i/ <i>[ds]traída</i>	178/304	59%	0,69
[i] fonét. <i>semen[ts]</i>	552/780	76%	0,55
[u] fonético <i>[ds]patus</i>	80/213	24%	0,13
Total	810/1297	62%	
Input 0,66		significância = 0,011	

Pode-se observar na Tabela acima, pela homogeneidade dos resultados em ambas as amostras, que a grande favorecedora do processo é a vogal alta anterior /i/, seguida pela vogal fonética [i]; resultado já esperado, pois o traço da coronalidade é compartilhado pelos três segmentos [tis] ou [dis], o que parece ser decisivo para motivar a síncope da referida vogal. Embora a maioria das ocorrências seja com /e/, nem sempre a vogal vai sofrer a regra de neutralização, condição necessária para a síncope. Quanto à vogal fonética [u], o resultado mostra-se inibidor (0,26), na realização da variante.

O gráfico abaixo indica o resultado com peso relativo das duas rodadas: a da conversação livre (CL) e a da leitura de frases (LF).

Gráfico1 – Qualidade da vogal



b) Vozeamento da sibilante

Quanto a esta variável, esperava-se que a sibilante desvozeada influenciasse mais a aplicação da regra. Além disso, Leite (2006) obteve resultados que indicaram haver maior ausência nas sequências com sibilante alveolar não vozeada. Segundo a autora, isso se justifica porque, de acordo com Borges de Faveri (2005), na grande maioria das línguas, as vogais tendem a ser mais longas quando seguidas por consoantes sonoras do que quando seguidas por consoantes surdas.

Tabela 2 – Vozeamento da sibilante

a) amostra conversação livre

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Desvozeada [ds]traído	261/441	59%	0,54
Vozeada [dz]gosto	14/45	31%	0,17
Total	275/486	57%	
Input 0,58		significância = 0,033	

b) amostra leitura de frases

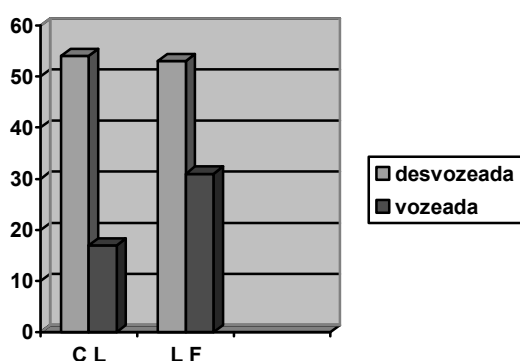
Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Desvozeada den[ts]	733/1152	64%	0,53
Vozeada [dz]obedientes	77/145	53%	0,31
Total	810/1297	62%	
Input 0,66		significância = 0,011	

Os resultados da Tabela 2 indicam que a sibilante desvozeada tende a oferecer um contexto mais favorável para a aplicação da regra (0,54) e (0,53), embora próximo do ponto neutro, confirmando o exposto acima.

O fato de uma consoante ser vozeada implica mais esforço articulatório do que a consoante desvozeada. Na produção da desvozeada, minimiza-se o número de gestos articulatórios. Isso significa que a sequência desvozeada requer um menor esforço. Para Mohanan (1993), a predisposição universal em reduzir o esforço articulatório está presente em quase todas as línguas do mundo.

Os resultados em pesos relativos das duas amostras encontram-se no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Vozeamento da sibilante



As próximas três tabelas são da primeira amostra, ou seja, da conversação livre.

### c) Número de sílabas

É bem possível que o número de sílabas tenha alguma significância na regra, pois pensa-se que a distância poderia ter um papel favorecedor ou não. Desta feita, a maior probabilidade de a variante acontecer está nas palavras com menos sílabas, com mais sílabas ou a distância não faz diferença? Quanto aos clíticos, estes foram incluídos às palavras com duas sílabas e considerados como palavra fonológica trissílaba (dos patos > duspatus). Vejamos o que indica a Tabela abaixo.



Tabela 3 - Número de sílabas

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Dissílabo <i>dentes</i>	102/165	62%	0,64
Trissílabo <i>despesa</i>	104/173	60%	0,50
Polissílabo <i>descansava</i>	69/148	47%	0,35
Total	275/486	57%	
Input 0,58		significância = 0,033	

Segundo os resultados acima, as palavras com duas sílabas (dissílabas) têm um papel mais favorecedor à regra (0,64); as trissílabas são neutras e as polissílabas o desfavorecem. Na sílaba examinada, parece que a distância do acento é significativa, pois na sílaba geralmente é a átona, em final de palavra, contexto assaz referido, na literatura, como o mais propício para modificações fonético-fonológicas. Este resultado também considera o acento, que não foi verificado aqui.

#### d) Escolaridade

A escolaridade tem se mostrado uma variável importante em várias análises. Geralmente, as pessoas com menor escolaridade tendem a utilizar as inovações. Tudo indica que a regra não é estigmatizada, pois parece realizar-se em todos os níveis de ensino.

Tabela 4 - Escolaridade

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Até 5 anos	84/114	74%	0,66
6 a 8 anos	81/156	52%	0,47
9 a 11 anos	110/216	51%	0,44
Total	275/486	57%	
Input 0,58		significância = 0,033	

Na tabela acima, percebe-se que as pessoas com até 5 anos de estudo (antigo primário) utilizam mais a variante, favorecida pelo valor do peso relativo (0,66). Os demais graus mantiveram-se próximos do ponto neutro, o que nos leva a pensar que não sejam totalmente desfavorecedores.

e) Posição da sequência-alvo

Segundo Borges de Faveri, 2005 (apud Leite, 2006), os valores encontrados para a duração das vogais átonas nas posições de borda, seja inicial ou final, são menores que os valores da duração das vogais átonas em sílabas mediais. Outro dado interessante é que a duração da vogal tende a ser menor quando aparece antes de consoante surda e também antes de fricativa. Desse modo, o fato de a vogal alta anterior [i] de realização fonética [ãˈtʃɪs] se encontrar em borda e seguida de fricativa não-vozeada pode indicar um motivo para a redução e consequente não realização da vogal alta anterior.

Tabela 5 – Posição da sequência

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Início de palavra ( <i>desperta</i> )	115/183	63%	0,59
Final de palavra ( <i>dentes</i> )	152/283	54%	0,45
Meio de palavra ( <i>medicina</i> )	8/20	40%	0,33
Total	275/486	57%	
Input 0,58		significância = 0,033	

Esta variável mostrou que a posição mais favorecedora é a de início de palavra (0,59), ou seja, numa das bordas. As demais – final e meio de palavra – estão próxima e bem distante do ponto neutro, respectivamente. O resultado da Tabela corrobora as afirmações de Borges de Faveri. Ao contrário deste resultado, Leite (2006) observa que a borda final apresenta maior índice de ausência da vogal.

Como o resultado da Tabela 3 mostra que as palavras dissílabas são o contexto mais favorável à aplicação da regra, resolveu-se cruzar com a posição, que indica ser o início de palavra o contexto favorecedor.



são todos contextos desfavorecedores. O fato de a postônica final favorecer deve-se provavelmente à duração e à intensidade, pois a sílaba átona final de palavra é considerada fraca e a vogal, reduzida, caminho fácil para o seu apagamento.

Abaurre e Pagotto (2002) apontam também que a incidência da sequência de (oclusiva alveolar + sibilante alveolar) é maior em contextos postônicos. No entanto, devido a sua ocorrência restrita, a variante africada alveolar foi excluída da análise geral de seus dados.

#### g) Faixa etária

A idade dos informantes geralmente é um fator significativo nas pesquisas variacionistas. Embora a diferença entre as duas faixas etárias não seja muito grande, pois os estudantes têm menos de 35 anos, resolveu-se incluí-la entre as variáveis. A expectativa de que os mais jovens aplicariam mais a regra confirmou-se.

Tabela 7 – Faixa etária

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
18 a 23 anos	450/648	69%	0,59
24 a 33 aos	360/649	55%	0,41
Total	810/1297	62%	
Input 0,66		significância = 0,011	

Os resultados da Tabela 7 indicam uma tendência clara de preferência pela forma inovadora, pois os informantes mais jovens são os que lideram a aplicação da regra (0,59), enquanto a outra faixa etária apresenta valores não favorecedores ao seu uso (0,41). Isto parece um indício de que o uso da regra de africatação com síncope poderá crescer com o tempo, pois a literatura refere que a predominância de uma determinada variante linguística em falantes mais jovens possibilita a instalação gradual de uma nova variante na fala da comunidade.

#### h) Presença de prefixo

Nossa hipótese é que a atonicidade do prefixo colabora para a aplicação das sequências [ts] e [dz], pois as sílabas átonas são mais fracas e passíveis de neutralização, o que facilita a síncope da vogal.

Tabela 8 – Presença de prefixo

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Prefixal [dz]obedientes	144/215	67%	0,66
Não-prefixal [dents]	666/1082	62%	0,47
Total	810/1297	62%	
Input 0,66		significância = 0,011	

Na Tabela 6 (Tonicidade), a posição inicial (pretônica) apresenta um número baixo (0,37). Aqui o efeito do prefixo na palavra é visível, pois o peso relativo aponta (0,66) a favor da síncope. Já as palavras sem prefixo mostram um peso relativo abaixo do ponto neutro (0,47). As formas com des- (que alternam com –dis), prefixo muito produtivo na língua, parecem facilitar o uso da regra.

i) Sonoridade da oclusiva anterior

As africadas alveolares [ts, ds, dz] que ocorrem em *parts*, *medsina* e *dzenove* são consequentes do apagamento da vogal /i/.

Tem-se aqui as sequências ts, ds, dz, sendo que a primeira [ts] tem a melhor homorganicidade, já que ambas as consoantes são realizadas com menor esforço articulatório, segundo Mohanan.

Tabela 9 – Sonoridade da oclusiva anterior

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Surda <i>den[ts]</i>	438/591	74%	0,57
Sonora <i>ver[ds]</i>	372/706	53%	0,44
Total	810/1297	62%	
Input 0,66		significância = 0,011	

De acordo com a Tabela, o papel favorecedor (0,57) da sonoridade da sibilante é da consoante [t] surda que tem minimizado o esforço articulatório, na sequência com a sibilante também surda, como em *den[ts]*.

j) Sexo

Um número considerável de estudos variacionistas tem revelado que as mulheres fazem uso mais expressivo que os homens, tanto de formas de prestígio quanto de formas inovadoras. Vejamos o efeito da variável sexo, a última a ser selecionada, na Tabela 10.



Na figura a seguir, apresentamos oscilograma e espectrograma, mostrando a segmentação da palavra “indiscutível” dita por informante feminina.

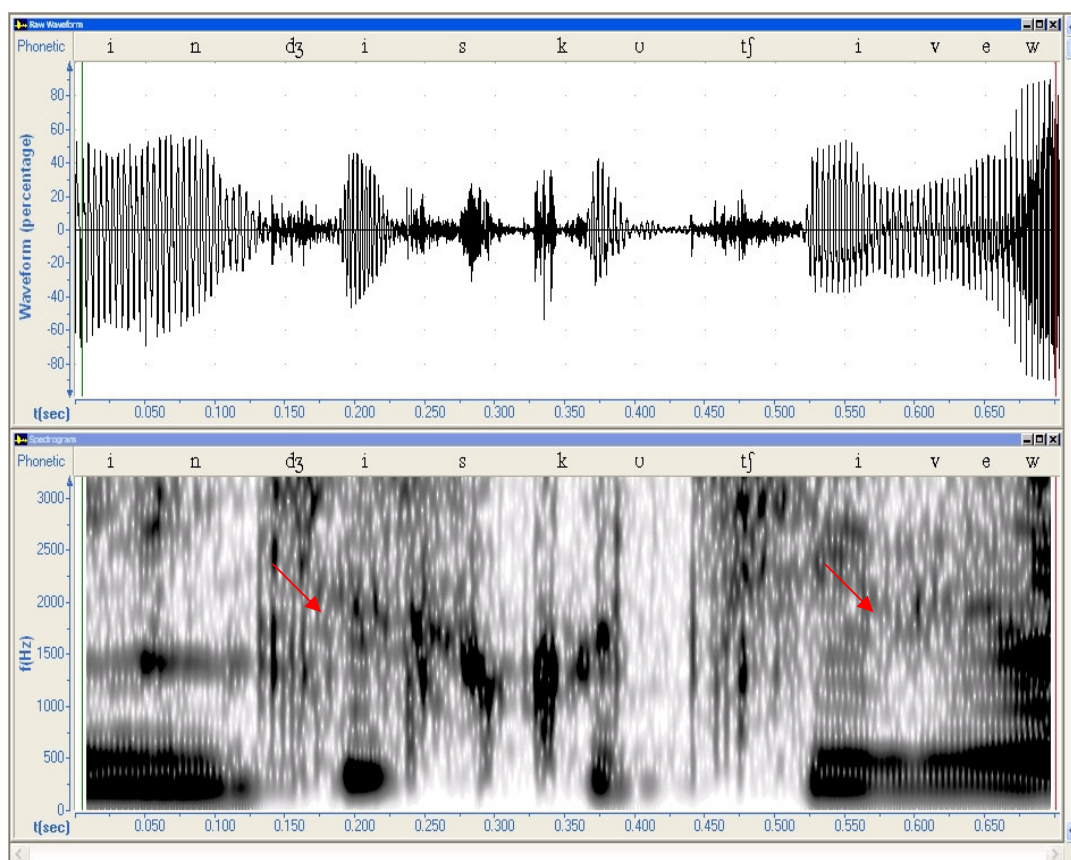


Figura 1 – Oscilograma e espectrograma da palavra “indiscutível”

As setas vermelhas indicam os formantes da realização da vogal alta anterior em posição átona pretônica [dʒis] e em posição tônica [tʃi], respectivamente, junto a africadas alveopalatais. Note-se que a duração da vogal pretônica átona é menor que a duração da vogal tônica.

As africadas são sons complexos, já que envolvem uma sequência de articulações. Como as oclusivas, inicialmente são produzidas com um período de completa obstrução do trato vocal; como as fricativas, são associadas com um período de fricção.

Na figura 2, apresenta-se a imagem acústica da não-realização da vogal alta anterior, ocasionando a formação da africada alveolar, na palavra ‘suficientes’, dita pela informante feminina R2.

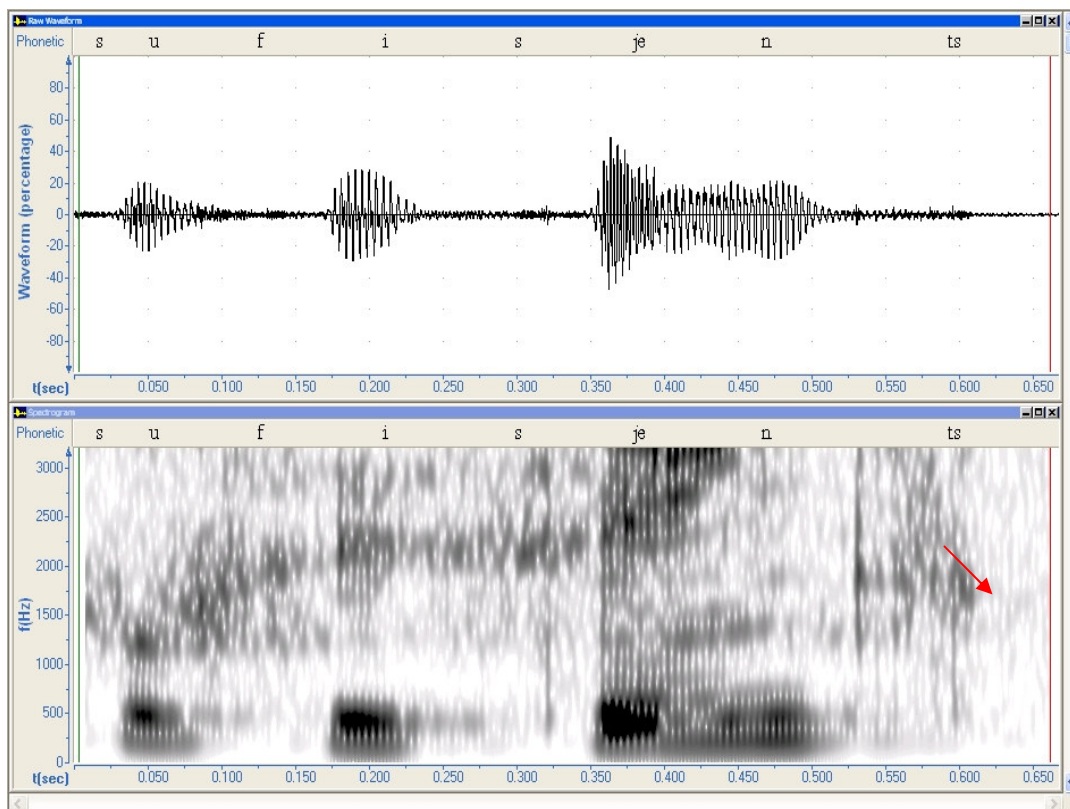


Figura 2 – Oscilograma e espectrograma da palavra “suficientes”

Nesta figura, observa-se, a partir da imagem acústica, a síncope da vogal alta anterior *i* e a consequente não palatalização da oclusiva alveolar desvozeada *t*, que leva à realização de uma africada alveolar, exemplificando o fenômeno em estudo.

Por último, mostraremos a realização da síncope na expressão “sementes de cebola” dita pela informante R2.



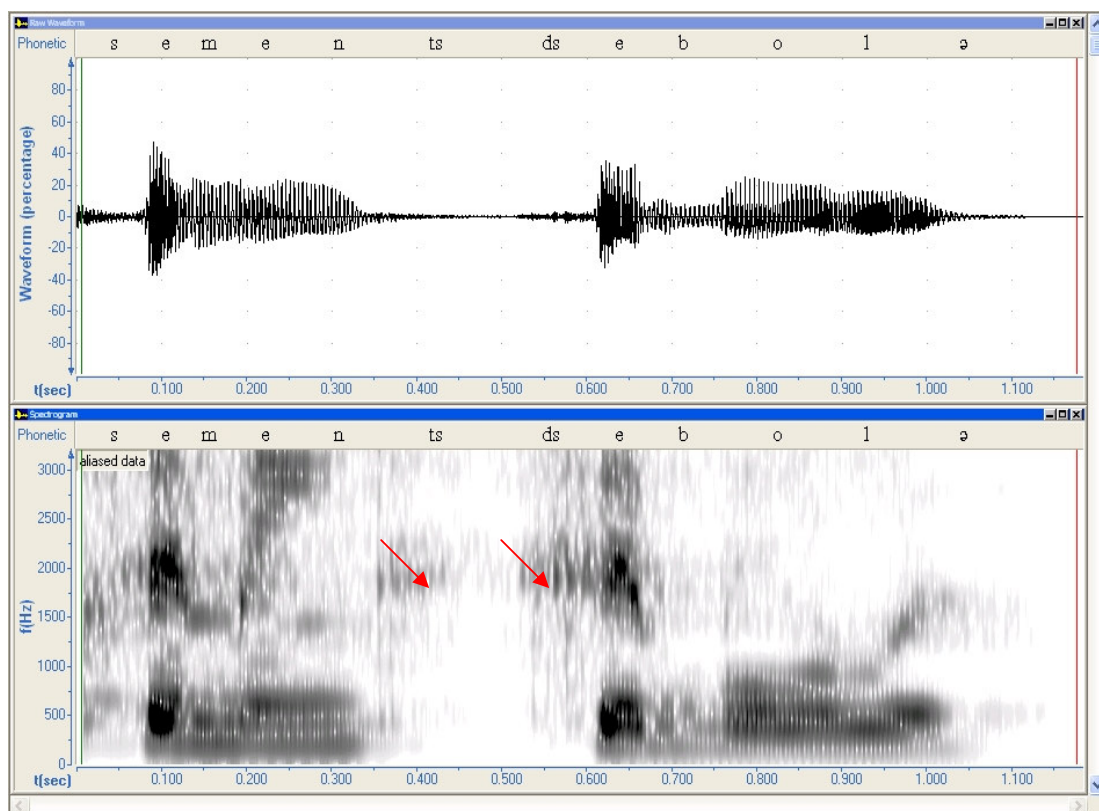


Figura 3 – Oscilograma e espectrograma da expressão “sementes de cebola”

Pode-se perceber claramente a não presença da vogal, acarretando a formação da africada alveolar desvozeada [ts] em *sementes*, e [ds] em *de cebola*.

Com estas amostras, foi possível comprovar a variação entre palatalização e não-palatalização devido à síncope.

### Conclusões:

O estudo realizado oportunizou verificar a ocorrência do processo de síncope da vogal alta entre coronal alveolar e sibilante /S/, em sílaba átona, na fala dos quatro municípios gaúchos selecionados: Panambi, Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte.

Os dois instrumentos de pesquisa (Leitura de frases e Conversação livre) dão mostras de ser essa uma regra variável, condicionada pelo contexto linguístico e que não é estigmatizada, pois está presente no falar tanto de universitários quanto daqueles que possuem apenas o curso primário.

Dos fatores linguísticos e extralinguísticos analisados, a vogal desencadeadora do processo é a vogal alta anterior /i/ nas duas diferentes análises, evidenciando ser o fator decisivo na ocorrência de formas não-palatalizadas com síncope. Se a presença da vogal alta anterior /i/ é o gatilho da regra de palatalização, o seu apagamento, através da síncope, é crucial para a formação da africada alveolar, na sequência não-palatalizada.

# PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES: O CASO DE CHAPECÓ (SC)

Elisa BATTISTI – UCS/CNPq

Natália Brambatti GUZZO – UCS

## 1 Introdução

A palatalização variável das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no português brasileiro é processo desencadeado por uma vogal /i/ seguinte (*prático~prátjico, médico~médzico, tive~tjive, disse~d3isse, tirou~tjirou, dizia~d3izia*) ou um [i] elevado de /e/ átono (*doente~doentjĩ, onde~ond3ĩ*). Caracteriza falares regionais por sua frequência distinta de aplicação e tem sido, por essa razão, objeto de diversos estudos (HORA, 1990; BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000; PAGOTTO, 2001; ABAURRE e PAGOTTO, 2002; KAMIANECKY, 2002; PIRES, 2003; PAULA, 2006; BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007; DUTRA, 2007). Em comunidades onde o contato português-italiano se fez ou ainda se faz presente, os índices de palatalização são modestos e o processo é interpretado como variação na mudança em progresso. O objetivo da análise, realizada em dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas de Chapecó do banco de dados VARSUL, é o de investigar a palatalização em outra comunidade de perfil similar, verificando tendências de estabilização, progresso ou regressão da regra.

### 1.1 Chapecó

Chapecó localiza-se na Região Oeste de Santa Catarina, a cerca de 630 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis (Figura 1). Considerada polo econômico, de prestação de serviços e de atendimento médico (SPESSATTO, 2003), possui em torno de 165.000 habitantes e 625 quilômetros quadrados<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Informação disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 24 de março de 2008.

Cogita-se que seu nome venha do tupi *xapeco*, que quer dizer lugar de onde se avista o caminho da roça<sup>2</sup>.



Figura 1 – Localização de Chapecó no estado de Santa Catarina e esse, no Brasil.

Até meados do século XVII, quando pela região começaram a transitar grupos de bandeirantes, a área onde hoje se situa Chapecó era habitada apenas por populações indígenas, especialmente pela tribo Kaingang. No século XVIII, conforme Rossetto (1995), a Região Oeste de Santa Catarina foi objeto do Tratado de Madri, que visava a solucionar questões de fronteira entre os territórios portugueses e espanhóis da América do Sul. Mais tarde, em 1884, Brasil e Argentina disputaram o controle dessa área, sendo necessária a intervenção do então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, para que os limites fronteiriços desses países de fato se estabelecessem.

No início do século XX, quando os recursos naturais da área já vinham sendo explorados, a região tornou-se palco de mais uma disputa, a Guerra do Contestado, dessa vez entre Paraná e Santa Catarina. Segundo Santos (1998), a Guerra do Contestado iniciou-se em 1912 motivada não só pelos conflitos em relação aos limites territoriais entre os Estados, mas também pelas pressões para regularização da posse de terras por parte de sertanejos que exploravam erva-mate e madeira na região.

<sup>2</sup> <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 4 de novembro de 2007.

Em 1917, um ano após a derrota dos sertanejos na Guerra do Contestado, o presidente brasileiro Wenceslau Braz dividiu os territórios em disputa entre os estados envolvidos. Foi assim que, afirma Santos (1998), o governo catarinense passou a incentivar a ocupação e o desenvolvimento do oeste catarinense. Criaram-se, através de lei, os municípios de Mafra, Porto União, Joaçaba e Chapecó, como também empresas colonizadoras de exploração de recursos naturais. Colonos oriundos do Rio Grande do Sul foram os fundadores de Chapecó, num fluxo migratório que se intensificou por volta de 1940. Aos migrantes de etnia alemã, italiana e polonesa Chapecó deve a vocação para a agroindústria, sua mais importante atividade econômica: é reconhecido internacionalmente como grande produtor de aves e suínos.

Embora o desenvolvimento de Chapecó deva-se à sua bem-sucedida ocupação por migrantes do Rio Grande do Sul pertencentes a diferentes grupos étnicos europeus, o município tem-se caracterizado por suas origens italianas, razão pela qual é identificado, no banco de dados VARSUL, como comunidade linguística de colonização italiana, conforme registra Spessatto (2003). Segundo a autora, são salientes, e alvo de brincadeiras da comunidade local, peculiaridades da fala dos descendentes de italianos como a troca de vibrante múltipla por tepe em contextos intervocálicos (*caro* por *carro*), e a pronúncia lateralizada do // pós-vocálico (*anel*, e não *aneu*, com a semivocalização da consoante). Numa comunidade com essas características, é de se esperar uma baixa taxa de aplicação da palatalização das oclusivas alveolares e indícios de que o processo seja variação na mudança em progresso, como sugere a literatura revisada a seguir.

## **2 Revisão de literatura**

Embora muitos sejam os estudos sobre a palatalização variável das oclusivas alveolares no português brasileiro, a revisão a ser feita aqui não será exaustiva. Serão abordados os trabalhos de Bisol (1991), Almeida (2000), Pagotto (2001), Kamianecky (2002), Pires (2003), Paula (2006), Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007), Dutra (2007), por abrangerem diferentes comunidades do

sul do Brasil e por estarem, de alguma forma, relacionados a hipóteses subjacentes às variáveis controladas no presente estudo.

Bisol (1991) analisou a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de 60 informantes de quatro grupos geográficos do Rio Grande do Sul: 15 de Porto Alegre, monolíngues-português; 15 de Livramento, fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, onde se vivencia o contato português-espanhol diariamente; 15 de Taquara, bilíngues português-alemão; e 15 de Monte Bérico, Veranópolis, bilíngues português-italiano. Controladas as variáveis extralinguísticas Grupo Étnico e Idade, e as variáveis linguísticas Sílabas, Juntura, Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, a frequência total de aplicação foi de 65%, com a seguinte distribuição: 90% em Porto Alegre, 79% em Livramento, 60% em Taquara e 18% em Monte Bérico. A autora verificou que a palatalização é favorecida pelos metropolitanos e fronteiriços, desfavorecida por italianos e alemães, oposição que se mantém nos resultados da variável Sílabas: nos metropolitanos e fronteiriços, o processo é favorecido nas posições relativamente mais fortes da palavra, nos italianos e alemães, nas posições mais fracas. Jovens palatalizam mais em todos os grupos étnicos. No controle da variável Juntura, prefixos mostram-se bloqueadores da palatalização, e a borda direita da palavra, favorecedora. Quanto ao contexto fonológico precedente, exceto pelos resultados das sibilantes /s,z/, desfavorecedoras da regra, os resultados não se mostram conclusivos; no contexto fonológico seguinte, laterais e palatais favorecem a regra, /s,z/ inibem-na. A autora registra a interação entre a palatalização e a regra de elevação de /e/ átono, a última alimentadora da primeira. No que se refere ao ordenamento de regras, com a elevação aplicando-se primeiramente e, após, palatalização, Bisol conclui que essa é transparente tanto em Porto Alegre quanto em Livramento, mas no último município a elevação é ainda regra em aquisição. Em ambas as áreas coloniais, alemã e italiana, tanto a elevação quanto a palatalização estão em aquisição.

Para investigar a palatalização em Flores da Cunha (RS), Almeida (2000) utilizou 24 entrevistas sociolinguísticas de bilíngues português-italiano do VARSUL. A frequência total de aplicação da regra foi de 47%, e o autor acredita que o processo esteja em aquisição na comunidade. Foram controladas as variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Sonoridade,

Tonicidade, Tipo de Vogal Alta; e as variáveis extralinguísticas Idade, Escolaridade e Gênero. Favorecem a palatalização vogal, vibrante, fricativa alveolar precedente, e lateral e labial seguinte, como também a oclusiva surda /t/, a sílaba postônica final e a vogal alta derivada de /e/ átono. As três variáveis sociais mostraram-se relevantes para o processo: promovem a palatalização as mulheres, os indivíduos que completaram o ensino médio e aqueles com menos de 50 anos de idade, o que permite ao autor afirmar a existência de mudança em progresso na comunidade, conduzida pelas mulheres ao adotarem a variante de maior prestígio.

Pagotto (2001) estudou a palatalização em Florianópolis, Santa Catarina. Considerou a variante palatalizada inovadora, a não palatalizada, conservadora. Incluiu na análise a variante africada, mas não palatalizada [ts, dz], estágio intermediário entre as duas formas anteriormente referidas. Foram 63 as entrevistas do VARSUL consideradas, 18% a frequência total de palatalização e 21%, a de africacão. Condicionam a palatalização das oclusivas alveolares o caráter não vozeado da consoante, a consoante fricativa palatal precedente, a vogal posterior nasalizada precedente, a fricativa labiodental seguinte à vogal /i/ e sílabas tônicas não portadoras de acento da frase. Inibem a palatalização a fricativa alveolar /s/ na mesma sílaba, após /i/, a fricativa alveolar no início da sílaba seguinte, sílabas tônicas portadoras do acento da frase. Os resultados da análise indicam a estabilização da variação, motivada pelo que o autor chama de crise de identidade: as variantes palatalizada, africada e não africada estão em tensão, originada pelo estranhamento dos nascidos em Florianópolis com os turistas e novos habitantes da ilha, tensão essa que ora implementa a mudança, ora provoca resistência.

A fala de 16 informantes do VARSUL, 8 de Porto Alegre e 8 de Florianópolis, forneceu dados para o estudo de palatalização das oclusivas alveolares de Kamianecky (2002). Em Porto Alegre, a frequência total de aplicação da regra foi de 94%, enquanto em Florianópolis a frequência foi de 8%. A variável Grupo Geográfico mostrou-se a mais significativa dentre todos os grupos de fatores, seguida por Tipo de Vogal Alta, Sexo, Tonicidade, Idade e Contexto Precedente, nessa ordem. A tendência a aplicar a regra é maior com vogal não derivada, sílaba átona e consoante lateral e contínuas coronais no

contexto precedente. Mulheres e indivíduos com menos de 50 anos tendem a palatalizar mais do que homens e indivíduos com mais de 50 anos. Os resultados permitiram à autora concluir que a aplicação da palatalização é categórica em Porto Alegre, restrita em Florianópolis.

A palatalização das oclusivas alveolares foi estudada por Pires (2003) na fala de 24 informantes de São Borja (RS) do banco de dados VARSUL. Com frequência total de aplicação de 45%, a palatalização em São Borja é promovida pelas mulheres, por indivíduos com menos de 50 anos de idade e por falantes com escolaridade igual ou superior a Ensino Médio. Favorecem a palatalização os fatores vogal não derivada, sílaba postônica, consoante [-anterior], vogal em contexto seguinte e consoante surda. As variáveis do estudo foram selecionadas na seguinte ordem: Tipo de Vogal Alta, Sexo, Idade, Tonicidade da Sílaba, Escolaridade, Contexto Seguinte e Sonoridade da Oclusiva. Para a autora, a palatalização das oclusivas alveolares é uma regra em expansão na comunidade de São Borja.

Paula (2006) investigou a palatalização em Taquara e Panambi, comunidades de colonização alemã do Rio Grande do Sul, a partir de 24 entrevistas sociolinguísticas do VARSUL, sendo 12 de cada município. A palatalização foi analisada separadamente em cada município e, em seguida, os dados das duas comunidades foram reunidos e analisados em conjunto. O total de aplicação da regra foi de 43% em Taquara e 32% em Panambi. Para a autora, a palatalização se encontra em fase de aquisição nessas comunidades e é favorecida por falantes jovens do sexo feminino e por consoantes surdas. Em Panambi, condicionam a regra os fatores sílaba postônica não final, vogal não derivada, consoante surda e vogal em contexto seguinte. Em Taquara, os fatores que favorecem a aplicação da palatalização são vogal alta não derivada e consoante lateral em contexto seguinte.

Dutra (2007) analisou a palatalização no município de Chuí, Rio Grande do Sul, na fala de 24 informantes bilíngues português-espanhol do projeto BDS-Pampa. A frequência de palatalização é de 26%, e a regra é condicionada por ditongo nasal, vogal central nasal, vogal média baixa e vogais e glide altos posteriores no Contexto Precedente, a primeira variável linguística selecionada pelo programa Varb2000, do pacote computacional VARBRUL. Outros fatores



linguísticos condicionadores da palatalização em Chuí são vogal derivada, os fatores [g, ʃ, x, tʃ, dʒ, f] e vazio em Contexto Seguinte e o fator [-voz] em Sonoridade. A variável Tonicidade foi a última a ser selecionada. Nesse grupo, os fatores pretônica inicial e tônica favorecem a aplicação da regra. Quanto às variáveis sociais, o programa selecionou os grupos na seguinte ordem: Atividade Profissional, Sexo, Escolaridade e Faixa Etária. As ocupações de comerciante e estudante favorecem a palatalização, bem como o gênero masculino e o fato de o informante ter cursado o Ensino Fundamental e ter menos de 50 anos de idade. Para Dutra (2007), a palatalização no Chuí, embora de baixa aplicação, parece estar em expansão no município, o que caracteriza mudança em progresso.

Em Battisti et al (2007), investigou-se a palatalização das oclusivas alveolares em Antônio Prado (RS), em 48 entrevistas sociolinguísticas do BDSer. Naquela comunidade, a frequência total de aplicação da regra é de 30%, e o processo é favorecido por vogal alta fonológica /i/, jovens e indivíduos habitantes da zona urbana do município. Embora haja um aumento na frequência de palatalização com o declínio da idade do informante, as taxas se estabilizam nas faixas etárias mais jovens, o que leva a crer que a regra em Antônio Prado não seja variação num processo de mudança, mas alternância que tenda a estabilizar-se no sistema em índices modestos.

Guardadas as diferenças de desenho e de alguns resultados, os trabalhos revisados revelam praticamente os mesmos condicionadores da palatalização nas comunidades pesquisadas: vogal alta subjacente, mulheres e indivíduos de menor faixa etária. Registram diferentes taxas de aplicação da regra, e cobrem áreas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, mais significativamente desse último, o que se pode ver na Figura 2<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Tanto a Figura 2 quanto a 1 foram elaboradas por Adalberto Ayjara Dornelles Filho (CCET-UCS).

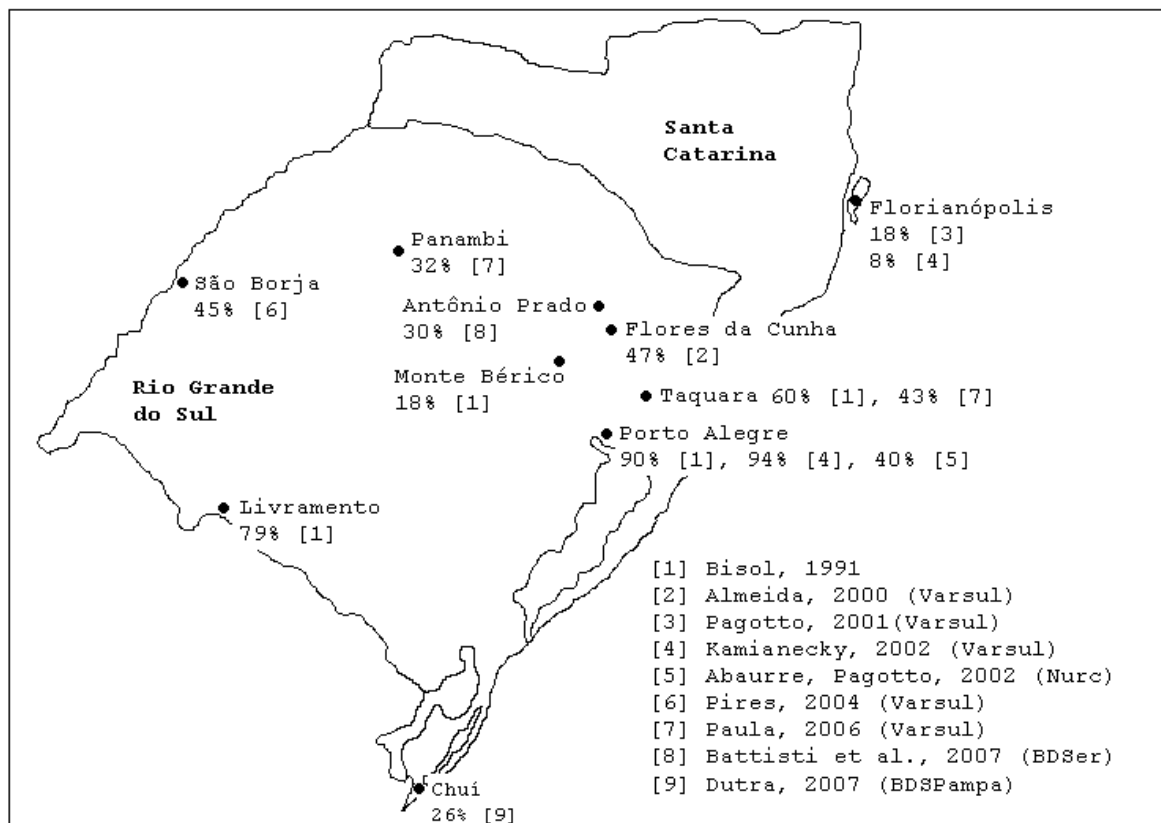


Figura 2 – Índices de palatalização em comunidades do sul do Brasil, em diferentes estudos.

Os maiores índices de palatalização são observados em Porto Alegre e Livramento, os menores, em Monte Bérico e Florianópolis. Certamente a posição geográfica, apenas, não justifica as diferentes taxas de aplicação da regra. Além das correlações observadas, pode ser que o histórico de cada comunidade e as práticas sociais locais concorram para a promoção ou bloqueio do processo.

Os resultados de maior interesse para o presente estudo são os das comunidades de Antônio Prado, Monte Bérico e Flores da Cunha, cuja etnia de base predominante é, a exemplo de Chapecó, a italiana, e onde, em algum momento de sua história, se não ainda hoje, verifica-se o contato entre a fala em Língua Portuguesa e a fala dialetal italiana. Nelas a frequência total de aplicação da regra é baixa ou moderada, e, exceto por Antônio Prado, entende-se que o processo seja variação na mudança em andamento. Daí vêm as grandes indagações do presente estudo: qual é a taxa de palatalização das oclusivas alveolares em Chapecó? Qual é a força dos condicionamentos linguísticos e

sociais sobre o processo? Qual é a tendência da regra na comunidade, de progresso, estabilização ou regressão?

### **3 Variáveis controladas no estudo**

A revisão de literatura a respeito da palatalização variável das oclusivas alveolares no português brasileiro sugeriu tanto as variáveis quanto as hipóteses a serem consideradas na análise, brevemente explicitadas a seguir.

#### **3.1 Linguísticas**

##### *3.1.1 Contexto Fonológico Precedente*

Embora o contexto imediatamente anterior à consoante palatalizável possa desencadear processos de assimilação, acredita-se que essa variável não tenha papel frente à regra de palatalização em Chapecó. Em Bisol (1991), inclusive, verificou-se o papel inibidor desempenhado por /s, z/. Já em Dutra (2007), segmentos e sequências vocálicas precedentes condicionam a palatalização.

Os fatores considerados nesse grupo são *Vogal Oral* (metida), *Ditongo* (noite), *Nasal* (mentira), *Consoante Lateral* (balde), *Consoante Sibilante* (poste), *Vibrante ou Tepe* (arte) e *Zero* (dia).

##### *3.1.2 Contexto Fonológico Seguinte*

Sendo a palatalização processo assimilatório regressivo, entende-se que o contexto imediatamente posterior à vogal desencadeadora da regra possa favorecê-la. É o que se verificou na maioria dos estudos revisados, embora diferentes fatores tenham se mostrado condicionadores.

São onze os fatores incluídos nesse grupo: *Vogal* (diabo), *Consoante Fricativa Anterior* (disse), *Consoante Fricativa Posterior* (tijolo), *Consoante Oclusiva* (tipo), *Consoante Lateral Anterior* (dilema), *Consoante Lateral Posterior*

(gatilho), Consoante Nasal Anterior (time), Consoante Nasal Posterior (dinheiro), Vibrante ou Tepe (tira), Consoante Africada (vestidinho) e Zero (gente).

### 3.1.3 Status da Vogal Alta

A vogal desencadeadora da regra pode ser tanto uma *alta fonológica* (tinha) como uma *alta fonética* (gente), fatores considerados nessa variável<sup>4</sup>. Pensa-se que o processo seja promovido pela primeira, como se verificou em todos os estudos revisados, exceto no de Dutra (2007).

### 3.1.4 Posição da Sílabo na Palavra

A posição que a sílabo com a consoante palatalizável ocupa na palavra pode relacionar-se à palatalização. Pensa-se que caiba à posição inicial o papel favorecedor da regra. Controlam-se os fatores *Inicial (tipo)*, *Inicial em locução (em dia)*, *Medial (médico)*, *Final (pente)*, *Monossílabo (diz)*, *Monossílabo em Locução (se diz)* e *Inicial de Locução (de manhã)*.

### 3.1.5 Tonicidade da sílabo

A proeminência da sílabo pode potencializar a palatalização. Como se viu no estudo de Bisol (1991), a palatalização em Monte Bérico é favorecida nas posições fracas da palavra, o que se espera verificar também em Chapecó. Com relação ao acento, então, são controlados na variável Tonicidade da Sílabo os fatores *Átona Pretônica (tivesse)*, *Átona Postônica Não Final (ginástica)*, *Átona Postônica Final (cidade)*, *Tônica (típica)* e *Átona – Clítico (de)*.

---

<sup>4</sup> O controle dessa variável tem consequência sobre a ortogonalidade entre grupos de fatores, principalmente os que se referem à tonicidade da sílabo e sua posição na palavra: uma vogal alta fonética é átona, exclusivamente; uma vogal alta fonológica átona praticamente não se verifica em sílabo final de vocábulo. Assim, para viabilizar a operação adequada dos programas do pacote VARBRUL, versão Goldvarb-X, a variável *Status da Vogal Alta* não foi controlada em rodadas juntamente com as variáveis *Posição da Sílabo na Palavra* (seção 3.1.4) e *Tonicidade da Sílabo* (seção 3.1.5), e vice-versa.

### 3.1.6 Qualidade da consoante-alvo

A qualidade da consoante-alvo, se vozeada /d/ ou desvozeada /t/, pode favorecer a palatalização. Pensa-se que seja da consoante desvozeada esse papel, como verificaram Pires (2003), Paula (2006) e Dutra (2007).

## 3.2 Variáveis extralinguísticas

### 3.2.1 Gênero

Forma inovadora e, pelo que se percebe da mídia no Brasil, prestigiada, a alternante palatalizada tende a ser favorecida pelas mulheres, o que se verificou na maioria dos estudos revisados e se espera observar na presente análise. Os fatores controlados na variável Gênero são *Masculino* e *Feminino*.

### 3.2.2 Idade

Os informantes do VARSUL pertencem a duas faixas etárias: *Menos de 50 anos*, *Mais de 51 anos*, critérios tomados como os fatores controlados na variável Idade. Acredita-se que falantes mais jovens favoreçam a palatalização, tendência verificada em todas as comunidades do sul do Brasil investigadas.

Sumariando, são oito as variáveis controladas na análise, dispostas no Quadro 1 com seus respectivos fatores.

Quadro 1 – Variáveis e respectivos fatores controlados na análise

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS
<i>Contexto fonológico precedente</i> Vogal oral ( <i>metida</i> ) Ditongo ( <i>noite</i> ) Nasal ( <i>mentira</i> ) Consoante lateral ( <i>balde</i> ) Consoante sibilante ( <i>poste</i> ) Vibrante ou tepe ( <i>arte</i> ) Zero ( <i>dia</i> ).	<i>Gênero</i> Masculino Feminino

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS
<i>Contexto fonológico seguinte</i> Vogal (diabo) Consoante fricativa anterior ( <b>disse</b> ) Consoante fricativa posterior ( <b>tijolo</b> ) Consoante oclusiva ( <b>tipo</b> ) Consoante lateral anterior ( <b>dilema</b> ) Consoante lateral posterior ( <b>gatilho</b> ) Consoante nasal anterior ( <b>time</b> ) Consoante nasal posterior ( <b>dinheiro</b> ) Vibrante ou tepe ( <b>tira</b> ) Consoante africada ( <b>vestidinho</b> ) Zero ( <b>gente</b> ).	<i>Idade</i> Menos de 50 anos Mais de 51 anos
<i>Status da vogal alta</i> Alta fonológica ( <b>tinha</b> ) Alta fonética ( <b>gente</b> )	
<i>Posição da sílaba na palavra</i> Inicial ( <b>tipo</b> ) Inicial em locução (em <b>dia</b> ) Medial ( <b>médico</b> ) Final ( <b>pente</b> ) Monossílabo ( <b>diz</b> ) Monossílabo em Locução (se <b>diz</b> ) Inicial de Locução ( <b>de</b> manhã).	
<i>Tonicidade da sílaba</i> Átona Pretônica ( <b>tivesse</b> ) Átona Postônica Não Final ( <b>ginástica</b> ) Átona Postônica Final ( <b>cidade</b> ) Tônica ( <b>típica</b> ) Átona – Clítico ( <b>de</b> )	
<i>Qualidade da consoante-alvo</i> Vozeada /d/ Desvozeada /t/	

#### 4 Método

O método do estudo consiste na análise de regra variável (LABOV, 1972, 1994, 2001), que prevê a execução dos procedimentos a seguir descritos.

#### **4.1 Informantes**

Como já referido anteriormente, os dezesseis informantes deste estudo residem em Chapecó (SC), e suas entrevistas fazem parte do Banco de Dados VARSUL. De acordo com os critérios Gênero e Idade, as entrevistas de oito informantes do gênero masculino e oito do gênero feminino, com menos de 50 anos e 51 anos ou mais de idade, fornecem os dados para a análise.

#### **4.2 Levantamento de contextos e análise estatística dos dados**

Das entrevistas, são levantados contextos de palatalização e esses, codificados conforme os fatores descritos na seção 3, acima, são submetidos à análise quantitativa com os programas do pacote VARBRUL, versão Goldvarb-X para ambiente Windows.

### **5 Resultados da análise**

Das dezesseis entrevistas, levantaram-se 9.946 contextos de palatalização. Submetidos aos programas do pacote VARBRUL, a frequência total de aplicação da regra foi de 32%. Na primeira rodada, foram selecionadas apenas as variáveis *Status* da Vogal Alta, Idade, Contexto Fonológico Precedente e Gênero, nessa ordem. Promoveram-se várias rodadas subsequentes, com amalgamação de fatores cujo número de dados foi insuficiente. Após essas rodadas, todas as variáveis foram selecionadas. As seções que seguem apresentam os resultados, já com as amalgamações promovidas.

## 5.1 Variáveis linguísticas

### 5.1.1 Status da vogal alta

O controle dos fatores *alta fonológica* e *alta fonética* confirma nossa hipótese sobre o papel condicionador da palatalização desempenhado pelo primeiro:

Tabela 1 – Status da Vogal Alta

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Alta fonológica (tipo)	2409/3605	67	0,86
Alta fonética (gente)	771/6341	12	0,26
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,256		Significância 0,009	

Observa-se, na Tabela 1, que o fator *alta fonológica* favorece a palatalização (peso relativo 0,86), enquanto o fator *alta fonética* mostra-se desfavorecedor (peso relativo 0,26) da aplicação da regra. Embora esses resultados contrariem aqueles obtidos por Almeida (2000), a polarização verificada no presente estudo, tanto no que se refere às frequências quanto aos pesos relativos, sinaliza a relevância da variável no condicionamento do processo, o que Battisti et al (2007) também verificaram em Antônio Prado (RS), outra comunidade linguística de colonização italiana.

### 5.1.2 Contexto fonológico precedente

Pelo número insuficiente de dados em alguns fatores e enviesamentos entre frequências e pesos relativos, verificados na primeira rodada e várias outras, fizeram-se amalgamações de que resultaram os três fatores registrados na Tabela 2.

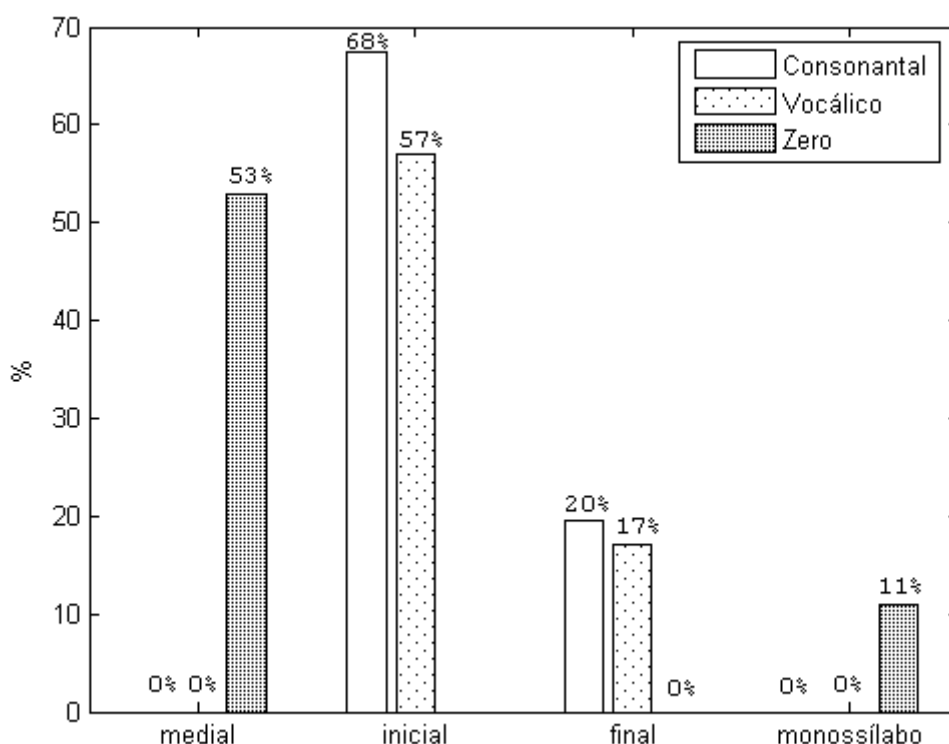
Tabela 2 – Contexto Fonológico Precedente

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Consonantal (mentira, balde, poste, arte)	1028/3399	30	0,61
Vocálico (metida, Neide)	808/2114	38	0,55
Zero (Ø dia)	1344/4433	30	0,38
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,268		Significância 0,004	



Os resultados obtidos em Chapecó para Contexto Fonológico Precedente aparentemente contrariam a hipótese de que a variável não tenha papel frente à palatalização. O fator *consonantal* (0,61) favorece a aplicação da regra, seguido de perto por *vocálico* (0,55); o fator *zero* (0,31) desfavorece a aplicação da regra. Antes que a qualidade do segmento, pode-se pensar que os resultados expressem a oposição entre presença e ausência de segmento antes da consoante-alvo, sendo a presença de segmento o condicionador do processo. Para concluir por essa interpretação, no entanto, é preciso observar o cruzamento de Contexto Fonológico Precedente com Posição da Sílabas na Palavra:

Gráfico 1 - Palatalização por Contexto Fonológico Precedente x Posição da Sílabas na Palavra



Como se deveria supor, segmentos precedentes à consoante-alvo da palatalização, quer consonantais, quer vocálicos, ocorrem apenas em posições silábicas mediais e finais; não há contexto fonológico precedente em sílabas iniciais e em monossílabos. Há, portanto, fatores que não se combinam.

No que se refere à interpretação que vínhamos fazendo, é interessante verificar que, nas posições em que há contexto precedente (medial e final), a diferença na taxa de palatalização entre consonantal e vocálico é quase nula, difere entre posições, apenas. Na posição inicial, onde o contexto é zero, a frequência de palatalização é semelhante à medial, onde há contexto. Ou seja, não há diferença de comportamento entre vocálico, consonantal e zero que permita fazer afirmações sobre seu papel frente à palatalização. Há, antes, contraste na frequência de aplicação da regra entre posições (inicial e medial, de um lado, final e monossílabo, de outro). Os resultados do cruzamento, portanto, inviabilizam afirmar o caráter favorecedor de Contexto Fonológico Precedente, mesmo que a variável tenha sido selecionada pelo programa.

### 5.1.3 Contexto fonológico seguinte

Também alguns fatores da variável Contexto Fonológico Seguinte necessitaram ser amalgamados, como se vê na Tabela 3.

Tabela 3 – Contexto Fonológico Seguinte

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Vogal (diurno)	526/1068	49	0,67
Consoante fricativa e africada (disse, tijolo, otʃitʃi)	788/1901	41	0,62
Consoante líquida e nasal (dilema, gatilho, time, dinheiro, tira)	909/1814	50	0,56
Consoante oclusiva (tipo, dica)	377/1618	23	0,39
Zero (vinte Ø)	580/3545	16	0,39
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,268		Significância 0,004	

Confirmando nossa hipótese, os resultados da análise permitem afirmar que o contexto fonológico seguinte à vogal desencadeadora do processo tenha papel frente ao mesmo em Chapecó: o fator *vogal* (0,67), seguido de *consoante fricativa e africada* (0,62) e *consoante líquida e nasal* (0,56) favorecem a aplicação da palatalização; os fatores *consoante oclusiva* (0,39) e *zero* (0,39)

desfavorecem-na. O papel favorecedor de vogal no contexto seguinte foi também verificado por Pires (2003) e Paula (2006).

#### 5.1.4 Posição da sílaba na palavra

Não é a tonicidade da sílaba o que está em jogo no controle dessa variável, mas a posição que a sílaba com a consoante-alvo da palatalização ocupa na palavra. Pelas mesmas razões que levaram a amalgamações nas variáveis referentes ao contexto fonológico, foi preciso reunir fatores desse grupo. Ainda há enviesamentos, como se vê na Tabela 4.

Tabela 4 – Posição da Sílaba na Palavra

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Inicial (tipo, tijolo, dica, divórcio)	1090/2056	53	0,64
Final (pente, onde, se diz, entendi, mentiu)	713/3677	19	0,57
Medial (mentira, em dia)	1123/1836	61	0,54
Monossílabo (de noite, diz)	254/2376	11	0,24
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,268		Significância 0,004	

Os resultados obtidos permitem confirmar nossa hipótese, a de que a posição *inicial* (0,64) favorece a palatalização; em tendência inversa, *monossílabos* (0,24) desfavorecem-na. Estão de acordo também com o cruzamento exposto acima (seção 5.1.2) entre Contexto Fonológico Precedente e Posição da Sílaba na Palavra, ao menos no que se refere aos fatores Inicial e Monossílabo. No entanto, devem ser tomados com cautela por serem relativos aos demais resultados que, por sua vez, não se mostram claros: os índices de *final* (0,57) e *medial* (0,54) são próximos e enviesados em relação às frequências verificadas. Essa inconsistência possivelmente advenha do que anteriormente observamos (nota 4) sobre a não ortogonalidade entre Posição da Sílaba na Palavra e os grupos de fatores Tonicidade da Sílaba e *Status* da Vogal. Observem-se os resultados das seguintes tabulações cruzadas:

Gráfico 2 - Palatalização por Posição da Sílabla na Palavra x Tonicidade da Sílabla

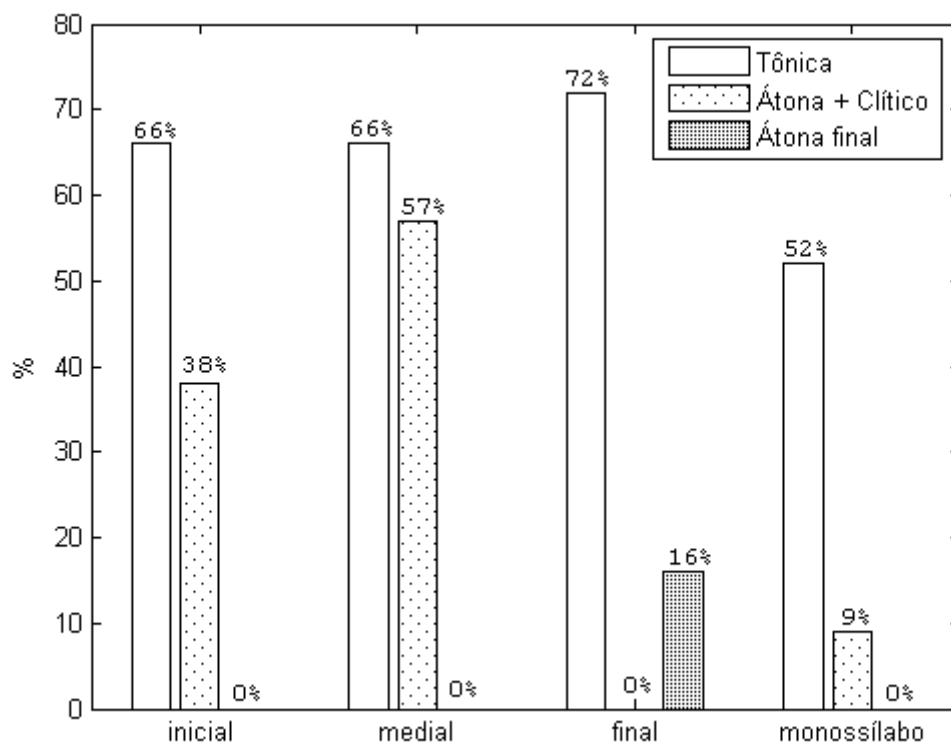
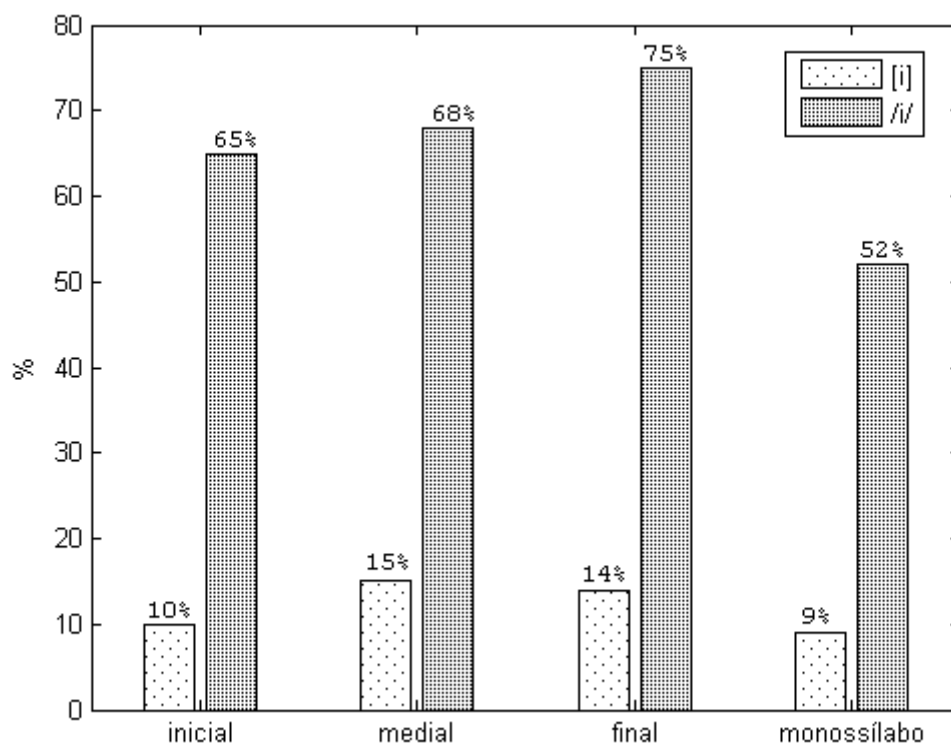


Gráfico 3 – Palatalização por Posição da Sílabla na Palavra x Status da Vogal Alta



O Gráfico 2 permite visualizar a inexistência de combinação de certos fatores: como se esperava, não poderia haver sílaba átona final que não na posição final da palavra; de forma complementar, as demais sílabas átonas ocupam as outras posições. Apenas a sílaba tônica ocupa todas as posições da palavra. Vale observar que a frequência de palatalização em sílaba tônica mantém-se significativa, independentemente da posição que ocupa na palavra. A sugestão desses resultados, de que a posição da sílaba na palavra seria irrelevante para o fenômeno em questão, confirma-se no cruzamento da variável com *Status* da Vogal Alta, representada no Gráfico 3. Todos os fatores considerados combinam-se, o que permite ver que em todas as posições a palatalização é desencadeada por vogal alta fonológica. A aplicação condicionada por alta fonética tem baixa frequência. Com base nesses resultados, mostram-se condicionadores da palatalização o *status* da vogal alta e a tonicidade da sílaba, antes que posição da sílaba na palavra. Assim sendo, entendemos não ser possível fazer afirmações sobre Posição da Sílaba na Palavra frente à palatalização em Chapecó, mesmo que a variável não tenha sido descartada pelo programa.

#### 5.1.5 Tonicidade da sílaba

Após amalgamações de fatores e a seleção da variável pelo programa, chegou-se aos seguintes resultados:

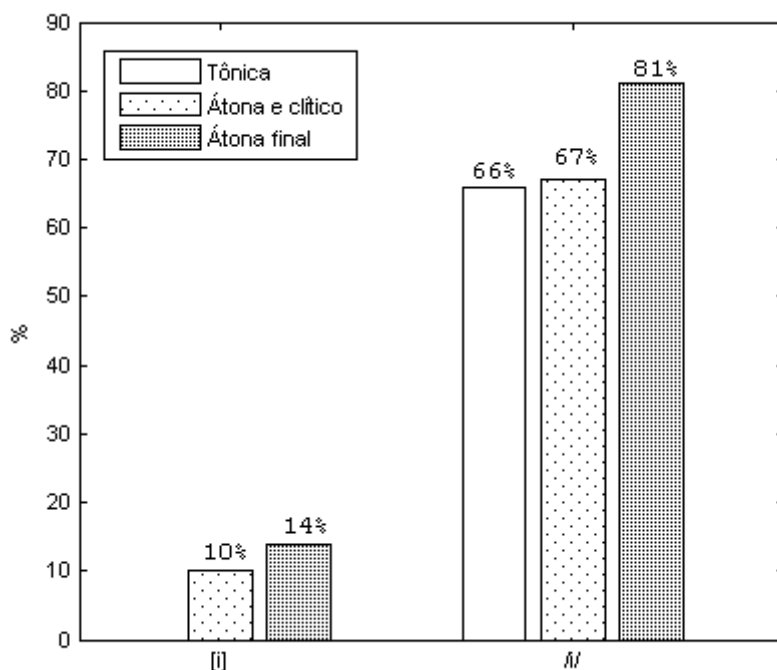
Tabela 5 – Tonicidade da Sílaba

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Tônica (típico, mentiu, dia, entendi)	1482/2248	66	0,73
Átona pretônica, postônica não-final, clítico (tivesse, distrito, médico, ótimo, de)	1137/4233	27	0,61
Átona final (noite, onde, útil, Fitipaldi, sítio)	561/3465	16	0,22
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,268			Significância 0,004

O papel favorecedor de *tônica* (0,73) contraria não só nossa hipótese de pesquisa, como a maioria dos estudos revisados, exceto o de Pagotto (2001), com dados de Florianópolis. No entanto, se considerado o segundo fator favorecedor, *átona pretônica, postônica não-final* e *clítico* (0,61), nossos resultados aproximam-se dos de Pires (2003) e Paula (2006). O papel desfavorecedor de *átona final* (0,22) é o oposto daquele verificado por Almeida (2000) em Flores da Cunha.

Esses resultados podem, mais uma vez, ser compreendidos considerando-se a interação entre as variáveis consideradas na análise. Conforme o exposto acima (seção 5.1.4), a frequência de palatalização em sílaba tônica é significativa em qualquer das posições que esta ocupar na palavra: inicial, medial, final ou monossílabo. O mesmo ocorre com a vogal alta fonológica ou não derivada /i/, forte condicionador da palatalização: ocorre em qualquer posição e, nelas, palataliza a consoante em frequências significativas. Cruzando-se os grupos de que esses fortes condicionadores fazem parte, percebe-se a desvantagem estatística dos fatores referentes às sílabas átonas pela ausência de algumas combinações. Observe-se o cruzamento de Tonicidade da Sílaba com *Status* da Vogal Alta:

Gráfico 4 – Palatalização por Tonicidade e *Status* da Vogal Alta



Vogal alta fonética verifica-se apenas em sílabas átonas (pretônicas, postônicas não final e final, clíticos); vogal alta fonológica verifica-se em todas as posições. Em relação à tonicidade, como também se verificou para posição da sílaba na palavra, a presença da vogal alta fonológica ou não derivada é o que produz o contraste entre os diferentes fatores. Não é a tonicidade em si o que favorece a palatalização, a combinação de fatores é o que a potencializa. Mesmo diante dessa constatação, como os resultados da variável Tonicidade mostraram-se estatisticamente consistentes e a variável foi selecionada, entendemos ser possível afirmar o papel condicionador de Tonicidade em Chapecó, sendo a sílaba tônica e as átonas não finais as favorecedoras.

#### 5.1.6 Qualidade da consoante-alvo

Os resultados da variável Qualidade da Consoante-Alvo confirmam nossa hipótese:

Tabela 6 – Qualidade da Consoante-Alvo

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Desvozeada (tipo)	1715/4293	40	0,58
Vozeada (dica)	1465/5653	26	0,43
TOTAL	3180/9946	32	
Input 0,268			Significância 0,004

Como também verificaram Pires (2003), Paula (2006) e Dutra (2007), a consoante-alvo desvozeada favorece a palatalização (0,58), cabendo à consoante vozeada papel desfavorecedor.

## 5.2 Variáveis extralinguísticas

### 5.2.1 Idade

Os resultados da variável Idade estão de acordo com a tendência verificada em outras comunidades do sul do Brasil:

Tabela 7 – Idade

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Menos de 50 anos	1928/5406	36	0,58
Mais de 51 anos	1252/4540	27	0,40
TOTAL	3180/9946	32	

Input 0,268 Significância 0,004

O grupo etário mais jovem favorece a palatalização (0,58), enquanto os indivíduos de idade mais elevada inibem a regra (0,40) em Chapecó, o que confirma nossa hipótese de pesquisa. Observa-se, no entanto, que, se fosse possível controlar um maior número de faixas etárias, talvez a tendência fosse um tanto diversa, como verificaram Battisti et al (2007) em Antônio Prado (RS)<sup>5</sup>.

### 5.2.2 Gênero

Apesar de próximos ao ponto neutro, os resultados da variável Gênero conformam-se à nossa hipótese:

Tabela 8 - Gênero

Fatores	Aplic/Total	%	Peso relativo
Feminino	1615/4881	33	0,54
Masculino	1565/5065	31	0,45
TOTAL	3180/9946	32	

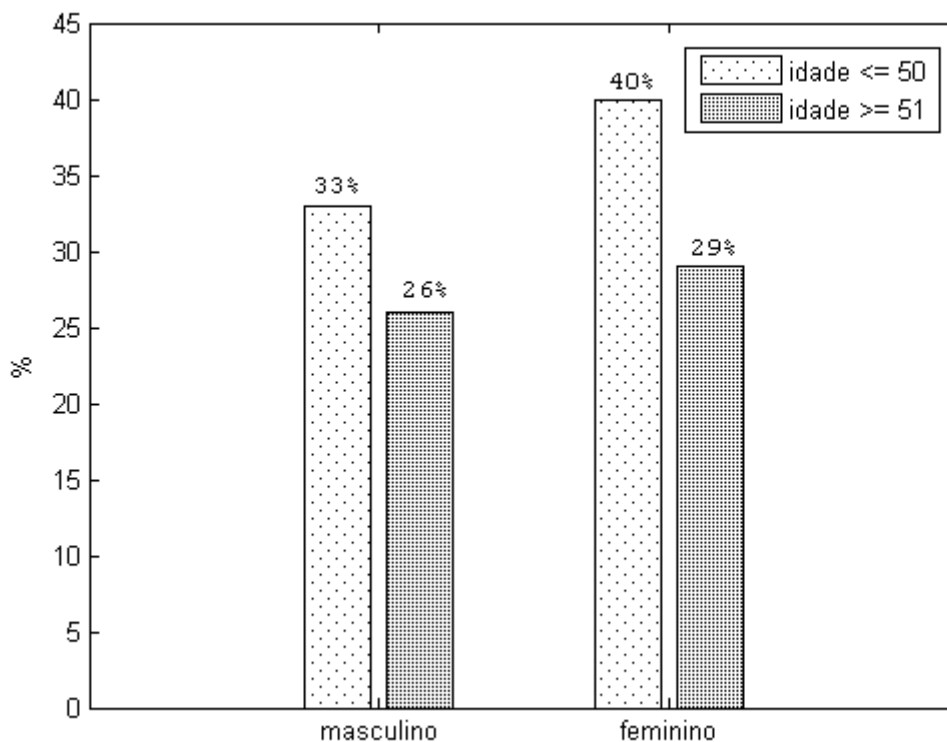
Input 0,268 Significância 0,004

Podem-se interpretar os pesos relativos dos fatores *feminino* (0,54) e *masculino* (0,45) como indicativos de seu papel favorecedor e desfavorecedor da palatalização, respectivamente, o que está de acordo com Almeida (2000), Kamianecky (2002), Pires (2003), Paula (2006) e Dutra (2007). O cruzamento de Idade e Gênero auxilia a esclarecer o papel dos fatores:

<sup>5</sup> Os autores controlaram quatro faixas etárias e verificaram que o aumento significativo de palatalização dos dois grupos de mais idade para o de meia-idade não se estendia desse para a faixa etária jovem, indicando a estabilização da regra na comunidade.



Gráfico 5 – Palatalização por Gênero e Idade



A frequência de palatalização reduz-se da faixa etária de menor idade para a de maior idade em ambos os gêneros, mas essa redução é mais acentuada no gênero feminino, razão pela qual os resultados de Idade mostram-se mais expressivos do que os de Gênero.

Retomando-se os resultados da análise de regra variável realizada com dados de Chapecó: dentre os fatores de variáveis linguísticas, condicionam a palatalização das oclusivas alveolares a vogal alta fonológica, a sílaba tônica e as átonas não finais, a vogal e as consoantes fricativa e africadas seguintes, além da consoante-alvo desvozeada. Dentre os fatores de variáveis extralinguísticas, menos de 50 anos de idade e gênero feminino são os condicionadores. Esses resultados é o que se vai discutir a seguir.

## 6 Discussão dos resultados

O fato de a vogal alta fonológica ou não derivada favorecer a palatalização era esperado em razão do perfil de Chapecó, comunidade linguística de

colonização italiana. Em comunidades como essa, não é alta a taxa de elevação de /e/ átono a [i], regra que alimenta a palatalização. Roveda (1998) investigou a redução vocálica de /e/ e /o/ átonos finais em Chapecó e Flores da Cunha em dados de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL. Considerando-se apenas os resultados relativos a /e/, a frequência total de redução em Chapecó foi de 71% e, em Flores da Cunha, 64%, comportamento explicado pela autora como consequência do contato entre português e fala dialetal italiana: /e/ final seria preservado devido à influência do sistema morfológico da fala dialetal, em que a qualidade vocálica é distintiva, o que seria estendido ao português falado nessas cidades. Além disso, como observaram Battisti et al. (2007), é possível verificar nos dados de comunidades de tal perfil a realização de uma variante com vogal final reduzida, mas sem palatalização: [i'dadi] *idade*, por exemplo, em que a vogal, de tão reduzida, parece dessonorizada, praticamente absorvida pela consoante. Ou seja, ou porque a vogal /e/ átona é preservada, ou porque, mesmo reduzida, não provoca palatalização, a regra parece restringir-se ao condicionamento por vogal não derivada. Considerando-se os resultados de igual ordem obtidos por Pires (2003), Paula (2006), Battisti et al (2007), pode-se estender essa tendência de condicionamento quase restrito à vogal alta fonológica ou não derivada ao Rio Grande do Sul como um todo e, quem sabe, a Santa Catarina.

Viu-se na exposição dos resultados que o padrão de aplicação da regra obedece à qualidade vocálica: a palatalização por vogal alta fonológica é consistentemente superior àquela provocada por alta fonética em qualquer posição da sílaba na palavra, seja qual for sua tonicidade. Entendemos, no entanto, que a maior tonicidade da sílaba com a vogal alta fonológica potencializa o contexto para a aplicação da regra. Segundo Bisol (1991), a palatalização é um processo de reforço que não ocorreria numa sílaba pretônica se não estivesse presente também em sílabas mais fortes. Nessas, a consoante palatalizada é facilmente percebida, tanto em termos acústicos quanto articulatorios, é mais forte e mais complexa em sua produção do que a consoante alveolar, e verifica-se mais sistematicamente em sílabas mais fortes. Seguimos essa interpretação para explicar o comportamento de sílaba tônica e as átonas não finais, de um lado, e da sílaba átona final, de outro, nos dados de Chapecó, mas apenas em presença de vogal alta fonológica.

O contexto que segue a vogal alta, como se viu, condiciona a palatalização em Chapecó. Vogal, como também fricativa e africadas seguintes, favorecem a aplicação da regra. Pensa-se que efeitos coarticulatórios estejam em jogo nesse contexto, mesmo que, como observou Bisol (1991), seja estranho que um segmento possa influenciar outro não imediato. Entendemos que consoantes fricativas (alveopalatais) e africadas seguintes partilhariam com a consoante-alvo da palatalização a articulação alveopalatal. Essa requer a elevação do corpo da língua, o que, por antecipação articulatória, estender-se-ia à oclusiva. Segmentos vocálicos seguintes, por seu turno, não implicam efeitos bloqueadores da regra como o das sibilantes anteriores que, como verificou Bisol (1991), restringem a palatalização pela minimização de efeito articulatório, levando ao apagamento da vogal alta e, assim, à não palatalização das oclusivas alveolares.

A consoante-alvo desvozeada é articulada com menor energia do que a vozeada. Essa é a razão, segundo Hora (1990) e Abaurre e Pagotto (2002), de a primeira ser mais suscetível à palatalização do que a segunda, o que tomamos como explicação do papel favorecedor de /t/ verificado em Chapecó. Os últimos autores acreditam que essa tendência represente o caminho seguido pela regra em sua penetração na comunidade de fala: “é possível pensar que a entrada da palatalização no sistema se dê por meio da consoante surda, estendendo-se depois para as consoantes sonoras, até que o sistema como um todo esteja palatalizado” (ABAURRE e PAGOTTO, 2002, p.574). Ou seja, o diferente comportamento das consoantes frente à regra estaria associado, também, ao *status* da mesma no sistema da comunidade, se processo em início de implementação, se variação na mudança quase efetivada.

De fato, os resultados da variável Idade mostram que os falantes de menos idade favorecem a palatalização em Chapecó, sugerindo mudança em progresso. Tanto a história de Chapecó quanto seu atual perfil sócio-econômico podem explicar essa tendência. Trata-se de um município jovem: passaram-se apenas cerca de 90 anos desde sua fundação. Chapecó estruturou-se e alcançou sucesso econômico rapidamente. Não só a agropecuária desenvolveu-se, a indústria e o comércio também. Essa situação, que sustenta atividades e permanência de grupos populacionais na zona rural, faz desenvolver também a zona urbana, exigindo dos habitantes índices mais elevados de escolaridade e

maior mobilidade territorial, levando-os a estabelecer contatos fora da comunidade e tornando-os assim mais suscetíveis a mudanças linguísticas. Battisti et al (2007) verificaram situação semelhante em Antônio Prado, outra comunidade linguística de colonização italiana. Lá, apesar de os habitantes jovens palatalizarem mais do que os falantes de faixas etárias mais elevadas, percebem a variante não palatalizada como verdadeiramente pradense, dão valor a ela porque identificam-se com a comunidade. Se essa for a situação em Chapecó, pode ser que a palatalização venha a estabilizar-se moderadamente no sistema, como ocorre em Antônio Prado, tendência que só pode ser confirmada empregando-se procedimentos (qualitativos) que fogem ao alcance do presente estudo.

Nos estudos em que a variável Gênero mostra-se estatisticamente relevante, é o fator Feminino o que favorece a palatalização. Isso tem sido explicado como resultado do esforço dispendido pelas mulheres, principalmente as que habitam as zonas urbanas, para ascender profissional e socialmente, o que implica maior escolaridade e cuidado com a fala. Nessa linha de raciocínio, se supusermos que a variante palatalizada é a alternante de prestígio no português do Brasil, então é natural que as mulheres superem os homens na frequência de palatalização e no favorecimento à aplicação da regra. Os homens, por seu turno, empregam mais a variante não palatalizada porque socialmente não se espera deles cuidados com a fala como se espera das mulheres ou, quem sabe, porque a variante não palatalizada possa estar mais fortemente associada a atributos como o da masculinidade. Nos limites do presente trabalho, não se sabe qual é a motivação, mas pode-se afirmar que as mulheres são as líderes da palatalização (variável) em processo de mudança em Chapecó.

## **7 Conclusão**

Os resultados do presente estudo indicam que Chapecó segue a tendência da palatalização moderada verificada e outras comunidades do sul do Brasil, a que não aderem apenas Livramento e Porto Alegre. Não apenas o perfil socioeconômico das comunidades explica os comportamentos verificados,

também levam a contrastes restrições de ordem linguística como a que preserva a vogal média átona e, assim, não alimenta a regra de palatalização.

No que se refere aos resultados da análise de regra variável, pode-se concluir que, em sua maioria, estão de acordo com o já verificado em estudos anteriores de palatalização: vogal alta fonológica e tônica são fortes condicionadores linguísticos, como o caráter desvozeado da consoante-alvo da regra; promovem-na jovens e falantes do gênero feminino. Em termos de *status* da regra no sistema, os resultados sugerem variação na mudança em progresso, que futuros estudos poderão, ou não, comprovar, mediante pesquisa qualitativa e controle de um maior número de faixas etárias.

## DESCRIÇÃO DA VIBRANTE NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

MONARETTO, Valéria - UFRGS

### Introdução

Os sons de *r* estão presentes nas línguas em geral. Cerca de 75% das línguas do mundo, segundo Lindau (1975, p.157), possuem algum tipo de *r*, sendo que 18% têm contrastes com dois ou três desses elementos. Do ponto de vista geral, o *r* é produzido pela ponta ou dorso da língua contra a arcada dentária superior ou contra os alvéolos, ou ainda contra o véu palatino, por pequenas oclusões. A língua pode não fechar totalmente a passagem do ar, fazendo desaparecer a vibração e dando lugar a um som fricativo ou aspirado, muito comum nas línguas. Essas articulações podem ser chamadas de *r-forte*. Há outros sons de *r*, como o de uma batida da ponta da língua junto aos alvéolos, chamado de *r-fraco* ou tepe. Existe também o retroflexo, em que se levanta e se encurva a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou mesmo palatal.

A variedade de sons de *r*, doravante denominado vibrante<sup>1</sup>, como vemos, é grande. No Brasil, há realizações velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla, conforme Câmara Jr (1985, p. 35), pela minoria. O contexto linguístico interfere na modalidade articulatória: na posição pré-vocálica (rato, honra) predomina a fricativa velar; em grupo consonantal (prato) aparece comumente o tepe e, em posição pós-vocálica, ocorre tanto um como outro, assim como as formas retroflexas, aspiradas e o apagamento.

É na posição final que a vibrante apresenta maior variação, e a sua realização caracteriza diferentes regiões brasileiras. Em Recife e Rio de Janeiro, por exemplo, há predomínio da fricativa velar (Callou, Moraes e Leite, 1996). Em João Pessoa, encontra-se a aspirada [h] (Skeete, 1996). Em São Paulo e nas capitais do sul do Brasil, há o predomínio do tepe [ɾ] e o aparecimento da variante retroflexa [ɽ] (Cagliari, 1997; Monaretto, 1997), que, segundo Brandão (2007), tem

---

<sup>1</sup> Além da diversidade fonética, a designação geral para os sons de *r* é variada na literatura: róticos, líquidas não-laterais, vibrantes, etc. Optamos pela denominação *vibrante*, por ser a mais comum em estudos do português brasileiro.

ampla distribuição no território brasileiro. Outras variantes também aparecem, como a fricativa alveolar em Porto Alegre (Pimentel, 2003).

Este trabalho tem como objetivo traçar um panorama da vibrante no português do sul do País, valendo-se de estudos realizados, e acrescentar resultados através de exame da vibrante em dados de grupos geográficos do projeto Variação Linguística Urbana no sul do Brasil (VARISUL) não estudados até então.

## **1. A Realização da Vibrante no sul do Brasil**

A vibrante na fala do sul do País tem sido descrita a partir da década de setenta, sob o enfoque da metodologia sociolinguística variacionista laboviana, do multilinguismo e da geolinguística através de diversos trabalhos. Há o estudo pioneiro de análise quantitativa de Marquardt (1977) que observa o predomínio da vibrante anterior em regiões bilíngues do Rio Grande do Sul. Posteriormente, Monaretto (1992) analisa a vibrante em 3.966 dados de uma amostra, coletada por Bisol em 1978<sup>2</sup>, confirmando a presença da realização da vibrante anterior, como uma variante sociolinguística do Estado do Rio Grande do Sul.

Há pesquisas que tratam de descrever a utilização de variantes da vibrante pela influência do contato do português com outras línguas, como é o caso do trabalho de Ogliari (2000), que tem como tema a descrição de uma situação bilíngue português-ucraniano no Paraná. Situações de interferência do italiano na região de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul são abordadas em Bovo (2004) e em Spessato (2003), em relação à cidade de Chapecó, em Santa Catarina.

Com base na perspectiva da dialetologia pluridimensional, Monguilhott (2007) investiga e mapeia a variação da vibrante na fala de Florianópolis (SC), a partir do exame de dimensões diatópica/diazonal (pontos selecionados/zonas), diageracional (idade) e diastrática (escolaridade). Os resultados mostraram que, na posição de coda, há a presença das variantes fricativa glotal (60%), fricativa velar (24%) e de tepe (16%).

---

<sup>2</sup> Bisol coleta dados de fala de quatro localidades representativas étnico-culturais do Rio Grande do Sul, seguindo os moldes da sociolinguística, para fins de sua Tese de Doutorado de 1981. Atualmente essa amostra foi incorporada ao VARISUL.

No Paraná, há a pesquisa de base geovariacionista de Cyrino (2004) sobre o uso da vibrante no falar rural dessa região. A autora verifica na posição intervocálica, em contexto de r-fraco, o predomínio de tepe, e, em contexto de r-forte, o contraste de variantes de vibrante múltipla e fraca. Em final de sílaba, predomina a variante retroflexa.

Ainda dentro da abordagem geolinguística, a vibrante e suas variantes do sul do País são mapeadas e descritas pelo projeto Atlas Linguístico da Região Sul (ALERS), cuja amostra abrange, diferentemente dos dados do VARSUL, zonas rurais. Segundo os dados dessa pesquisa, há a seguinte ocorrência de variantes, distribuídas entre os estados do sul, por meio de Pontos de Inquérito<sup>3</sup>:

(1) Frequência Aproximada de Variantes da Vibrante com maior Aplicação segundo os Dados do ALERS

	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Paraná
no ataque simples (revólver, carro)	[r] 61% [r] 24%	[r] 45% [r] 38%	[r] 53% [x] 25%
na coda, interior de palavra (ferendo, corta)	[r] 94%	[r] 84% e [r] 38%	[r] 59% [r] 41%
na coda, final de palavra (calor)	[r] 90%	[r] 95%	[r] 57% [r] 42%

Legenda de símbolos: [r] vibrante alveolar; [r] tepe; [r] retroflexa, [x] fricativa velar

Apesar da estatística apresentada em (1) estar condicionada à quantidade de Pontos de inquéritos, ao contexto linguístico das palavras controladas para a realização da vibrante, os resultados do ALERS evidenciam a utilização predominante de vibrante alveolar no ataque e de tepe na coda. A presença de retroflexa é significativa na coda, especificamente, no Paraná. Segundo Altenhofen *et alii* (2002), nessa região, só não houve retroflexa em apenas seis das cem localidades em que se realizaram os inquéritos.

<sup>3</sup> Pontos de Inquéritos são definidos pelo ALERS como áreas que abrangem localidades peculiares segundo perspectiva linguística-etnográfica, relacionadas ao processo de povoamento da região. Para o Estado do Rio grande do Sul, foram levantados 95 pontos; para Santa Catarina, 79 pontos e para o Paraná, 100 pontos. Em cada Ponto de Inquérito, há a aplicação de um questionário fonético-fonológico através do qual a vibrante é distribuída em dez itens lexicais com /r/ em diferentes contextos, a saber: genro, revólver, calor, ferendo, gordura, corta, corda, carro e caro (Monaretto, 1997, p.112).



A vibrante também está presente na fala do Rio Grande do Sul, como uma variante da lateral em um processo denominado rotacismo, que consiste na substituição de uma lateral pela vibrante. Casos como *barde*, em vez de *balde*, por exemplo, são encontrados em indivíduos com baixa escolaridade na fala de São José do Norte, no extremo sul do RS, conforme demonstra o estudo de Costa (2006).

Descrições fonéticas sobre a vibrante podem ser vistas em Pimentel (2003), que atesta acusticamente a existência da variante fricativa alveolar em Porto Alegre, e em Ferraz (2005), em análise sobre a variante retroflexa em informantes da cidade de Pato Branco, no Paraná.

Apesar de existir certo número de estudos quantitativos sobre o comportamento variável da vibrante pelo País, em geral, especificamente na Região Sul, a descrição não está completa no sentido de se ter um mapeamento da restrição variável da vibrante em toda área geográfica do Banco de dados do projeto VARSUL. Há cidades da amostra que não foram analisadas e algumas variantes não foram controladas como variáveis dependentes.

Até o presente, há os seguintes estudos sobre a vibrante com dados do VARSUL, expostos no Quadro 1.

<b>Autor/Ano</b>	<b>Cidade/Estado</b>	<b>Posição Controlada</b>	<b>Variável Dependente</b>	<b>No Inf.</b>	<b>No Dados</b>
Pimentel (2003)	Porto Alegre/RS	Coda	Fricativa Alv. e Apagamento	8	2.119
Spessato <sup>4</sup> (2003)	Chapecó/SC	Ataque	Vibr. Alveolar	24	3.217
Rigatti <sup>5</sup> (2003)	Panambi/ RS	Ataque	Tepe ou Vibr Alveolar	16	1.044
Monaretto (2002)	Porto Alegre/RS	Coda	Apagamento	36	3.606
Gregis	Porto Alegre/RS	Coda	Apagamento	24	6.474

<sup>4</sup> Spessato (2003), diferentemente dos outros trabalhos que examinam a vibrante na posição de ataque, trata de verificar a incidência de variantes do /r/ intervocálico em duas situações: uso de tepe em contexto padrão de vibrante múltipla (carro) e uso de vibrante múltipla em contexto de tepe (caro). Os resultados mostraram para o primeiro caso 46% de ocorrência e, em relação ao segundo, 4,5%.

<sup>5</sup> Rigatti (2003) analisa dados de crianças da cidade de Luzerna, de colonização alemã, localizada em Santa Catarina, de modo comparativo aos dados de Panambi, também de colonização alemã. Não se consideraram no Quadro 1 os resultados de Luzerna, por não pertencerem ao banco de dados VARSUL.

<b>Autor/Ano</b>	<b>Cidade/Estado</b>	<b>Posição Controlada</b>	<b>Variável Dependente</b>	<b>No Inf.</b>	<b>No Dados</b>
(2002)					
Monaretto (2001)	Flores da Cunha e Panambi/RS	Ataque/Coda	Vibr.Alveolar	24	4.068
Rossi (2000)	Flores da Cunha/RS Chapecó/SC	Ataque	Tepe	32	1.044
Monguilhot (1997)	Florianópolis/Chapecó, Lages, Blumenau/SC	Coda	Apagamento	32	800
Monaretto (1997)	Porto Alegre/RS Florianópolis/SC Curitiba/PR	Coda	Tepe	36	3.994

Quadro 1 – Pesquisas Realizadas sobre a o Comportamento Variável da Vibrante em Dados do VARSUL

As pesquisas sobre o comportamento variável da vibrante, realizadas com dados do VARSUL, distinguem-se, principalmente, pela escolha de variantes da vibrante como forma de aplicação de regra variável; pela escolha de um determinado grupo geográfico; pelo controle da vibrante segundo sua posição da sílaba, em ataque e/ou em coda; pela estratificação da amostra e pelo número de dados analisados, além de outros fatores. Dentre as variantes analisadas como regra variável, há o exame do apagamento, do tepe e de variantes de r-forte, pronunciadas na zona anterior da boca, denominadas nas pesquisas por vibrante e fricativa alveolar.

Alguns desses trabalhos fizeram levantamentos estatísticos de mais de duas variantes da vibrante, procedendo-se a uma análise n-ária, através da qual é possível inter-relacionar três ou mais variantes com grupos de fatores linguísticos e sociais que atuariam na regra variável. Como resultado dessas análises, foi possível obterem-se frequências brutas, que, em princípio, podem refletir a ocorrência de determinadas variantes nos dados.

As pesquisas do Quadro 1 revelam que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba. O que se observa, em todas as pesquisas, é a presença de variantes anteriores (vibrantes e fricativas) tanto em posição de ataque como em coda, como marcas típicas da variedade do português falado na Região Sul do Brasil. A variante retroflexa faz-se presente também, mas de forma mais tímida, com exceção do Estado do Paraná.

A frequência geral de utilização de variantes da vibrante segundo a posição na sílaba, pode ser ilustrada pela Figura 1:

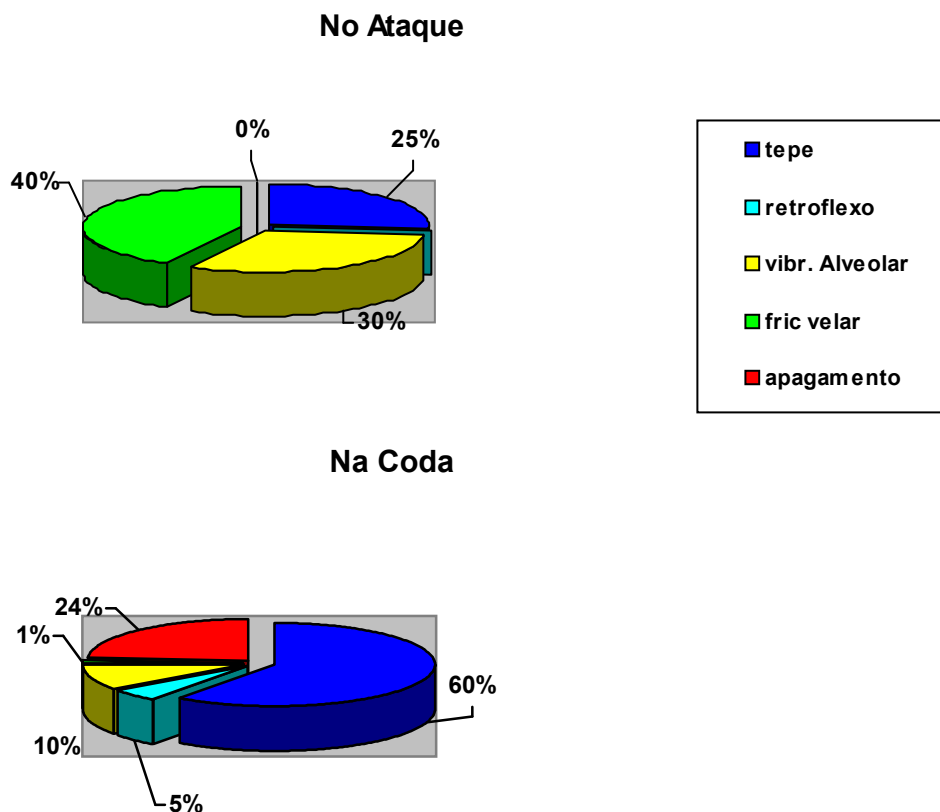
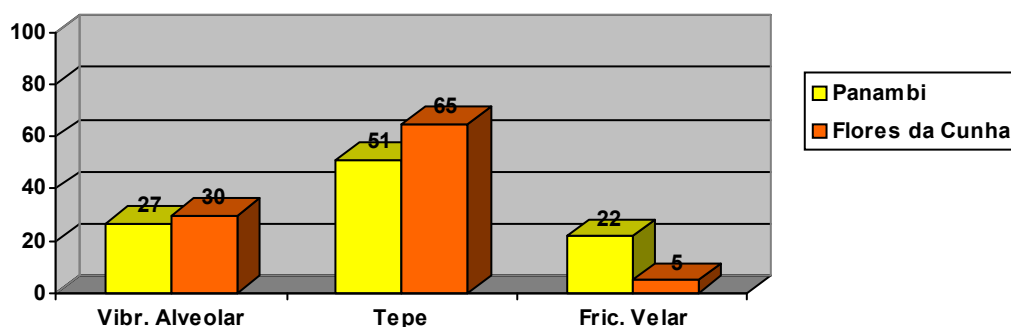


Figura 1 – Frequência Geral Aproximada de Variantes da Vibrante pelos Dados do VARSUL

Observa-se pela Figura 1 que a frequência das variantes é dependente da posição na sílaba. No ataque, ocorre o predomínio das variantes de r-forte, como a fricativa velar e a vibrante alveolar, e a inexistência de apagamento. A retroflexa, apesar de ocorrer também em ataque complexo em outras variedades de fala no Brasil, conforme Brandão (2007), é registrada nessa posição em poucas palavras e, por consequência, sua frequência é quase nula. Na coda, há a presença de todas as variantes com o predomínio do tepe.

Além da posição na sílaba, a distribuição da vibrante também está condicionada pelo grupo geográfico, como pode ser visto pela Figura 2, que retrata a situação oposta à da Figura anterior, se forem consideradas algumas localidades em particular, por exemplo.

Vibrante no Ataque (rato, carro) em Panambi (RS) e em Flores da Cunha (RS)



Vibrante no Ataque (rato, carro) em Porto Alegre (RS) e em Florianópolis (PR)

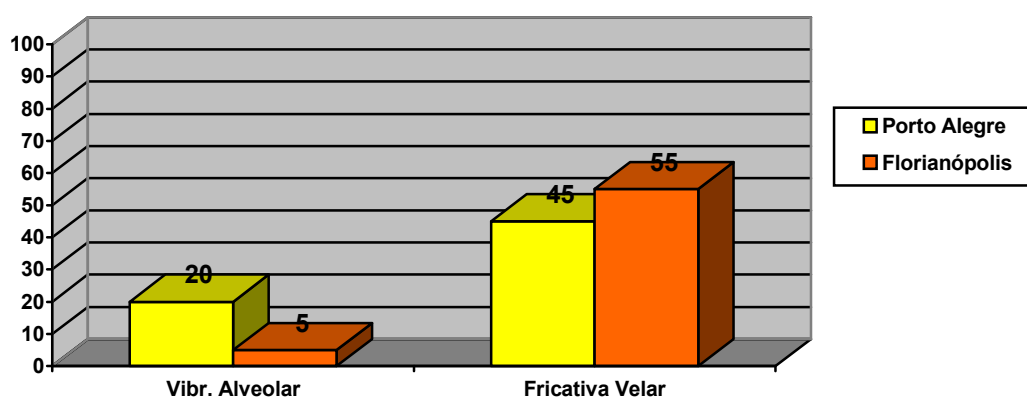


Figura 2 – Frequência Geral das Variantes da Vibrante em Ataque, em diferentes localidades

Considerando-se os dados das cidades localizadas no Rio Grande do Sul, Panambi, de colonização alemã, e Flores da Cunha, de colonização italiana, podemos observar que, diferentemente de Porto Alegre e de Florianópolis, há nessas cidades com informantes bilíngues, tepe e vibrante no ataque, caracterizando uma variação étnico-cultural. A presença de variantes de articulação na zona anterior da boca, que se verifica nessa posição silábica, parece ser típica da fala do sul do Brasil, incluindo-se a região de São Paulo.

Já na coda, conforme observado na Figura 1, há a presença de todas as variantes. As variantes da vibrante, portanto, estão presentes em todas as posições da sílaba, com exceção do apagamento, restrito à posição de final de palavra.

Apesar de diversos trabalhos já realizados, a descrição da vibrante com os dados do VARSUL não é exaustiva. Há cidades e variantes, se forem associadas

à posição na sílaba, bem como enfoques metodológicos analíticos não contemplados pelos trabalhos do Quadro 1. Com o objetivo de completar a descrição da vibrante com dados do VARSUL, ampliou-se a amostra com o acréscimo de dados das cidades de Flores da Cunha e Panambi (RS); Lages e Blumenau (SC), Pato Branco e Londrina (PR), pertencentes ao corpus do Banco de Dados VARSUL, detalhada na próxima seção<sup>6</sup>.

### **1.1. Ampliação da Amostra para a Descrição da Vibrante no VARSUL**

Foram coletados dados de 12 informantes de cada cidade, distribuídos por sexo, faixa etária (25-35 anos; 36-45 anos; 46 anos em diante) e escolaridade (até quatro anos e mais de quatro anos), totalizando 48 informantes e 5.805 dados. Examinaram-se, de modo similar ao de trabalhos anteriores, cinco variantes da vibrante: vibrante anterior; fricativa posterior; tepe; retroflexo e apagamento, segundo os moldes da metodologia quantitativa de Labov (1994).

As variáveis linguísticas consideradas na análise quantitativa, expressas no Quadro 2 a seguir, assim como as hipóteses de condicionamento da vibrante por posição na sílaba e por localidade, seguiram e assemelham-se às pesquisas anteriores.

<i>POSIÇÃO NA SÍLABA</i>	<i>ACENTO</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>no ataque, em início de palavra:</i> <i>rato, roupa</i></li> <li>• <i>no ataque, dentro da palavra,</i> <i>honra, carro</i></li> <li>• <i>na coda, em final de palavra:</i> <i>mar, cantar</i></li> <li>• <i>na coda, dentro da palavra:</i> <i>carta, perde</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>em sílaba acentuada: carta</i></li> <li>• <i>em sílaba não acentuada:</i> <i>ritual</i></li> </ul>

<sup>6</sup> A ampliação de amostra contou com a colaboração das bolsistas Carmen Alessandra dos Reis e Giselle da Silveira. Por questões de limitação deste trabalho, não foram contempladas as cidades de São Borja (RS), e Irati (PR).

CONTEXTO PRECEDENTE	CONTEXTO SEGUINTE
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>vogal coronal oral: verde, ritual</i></li> <li>• <i>vogal dorsal oral: porta, carne</i></li> <li>• <i>vogal coronal nasal: genro</i></li> <li>• <i>vogal dorsal nasal: honra</i></li> <li>• <i>fricativa alveolar: Israel</i></li> <li>• <i>fricativa palatal: Israel</i></li> <li>• <i>lateral: guelra</i></li> <li>• <i>vibrante: ar rarefeito, ar ruim</i></li> <li>• <i>nada: # rato</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>labial: parque</i></li> <li>• <i>coronal anterior: março, corvo</i></li> <li>• <i>dorsal: mar ruim</i></li> <li>• <i>vogal: ar úmido</i></li> <li>• <i>coronal -anterior: divertida</i></li> <li>• <i>nada: eu vou cantar # #</i></li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>CLASSE MORFOLÓGICA</b></p> <p><i>Verbo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>infinitivo: marcar, vender</i></li> <li>• <i>conjugado: marcando, vendi</i></li> </ul> <p><i>Não verbo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>substantivo: açúcar, flor</i></li> <li>• <i>adjetivo: melhor, pior</i></li> <li>• <i>pronome: qualquer</i></li> <li>• <i>advérbio: normalmente</i></li> <li>• <i>conjunção: apesar</i></li> <li>• <i>numeral: quatorze</i></li> <li>• <i>preposição: por</i></li> </ul>	

Quadro 2 – Variáveis Linguísticas para a Análise de Nova Amostra

O resultado preliminar da análise das variantes da vibrante confirma o papel de duas variáveis: o da localidade e o da posição na sílaba. Para o apagamento, a variável classe morfológica é selecionada. Outras variáveis não se mostraram significativas.

Esses dados, somados aos das pesquisas anteriores expressas, permitem a seguinte distribuição das variantes, segundo a cidade e a posição na sílaba, exposta no Quadro 3 a seguir.

	PoA	FLC	PNB	FLP	LG	BL	CH	CTB	ON	PB
<b>ATAQUE</b>	[x]	[r]	[r]	[x]	[r]	[r]	[r]	[r]	[x]	[r]
<b>CODA</b>	[r]	[r]	[r]	[x]	[r]	[r]	----	[r]	[r]	[r]

Quadro 3 – Variante com Frequência mais alta por Cidade e por Sílabas

Legenda de Abreviaturas: PoA (Porto Alegre); FLC (Flores da Cunha); Panambi (PNB); FLP (Florianópolis); LG (Lages); BL (Blumenau); CH (Chapecó); CTB (Curitiba); LON (Londrina), PB (Pato Branco).

Os resultados apresentados no Quadro 3 confirmam o papel da sílaba e do grupo geográfico na distribuição da vibrante. No ataque, há, na maioria das cidades, a presença de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrante, fricativa alveolar ou tepe. A fricativa velar é encontrada, com frequência mais alta, nas capitais, com exceção de Curitiba, e em Londrina. Na coda, o tepe é a variante de maior realização fonética na maioria das localidades.

Em relação ao processo de mudança que a vibrante estaria sofrendo de posteriorização de sua articulação, verificado em outras regiões do Brasil, os dados revelam situação oposta na Região Sul. Nas cidades do interior, as realizações feitas na zona anterior da boca são as mais utilizadas, com exceção de Londrina.

A presença de variantes coronais, em posição pré-vocálica, parece relacionar-se a questões de identidade social e étnica, conforme os estudos de Rossi (2000) e de Rigatti (2003). Na fala das capitais, esse processo encontra força em Porto Alegre e em Florianópolis, mas não, em Curitiba.

Na fala de Porto Alegre, uma análise em tempo real, feita por Monaretto (2002), mostra que a realização da vibrante, no que concerne à passagem da realização anterior para posterior, está sofrendo por um processo de mudança, pois variantes típicas estão dando lugar à fricativa velar. Em posição pós-vocálica, o apagamento cresce, e o tepe diminui. As demais variáveis permanecem estáveis ao longo do tempo.

A distribuição das variantes da vibrante está relacionada também à posição dentro da palavra no que diz respeito à coda, segundo indicam os resultados em algumas localidades expressos no Quadro 4.

	Flores Cunha	Panambi	Lages	Blumenau	Londrina	Pato Branco
<b>CODA MEDIAL</b>	[r]	[r̥]	[r̥]	[r̥]	[r̥]	[r̥]
<b>CODA FINAL</b>	[0]	[0]	[0]	[0]	[0]	[0]

Quadro 4 – Variante com Frequência mais alta na Coda

O apagamento surge na coda, como variante com frequência mais alta exclusivamente em posição final, e a retroflexa, não revelada em Pato Branco, no Quadro 3, passa se destacar.

Por fim, com exceção do apagamento, exclusivo da posição de coda, observa-se a presença de variantes da vibrante em todas as posições da sílaba. A distribuição de seus alofones ocorre em todas as cidades dos dados do VARSUL, que se diferenciam pelo uso mais frequente de uma variante em detrimento de outra.



## AS LATERAIS VARIÁVEIS DA REGIÃO SUL

Gisela Collischonn (UFRGS)

Laura Rosane Quednau (UFRGS)<sup>1</sup>

### Introdução

A pesquisa sobre a variação da lateral faz parte de um conjunto de pesquisas variacionistas sobre o português falado na Região Sul e tem por meta completar o levantamento de análises precedentes, no sentido de abranger a totalidade das localidades da Região Sul constantes do Banco de Entrevistas do Projeto VARSUL. Neste sentido, são apresentados aqui resultados de localidades ainda não consideradas em análises anteriores, tais como: **Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS)**.

É nosso objetivo proporcionar uma visão abrangente da realização do // pós-vocálico na fala da Região Sul. Por isso, os dados das localidades mencionadas serão analisados também em conjunto com as demais amostras<sup>2</sup>, com o que pretendemos observar tendências gerais no que tange a esta variação, tendências que eventualmente são obscurecidas nas análises das amostras individuais de cada localidade. Finalmente, é nosso objetivo propor reflexões a respeito desses dados à luz de teorias fonológicas atuais.

**Organização do texto:** Na primeira parte, apresenta-se uma síntese de levantamentos anteriores sobre a variação do // pós-vocálico no português brasileiro, com o objetivo de situar as principais observações constatadas, apontar algumas das perguntas que se levantam e delinear a metodologia empregada. Na segunda parte, apresentamos os resultados das localidades de **Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS)**, observadas individualmente.

---

<sup>1</sup> Este trabalho conta com a participação dos alunos de graduação Laura Hahn (IC-PROPESQ-UFRGS Brasil), Paulo Henrique Pappen (IC-PROPESQ-UFRGS Brasil) e Beatriz Ilibio Moro (Monitora-PROGRAD-UFRGS Brasil) e de Mestrado Eduardo Nedel e Aline Marca Padilha (PPG-Letras UFRGS).

<sup>2</sup> As demais amostras são: Taquara, Livramento, Monte Bérico e Porto Alegre, oriundas de uma coleta realizada por Bisol no final dos anos 70 e analisadas por Quednau (1993).

## 1. Generalizações dos estudos variacionistas e dialetológicos

É sabido que o português brasileiro se distingue do português europeu pela realização predominante da lateral pós-vocálica como semivogal [w]. Entretanto, há outras realizações possíveis, como a lateral alveolar ou a lateral velarizada, observadas por Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2001) e Leite, Callou e Moraes (2002). Aparentemente, essas realizações estão restritas à Região Sul, embora uma observação comparativa de regiões diferentes tenha sido feita apenas no último dos trabalhos mencionados.<sup>3</sup> Reforça essa ideia o fato de que pesquisas sobre a lateral pós-vocálica em outras variedades do português brasileiro (Sá, 2007; Oliveira, 1983; Leite, Callou e Moraes (2002) não registram lateral alveolar e o [ɹ] velarizado é atestado apenas esporadicamente (Teixeira, 1995).

A lateral pode realizar-se também como aproximante retroflexo [ɹ̠] ou tepe retroflexo [ɹ̠], fenômeno conhecido como rotacismo. Essa realização está normalmente associada a regiões rurais, o que explica porque ela é mais facilmente observada em pesquisas de caráter geolinguístico. Nos trabalhos de cunho variacionista, a realização como tepe ou aproximante retroflexo, quando observada, está associada significativamente a falantes de baixa escolaridade<sup>4</sup>. Como mostra o Atlas Linguístico da Região Sul (ALERS) (Altenhofen et alii, 2002) na Região Sul, realizações deste tipo são encontradas mais sistematicamente na zona do Paraná que faz divisa com São Paulo e mais raramente nas outras regiões.

Relacionado ao rotacismo, Silva Neto (1963, p. 192) aponta também uma outra variante: a semivogal anterior [j], e.g. alma a[j]ma, borboleta ba[j]buleta. Para este autor, primeiramente ocorre o rotacismo e este // roticizado fica sujeito em seguida à *vocalização*, resultando [j], e não a semivogal posterior [w]. Sá (2007) observa em Arcoverde, PE, as variantes [h] e [j], e.g. fa[h]so, vo[h]tou, a[h]fase, so[h]teiro e ca[j]ma, pa[j]ma, descu[j]pe, em número pequeno de ocorrências e restritas a determinados itens lexicais.

---

<sup>3</sup> Os dois primeiros trabalhos utilizaram dados do Banco VARSUL, ao passo que Espiga (2001) utilizou dados do BDS-Pampa e Leite, Callou e Moraes (2002) utilizaram dados do *corpus* compartilhado do Projeto NURC.

<sup>4</sup> Sá (2007); Brandão (2008).

Além disso, em algumas variedades do português do Brasil, também o apagamento da lateral é observado, em formas como *jornaØ*, *papeØ*, *anzoØ*, *azuØ*, *aniØ* (Hora, 2006). Segundo Silva Neto (1963) estes “vulgarismos” seriam encontrados em todas as partes do Brasil. Nascentes (1953, p. 48) atesta exemplos no dialeto carioca: sol: so[t], so[Ø]; Brasi[t], Brasi[w], Brasi[Ø]. Mais recentemente, Sá (2007) observa variantes como a[h]godão ~ a[j]godão ~ a[Ø]godão; a[h]guém ~ a[j]guém ~ a[Ø]guém; sa[h]gadinho, sa[j]gadinho, sa[Ø]gadinho, e também Oliveira et al (2005), em pesquisa sobre o falar do Nordeste do Pará, encontraram as realizações de Ø ao lado de rotacismo. Estas observações sugerem que Ø possa ser também uma realização alternativa de /r/, como já tinha observado Leite de Vasconcelos (1901). Da literatura consultada, constata-se que a ocorrência de apagamento é baixa e parece restringir-se a falantes de pouca escolaridade e residentes em região rural, ou seja, não há indicativo de uma mudança em direção ao apagamento do // em coda. Na Região Sul, apagamentos são observados em formas como *automóveØ*, *dificiØ*, ou seja, em sílaba átona final, ou em formas em que a lateral é precedida de vogal alta arredondada, *descuØpa*, *muØtado*. Retomaremos estes casos mais adiante, para discutir a sua motivação. Para os demais casos de apagamento, consideramos que eles não atingem propriamente a lateral pós-vocálica, mas um rótico que ocupou, via reestruturação, o lugar da lateral.

Ao rotacismo estão associadas, portanto, além das realizações como aproximante retroflexo [ɹ] ou tepe retroflexo [r], as realizações com [j], [h] ou [h̃] e Ø. Parece que, no PB, um processo mais recente, a vocalização, substituiu um processo mais antigo, o rotacismo<sup>5</sup>, ficando este restrito às variedades de menor prestígio social e a determinados itens lexicais.

A vocalização parece ser uma mudança consolidada em muitas variedades do PB, diferentemente do que ocorre no PE e no português de países africanos. Embora seja antigo no português, já atestado, de acordo com Maia (1986, p. 498), no século XVI, não se constata uma mudança comparável à do PB nos outros falares portugueses. Isto aponta para algumas interessantes questões sobre o fenômeno, tais como: (i) o que desencadeou o seu avanço no PB? (ii) o que o

---

<sup>5</sup> Rotacismo aqui refere-se apenas ao processo de substituição de // por r em coda silábica e não a casos de substituição em onset.

freou nas demais regiões lusófonas? (iii) quando se iniciou sua implementação no PB? Não sabemos quase nada a respeito disso até o momento, mas alguns relatos apontam para uma mudança já acentuada a partir da primeira metade do século passado em algumas regiões do Brasil (Nascentes (1953), Câmara Jr. (1957), entre outros), das quais a mudança parece ter-se irradiado para outras regiões.

As pesquisas acima mencionadas permitem algumas interpretações gerais a respeito do comportamento da variação do //.

- Observa-se mudança em progresso, de uma consoante lateral para um segmento vocálico; as altas taxas de realização deste segmento como [w] sugerem uma mudança // → [w] já consolidada em grande parte das regiões linguísticas brasileiras (cf. Leite, Callou e Moraes, 2002).

- No português do sul do Brasil, entretanto, as realizações velarizada e alveolar ainda são muito frequentes e, em algumas localidades, são as realizações predominantes (Quednau, 1993, Tasca, 2000, Espiga, 2001).

- Em regiões rurais e entre informantes de baixa escolaridade, encontram-se resquícios de um processo de mudança mais antigo // → [r]<sup>6</sup>, e também etapas subsequentes dessa mudança, /r/ → [j], /r/ → [h] e /r/ → Ø. Estes processos de mudança parecem ter atingido determinados itens lexicais, sem generalização para o vocabulário como um todo; quando se observa a continuidade do processo, seu avanço é por difusão lexical e de forma lenta.

Entre as variantes, podemos, portanto, constatar competição, por um lado, entre lateral e [w] e, por outro, entre lateral e róticos. Cada uma dessas competições caracteriza um caso de variação diferente: no primeiro, fatores extralinguísticos como idade e região geográfica são mais relevantes e escolaridade e sexo em geral não têm papel; no segundo, fatores como escolaridade e a distinção rural/urbano são mais relevantes e fatores como idade e sexo têm papel apenas secundariamente. Além destas duas, podemos pensar também na competição lateral e Ø. A variante Ø, porém, tanto pode ser um estágio avançado de um processo de rotacismo quanto uma alternativa à

---

<sup>6</sup> Usamos aqui o símbolo [r] para representar os róticos em geral, não especificamente a vibrante alveolar.

vocalização em determinados contextos linguísticos; por este motivo, não podemos falar de um processo de variação único neste caso.

Passamos a seguir a apresentar os detalhes metodológicos e os resultados do levantamento de cunho variacionista feito a partir de dados do VARSUL.

## **2. Análise das localidades**

Um dos objetivos da retomada de fenômenos como o da vocalização do // já pesquisados por diversos autores na Região Sul era o de permitir uma visão mais abrangente do conjunto das localidades abrangidas pelo projeto VARSUL. Entretanto, a análise comparativa entre diversas pesquisas realizadas é, em muitos casos, dificultada pelo fato de que nem todas as variantes foram levadas em consideração igualmente nos trabalhos realizados. Mesmo na Região Sul, os trabalhos não adotaram as mesmas variantes. Na análise das amostras de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS), buscamos garantir uma uniformidade no levantamento das variantes e dos fatores condicionadores, a fim de podermos realizar tanto análises individuais das amostras quanto do conjunto. Além disto, realizamos também uma análise combinada destas amostras com as de Quednau (1993). Entretanto, para podermos fazer esta análise combinada, tivemos de efetuar determinadas modificações nos grupos de fatores (que serão explicadas mais adiante). Como estas modificações podem implicar mudanças na forma de avaliar as variáveis, consideramos importante apresentar primeiramente os resultados somente das localidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS).

### **2.1 Aspectos metodológicos**

A distribuição dos informantes por fatores das variáveis extralinguísticas obedeceu à seguinte distribuição:

Quadro 1 – Células dos informantes

Escolaridade	Idade			
	- menos de 50 anos		+ mais de 50 anos	
1 primária	f feminino	h masculino	f feminino	h masculino
2 secundária	f feminino	h masculino	f feminino	h masculino

Nas localidades em que foram analisados 8 informantes, contamos com 1 informante por célula; nas localidades de São José do Norte, Irati e Lages, contamos com um número maior de informantes, 16, ou seja, nestes casos temos 2 informantes por célula. Em relação a estas variáveis, a nossa expectativa era de que a taxa de vocalização fosse maior em falantes mais novos, ao passo que as taxas de realização como lateral alveolar ou velarizada fossem mais acentuadas na fala de informantes mais velhos. Também esperávamos que as realizações como tepe e tepe retroflexo ocorressem mais na fala de falantes de nível escolar primário (até quarta série).

As variáveis linguísticas foram divididas nos seguintes grupos de fatores (indicamos junto de cada fator o símbolo de codificação, para emprego no programa GoldVarb).

Quadro 2 – Variáveis linguísticas – Nossa amostra

Contexto precedente	a) <b>i</b> vogal alta anterior: <i>filme</i> b) <b>u</b> vogal alta posterior: <i>último</i> c) <b>e</b> vogal média-alta anterior: <i>terrível</i> d) <b>o</b> vogal média-alta posterior: <i>bolsa</i> e) <b>#</b> vogal média-baixa posterior: <i>futebol</i> f) <b>&amp;</b> vogal média-baixa anterior: <i>aluguel</i> g) <b>a</b> vogal baixa: <i>assalto</i>
Contexto seguinte	a) <b>t</b> oclusiva alveolar: <i>solteiro</i> b) <b>m</b> labial nasal: <i>principalmente</i> c) <b>f</b> fricativa lábio-dental: <i>talvez</i> d) <b>s</b> fricativa alveolar: <i>bolsa</i> e) <b>r</b> fricativa velar: <i>peessoal#rápido</i> f) <b>n</b> nasal alveolar: <i>jornal#nacional</i> g) <b>p</b> oclusiva labial: <i>golpe</i> h) <b>v</b> vogal: <i>peessoal#enjoa</i> i) <b>h</b> pausa: <i>fácil###</i> j) <b>l</b> líquida: <i>tal#lugar</i> k) <b>k</b> oclusiva velar: <i>algodão</i> l) <b>x</b> fricativa palatal: <i>geral#já</i>
Acento	a) <b>t</b> sílaba tônica: <i>comercial</i> b) <b>e</b> sílaba pretônica: <i>altura</i> c) <b>p</b> sílaba postônica: <i>fácil</i> d) <b>m</b> monossílabo: <i>mal</i>

Posição do segmento-alvo	a) <b>1</b> interior da palavra – raiz: <i>alguma</i> b) <b>2</b> final de palavra – raiz: <i>catedral</i> c) <b>3</b> fronteira de morfema: <i>fatalmente</i> d) <b>4</b> fronteira de palavra em sufixo: <i>razoável</i> e) <b>5</b> fronteira de morfema em sufixo: <i>comercialmente</i>
Classe de palavra	a) <b>n</b> substantivo: <i>calçada</i> b) <b>s</b> substantivo terminado em –al: <i>animal</i> c) <b>v</b> verbo: <i>voltar</i> d) <b>a</b> adjetivos: <i>difícil</i> e) <b>d</b> determinante: <i>tal</i> f) <b>o</b> outros: <i>realmente</i>

Apresentamos a seguir algumas hipóteses que nortearam o levantamento aqui apresentado.

Como, em contexto final de palavra, //s podem ser ressilabados como ataques da sílaba seguinte quando esta for iniciada em vogal, e.g. ‘papel higiênico’, esperavam-se neste contexto taxas mais baixas de vocalização. É preciso ressalvar que, considerando que ressilabação esteja ordenada antes da vocalização, este processo retira contextos para aplicação de vocalização ou rotização porque o segmento deixa de ocupar a posição de coda, passando a ocupar a posição de onset silábico.

Sendo a vocalização um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, entendemos que a natureza da consoante seguinte não deveria influenciar a ocorrência de vocalização da lateral; no entanto, Leite, Callou e Moraes, 2002, observaram velarização quase categórica quando a consoante subsequente é velar (p. 540), o que indica que o favorecimento do fenômeno poderia ter um componente assimilatório, questão que o nosso trabalho pretendia verificar.<sup>7</sup>

Pelo mesmo motivo apontado acima, também não se esperaria que a vogal precedente tivesse um papel preponderante na vocalização; entretanto, devido ao fato de que a lateral pode ser entendida como um segmento complexo, do ponto de vista de sua organização interna (Walsh, 1997), podemos supor que determinadas vogais possam exercer algum tipo de influência aí.

Sendo a vocalização um fenômeno de tipo neogramático (como a entendemos), espera-se que as variáveis morfológicas não tenham papel. Essa

<sup>7</sup> Além disso, imaginamos que a escolha de variantes, como tepe e apagamento, poderia ser condicionada pelo contexto seguinte.

hipótese baseia-se na correlação que Kiparsky (1988) projeta entre regras pós-lexicais e mudança de tipo neogramático (a partir da resolução proposta por Labov, 1981 para a controvérsia sobre a adequação do modelo neogramático e/ou do modelo difusionista na explicação dos fenômenos de mudança sonora). Com relação às regras pós-lexicais (neogramáticas), Kiparsky (1988) diz, entre outras coisas, que elas não são sensíveis a informação morfológica, isto é, que seu condicionamento é puramente fonético. Cabe então caracterizar o que significa 'informação morfológica'. Na literatura fonológica, encontramos duas interpretações, sobre a informação morfológica ausente das regras pós-lexicais, uma mais branda e outra mais radical. A interpretação branda dessa afirmação, expressa em Kaisse e Shaw (1985, p. 4) é de que as regras pós-lexicais não são sensíveis a informação característica de entradas lexicais, o que inclui desde informação sobre a estruturação interna de uma palavra até traços de excepcionalidade associados a determinados itens lexicais. A interpretação mais radical é expressa, entre outros, em Gussenhoven e Jacobs (2005, p. 109): *Since lexical rules apply inside the lexicon and postlexical rules do not, the former, but not the latter, have access to category labels like 'N(oun)', 'V(erb)', etc.* Baseamos nessa interpretação mais radical para sustentar a nossa expectativa de que as variáveis morfológicas não tenham papel na vocalização do //l/. Mais uma vez, variantes como tepe e apagamento, entretanto, poderiam estar correlacionadas a esta variável, pois consideramos que, neste caso, a variação teria caráter difusionista.

## **2.2 Resultados da variável dependente por localidade**

Apresentamos a seguir o quadro dos resultados no que se refere à distribuição das variantes em cada localidade analisada.



Quadro 3 – Distribuição das variantes por localidade

Localidade	Infor- mantes	Número de dados	Vocalização	Tepe	Apagamento	Lateral alveolar	Lat. velarizada
Londrina (PR)	8	977	80%	--	--	--	20%
Pato Branco (PR)	8	625	91%	2%	1%	--	6%
Curitiba (PR)	8	543	81%	1%	8%	4%	6%
Irati (PR)	16	1161	63%	3%	3%	8%	23%
Lages (PR)	16	796	51%	6%	4%	20%	16%
S. José do Norte (RS)	16	1048	43%	1%	9%	15%	30%

Percebe-se que há um alto índice de vocalização em Londrina, Pato Branco e Curitiba, cidades do estado do Paraná. Irati, por sua vez, embora também seja do Paraná, tem um índice de vocalização mais baixo, o que também é observado em Lages, em Santa Catarina. Por outro lado, em São José do Norte, a vocalização não chega a representar a metade das ocorrências. Nesta amostra, observou-se também 15% de lateral alveolar, ou seja, a lateral alveolar também ainda está presente na localidade. Os resultados confirmam constatação de Dal Mago (1998) de que há uma tendência de vocalização mais acentuada no Paraná, que se reduz gradativamente, na medida em que se vai em direção ao sul.

Como vemos, a ocorrência de róticos está restrita basicamente à amostra de Lages (em Irati, apenas um informante apresentava róticos). Em geral, as amostras do VARSUL não apresentam a fala típica das regiões rurais; por isso, são atestadas bem poucas realizações com róticos. Confirma essa ideia o fato de, nas localidades observadas, os róticos ficarem restritos aos falantes de menor escolaridade.

Conforme dados preliminares do estudo sobre Lages, dos oito informantes acima dos 50 anos, seis apresentaram rotacismo.<sup>8</sup> Porém, dois informantes abaixo dos 50 anos, um com escolaridade primária e outro com escolaridade

<sup>8</sup> Os resultados de Lages são preliminares, pois resultam da pesquisa realizada por Eduardo Nedel (UFRGS) para sua dissertação de mestrado, em andamento durante a realização deste capítulo.

secundária, também apresentaram rotacismo em 8% e 3% dos totais de aplicação, respectivamente. Os dados do ALERS também indicam a presença de rotacismo nesta localidade. Lages possui características próprias em relação às outras localidades. Sua colonização é muito mais antiga do que a da maior parte das demais localidades aqui consideradas, pois se iniciou no século XVIII e os primeiros residentes a formar um povoado foram portugueses e açorianos. Foi durante muito tempo pouso obrigatório das tropas de gado que vinham do Rio Grande do Sul para São Paulo.

Em geral, as amostras confirmam o que apontamos anteriormente: há dois tipos de competição, uma entre as variantes *lateral* e *rótico* e outra entre as variantes *lateral* e *vocalização*. Por exemplo, em São José do Norte, dos 8 informantes que mais vocalizam, 6 não apresentam nenhuma ocorrência de rótico. Por outro lado, naqueles falantes que rotacizam, encontramos baixas taxas de vocalização.

Quanto ao apagamento, observamos que realmente está restrito a dois tipos de contexto: a) depois de vogal alta posterior, ex. ‘faculdade’, ‘culpa’, ‘agricultura’, ‘dificuldade’, ‘ultrapassar’, ‘último’; b) em sílaba átona final de palavra, ‘difícil’, ‘fácil’, ‘horrrível’.

Além disso, encontramos também frequentemente apagamento na expressão ‘mil réis’, na palavra ‘qualquer’ e em advérbios formados em –mente, ‘principalmente’, ‘geramente’, e, muito esporadicamente em outras palavras, como ‘solteira’, ‘alguma’.

Uma observação importante é que nem todas as palavras dos tipos a) e b) acima apresentam apagamento. Diante disso, poderíamos perguntar-nos se o apagamento não seria um processo restrito a palavras específicas (que se difundiria lentamente, de um item lexical a outro). Entretanto, contrariando essa ideia, observa-se o seguinte: (a) o apagamento somente é frequente naquelas palavras que apresentam algum tipo de contexto favorecedor; (b) nas palavras em que o apagamento é frequente, como ‘agricultura’ e ‘dificuldade’, não é sempre observado, isto é, há variação na realização de um mesmo item lexical; (c) um mesmo indivíduo pode realizar apagamento ou não na mesma palavra, isto é, pode dizer ‘agricu[t]tor’ e ‘agricuØtor’, ou ‘difíci[w]’ e ‘difíciØ’. Essas observações sugerem que o apagamento não caracterize uma mudança por difusão lexical e

que seja, na verdade, uma alternativa à vocalização naqueles contextos em que a forma vocalizada resultaria numa realização marcada.

A caracterização acima buscou apresentar a distribuição das variantes nas amostras analisadas. A seguir, damos inicialmente destaque à variante vocalizada e consideramos os demais fatores em relação a esta variante. Em seguida, analisamos as mesmas variáveis em relação a outras variantes, com o propósito de caracterizar mais adequadamente a natureza dos resultados encontrados.

### 2.3 Resultados de variáveis linguísticas

Abaixo, mostramos o resultado de duas variáveis linguísticas selecionadas pelo programa GoldVarb (nas tabelas, 'Aplic.' refere-se ao número de ocorrências com vocalização e 'Total' refere-se ao número total de ocorrências analisado).<sup>9</sup>

Tabela 1 – Contexto precedente (com fator de aplicação w)

Fatores	Exemplo	Aplic./Total	Peso relativo
i vogal alta anterior	filme	444/667	0,51
e vogal média-alta anterior	terrível	115/147	0,52
ɛ vogal média-baixa anterior	coquetel	104/127	0,63
a vogal baixa	assalto	1784/2489	0,52
ɔ vogal média-baixa post.	futebol	161/245	0,54
o vogal média-alta post.	bolsa	228/324	0,47
u vogal alta posterior	último	154/367	0,29
Total		2990/4366	

Como mostra a tabela acima, os pesos relativos dos diversos fatores gravitam em torno do ponto neutro, com exceção do fator **vogal precedente u**, que indica um desfavorecimento da vocalização. Adiante, retomamos esta variável; antes, porém, é importante considerarmos outra variável selecionada pelo programa.

<sup>9</sup> A amostra de Lages não foi considerada nas análises apresentadas nesta seção e nas seguintes, por ser objeto de uma dissertação de mestrado ainda não concluída quando da realização da análise.

Tabela 2 – Acento (com fator de aplicação w)

<b>Fatores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Aplic./Total</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>e</b> pretônica	altura	858/1351	0,57
<b>t</b> tônica	comercial	1600/2218	0,49
<b>p</b> postônica	fácil	337/490	0,42
<b>m</b> monossílabo	mal	195/307	0,38
Total		2990/4366	

Como mostra a tabela, os contextos átonos (sílabas postônicas e monossílabos) são os que menos favorecem a vocalização. Esses resultados pareceriam sugerir que a vocalização seria mais frequente nos contextos mais proeminentes, contrariando as expectativas com relação ao comportamento típico de fenômenos caracterizados como ‘neogramáticos’. No nosso entendimento, entretanto, esses resultados mostram, na verdade, outra coisa: que no contexto de sílabas postônicas está ocorrendo de forma mais frequente que nos demais o apagamento. Para conferir essa ideia, fizemos uma rodada considerando o apagamento como fator de aplicação (ou seja, consideramos os demais grupos de fatores em relação ao fator Ø) e a variável acento foi selecionada, constatando-se os seguintes resultados:

Tabela 3 – Acento – (com fator de aplicação Ø)

<b>Fatores</b>	<b>Aplic./Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>e</b> pretônica	104/1351	7,7	0,59
<b>t</b> tônica	26/2218	1,2	0,33
<b>p</b> postônica	78/490	15,9	0,81
<b>m</b> monossílabo	27/307	8,8	0,73

Vemos, com estes resultados, que o contexto de sílaba postônica é o grande favorecedor do apagamento, seguido pelo contexto de monossílabo. Em suma, os contextos de sílaba postônica e de monossílabo são menos favorecedores da vocalização simplesmente porque se mostram mais favoráveis ao apagamento.

A mesma rodada (com fator de aplicação Ø) selecionou também a variável contexto precedente, para a qual os fatores ficaram com os seguintes pesos relativos:

Tabela 4 – Contexto precedente (com fator de aplicação Ø)

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo
i vogal alta anterior	93/667	0,78
e vogal média-alta anterior	7/147	0,51
ɛ vogal média-baixa anterior	0/127	----
a vogal baixa	37/2489	0,38
ɔ vogal média-baixa post.	2/245	0,34
o vogal média-alta post.	4/324	0,28
u vogal alta posterior	92/367	0,92

Como se pode ver, o apagamento é favorecido significativamente pela vogal [u]; a tabela sugere que também ocorra quando a vogal precedente for [i], mas, observando os dados mais detidamente, constatou-se que as realizações são restritas a basicamente dois itens lexicais: *fácil* e *difícil*. Das 93 ocorrências de apagamento de // neste contexto, mais de 80% eram de um desses dois vocábulos. Esses números revelam que o apagamento não está relacionado à vogal [i] precedente, mas à característica desses dois itens lexicais, que têm a lateral em sílaba átona postônica.

Ou seja, a variável **contexto precedente** parece ter papel somente na medida em que realizações do tipo [uw] tendem a ser evitadas, resultando em uma preferência por uma realização [uØ] neste caso. Confirmamos esta interpretação observando que, quando retiramos o fator u da rodada (tanto para o fator de aplicação w quanto para o fator de aplicação Ø), o contexto precedente não mais foi selecionado como fator relevante. Quednau (1993) tinha constatado que as vogais altas (/i/, /u/) são as que favorecem menos a vocalização, sobretudo a posterior /u/; entretanto, interpretava este fato como sendo perceptualmente motivado: no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados, caso de /i/ e /u/), haveria uma tendência a reter o processo de vocalização em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas. Na nossa interpretação, ele pode ser articulatoriamente motivado: nos contextos em que a vogal precedente é [u], a vocalização criaria uma sequência altamente marcada na língua: [uw]. Esta estrutura será impedida, razão pela qual, neste contexto, o apagamento é favorecido.

Em suma, a partir de diversas análises estatísticas dos dados, pudemos caracterizar mais claramente a importância dos fatores linguísticos no que se refere à vocalização. Observamos que a vocalização não se correlaciona com o contexto precedente vocálico, exceto quanto a vogal precedente for /u/, caso em que a forma marcada resultante pode explicar a preferência pelo apagamento. Outro contexto em que a vocalização é claramente não-favorecida e no qual o apagamento é favorecido é o contexto de sílaba átona final. Também neste caso o apagamento resolve a estrutura marcada enquanto a vocalização apenas muda o caráter da coda, mantendo a marcação da sequência do ponto de vista prosódico.

Como esperávamos, a variável **contexto seguinte** não foi selecionada. Quando fizemos uma análise em que o rótico foi considerado 'valor de aplicação' (ou seja, consideramos os demais grupos de fatores em relação ao fator 'rótico'), observou-se que a variável **contexto seguinte** foi selecionada. Isso mostra que a variante [r] ocorre em proporção maior ou menor dependendo do contexto seguinte, mas o mesmo condicionamento não existe para a variante [w]. Ou seja, é a estrutura silábica e não o contexto fonológico que determina a variação entre [r] ~ [w].

Dentre os grupos de fatores linguísticos, também não foi selecionado o que se refere à classe da palavra. Essa não-seleção era esperada, uma vez que a vocalização não parece ser um fenômeno com propriedades lexicais.

Em suma, observa-se que não há indicadores claros de fatores linguísticos que favoreçam ou desfavoreçam a vocalização. O que constatamos é que o apagamento é claramente favorecido em dois contextos: a) quando a vogal precedente for [u] e b) na atonicidade final da sílaba. No primeiro caso, se aplicada, a vocalização criaria uma sequência altamente marcada na língua: [uw]; no segundo caso, a vocalização manteria a marcação da sequência átona final. Também constatamos que o contexto seguinte é relevante apenas para a realização do rótico, o que encontra suporte nas teorias sobre o contato silábico.

## 2.4 Resultados de variáveis extralinguísticas

Abaixo, apresentamos os resultados das variáveis extralinguísticas, as quais foram todas selecionadas:

Tabela 5 – Localidade

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo
Londrina	788/977	0,60
Curitiba	453/557	0,61
Pato Branco	566/625	0,81
Irati	727/1161	0,37
São José do Norte	457/1048	0,29
Total	2990/4366	

Tabela 6 – Sexo

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
f feminino	1421/1962	72%	0,54
h masculino	1569/2404	65%	0,47
Total	2990/4366	68%	

Tabela 7 – Idade

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
+ mais de 50 anos	1244/2081	60%	0,38
- menos de 50 anos	1746/2285	76%	0,60
Total	2990/4366	68%	

Tabela 8 – Escolaridade

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
1 primária	1194/1632	73%	0,43
2 secundária	1339/1686	75%	0,57
Total	2533/3318	79%	

Esses resultados confirmam as hipóteses que tínhamos com relação a estas variáveis, com especial destaque para a variável **Idade**, que aponta para uma mudança em curso. Interessante também é o fato de que a variável **Escolaridade** tenha sido selecionada, já que não temos observação que registre ser a variação da lateral um fenômeno afetado pela instrução formal. Mais surpreendente ainda é o fato de que são os mais escolarizados que mais aplicam a regra de vocalização. Consideramos que a explicação esteja no fato de que

esta seja uma característica de comunidades que estão adquirindo a regra, como ocorre nas comunidades de falantes bilíngues do sul do Brasil, nas quais a mudança ‘vem de cima’, isto é, não surge naturalmente da deriva linguística mas é tomada de empréstimo de outras variedades.<sup>10</sup>

### 3 Resultados do conjunto

A fim de obtermos resultados do conjunto de dados formado pelas amostras das cidades de **Pato Branco (PR)**, **Irati (PR)**, **Londrina (PR)**, **Curitiba (PR)**, **Lages (SC)**, **São José do Norte (RS)**, analisadas neste trabalho, e das cidades de **Porto Alegre**, **Santana do Livramento**, **Taquara e Monte Bérico (todas do RS)**, oriundas de uma coleta realizada por Bisol no final dos anos 70 e analisadas por Quednau (1993), tivemos de fazer algumas adaptações das codificações do segundo grupo de dados, visto que as variáveis linguísticas e extralinguísticas estudadas não eram exatamente as mesmas.

Os grupos de fatores utilizados na amostra de Quednau (1993) foram os seguintes.

Quadro 4 - Variáveis extralinguísticas e linguísticas – Quednau (1993)

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	
Etnia	a) <b>m</b> metropolitanos b) <b>a</b> alemães c) <b>i</b> italianos d) <b>f</b> fronteiriços
Sexo	a) <b>w</b> mulher b) <b>h</b> homem
Idade	a) <b>+</b> mais de 50 anos b) <b>-</b> menos de 50 anos
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	
Posição em relação ao acento	a) <b>3</b> sílaba tônica b) <b>2</b> sílaba pretônica c) <b>1</b> sílaba átona final
Fronteira de palavra	a) <b>&gt;</b> derivação b) <b>&lt;</b> sufixos especiais <i>-mente</i> e <i>-zinho</i> c) <b>&amp;</b> interior de vocábulo

<sup>10</sup> Além disso, há que se considerar que o fato de que o rotacismo ocorre apenas entre os falantes menos escolarizados pode ter influenciado a seleção desta variável. Não aprofundamos, entretanto, esta análise.



	d) “ final de vocábulo e) ? composição
Contexto precedente	a) <b>b</b> vogal baixa b) <b>p</b> vogal média-alta posterior c) <b>q</b> vogal média-baixa posterior d) <b>u</b> vogal alta posterior e) <b>e</b> vogal média-alta anterior f) <b>c</b> vogal média-baixa anterior g) <b>i</b> vogal alta anterior
Contexto seguinte	a) <b>y</b> vogal anterior b) <b>z</b> vogal posterior c) = consoante alveolar d) : consoante labial e) , consoante palatal f) # consoante lateral g) ; consoante velar h) <b>5</b> pausa
Sândi	a) <b>l</b> com sândi b) <b>d</b> sem sândi

Para compatibilizar as codificações dos dois grupos de cidades analisados, adotamos os seguintes procedimentos: (a) quando os grupos de fatores eram os mesmos, mas as codificações eram diferentes, unificamos as codificações através da substituição da codificação de uma amostra pela da outra; (b) quando uma análise considerou um grupo de fatores semelhante mas não idêntico ao da outra, como é o caso do grupo ‘posição em relação ao acento’ acima, unificamos as codificações dos fatores equivalentes, mas mantivemos separados os fatores não totalmente idênticos (por exemplo, convertemos as codificações de Quednau para *acento* da seguinte forma: 3 > t, 2 > e e 1 > p e mantivemos a codificação somente para dados da nossa amostra.); (c) quando os grupos de fatores não eram assemelhados, por exemplo, a amostra de Quednau não era codificada para *escolaridade*, colocamos uma barra inclinada nas codificações desta amostra no lugar correspondente a este grupo de fatores nas codificações de nossa amostra. de Quednau (1993) em dois lugares: na segunda coluna, no lugar correspondente à *classe de palavras* da nossa codificação; e na penúltima coluna, no lugar correspondente à *escolaridade* na nossa codificação. Apenas em um dos grupos procedemos a uma recodificação menos preservadora das análises precedentes, que foi o grupo *contexto seguinte*, no qual os fatores resultantes são produto de uma amalgamação de fatores. A sequência de codificação ficou ordenada da

seguinte forma: variável dependente - classe de palavra/barra - acento - fronteira morfológica. - contexto precedente. – contexto seguinte - informante/variável desc - barra/variável desc.- sexo - idade - escolaridade/barra – localidade.

Apresentamos, a seguir, o resultado geral dos dois conjuntos de dados.

Tabela 9 – Resultado geral – Conjunto dos Dados

Variável	Aplic.Total	Frequência
[w] semivogal	4007/6608	61%
outras	2601/6608	39%
Input		0,73

Como vemos pela tabela acima, o uso da semivogal prevalece sobre o uso das outras variantes.

### 3.1 Variáveis extralinguísticas

Na rodada do conjunto dos dados, envolvendo todas as cidades em estudo, foram selecionadas todas as variáveis extralinguísticas.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *localidade*.

Tabela 10 – Localidade – Conjunto dos Dados

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
<b>m</b> Porto Alegre	652/715	91%	0,88
<b>p</b> Pato Branco	566/625	91%	0,83
<b>c</b> Curitiba	453/557	81%	0,64
<b>l</b> Londrina	788/977	81%	0,64
<b>t</b> Irati	727/1161	63%	0,41
<b>j</b> São José do Norte	457/1048	44%	0,41
<b>f</b> Livramento	142/524	27%	0,19
<b>a</b> Taquara	73/363	20%	0,18
<b>i</b> Monte Bérico	149/638	23%	0,13
Total	4007/6608	61%	

Os pesos relativos mais altos são os das cidades de Porto Alegre (0,88) e Pato Branco (0,83), seguidos por Curitiba (0,64) e Londrina (0,64). Com índices muito mais baixos, vêm depois Irati (0,41) e São José do Norte (0,41). Finalmente,

Livramento (0,19), Taquara (0,18) e Monte Bérico (0,13), todas localidades analisadas na amostra de Quednau (1993), apresentam os índices mais baixos. O baixo índice de vocalização nessas cidades deve-se ao fato de serem constituídas por comunidades isoladas (São José do Norte), por vários gupos étnicos (Irati) ou por comunidades bilíngues (as outras três).

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *sexo*.

Tabela 11 – Sexo – Conjunto dos Dados

<b>Fatores</b>	<b>Aplic./Total</b>	<b>Frequência</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>f feminino</b>	1863/2994	62%	0,54
<b>h masculino</b>	2144/3614	59%	0,46
<b>Total</b>	4007/6608	61%	

Pela tabela acima, percebe-se que os resultados, ainda que próximos do ponto neutro, mostram maior aplicação da vocalização entre as mulheres, característica que parece já se associar a mudanças em curso. O que garante robustez aos nossos resultados é o fato de que estes são sistematicamente observados em todas as análises individuais das localidades aqui estudadas.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *escolaridade*.

Tabela 12 – Escolaridade – Conjunto dos Dados

<b>Fatores</b>	<b>Aplic./Total</b>	<b>Frequência</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>1 primária</b>	1195/1634	73%	0,43
<b>2 secundária</b>	1339/1686	79%	0,57
<b>Total</b>	4007/6608	61%	

Constatamos, pelos resultados, que há uma vantagem por parte dos informantes com escolarização secundária no que se refere ao uso da vocalização, mas os resultados dos dois fatores são bastante próximos não somente entre si como também em relação ao ponto neutro.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *idade*.

Tabela 13 – Idade – Conjunto dos Dados

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
+ mais de 50 anos	1581/2975	53%	0,41
- menos de 50 anos	2426/3633	67%	0,57
Total	4007/6608	61%	

Constatamos, pelos resultados, que há uma vantagem por parte dos mais jovens no que se refere ao uso da vocalização, embora, nesta rodada conjunta os fatores da variável não tenham se diferenciado entre si com a nitidez encontrada nas rodadas das comunidades em separado.

### 3.2 Variáveis linguísticas

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *contexto precedente*

Tabela 14 – Contexto precedente – Conjunto dos Dados

Fatores	Exemplo	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
e vogal média-alta anterior	terrível	139/203	68%	0,52
# vogal média-baixa post.	futebol	256/457	56%	0,55
& vogal média-baixa ant.	anel	131/172	76%	0,59
a vogal baixa	assalto	2480/3915	63%	0,52
i vogal alta anterior	filme	499/865	58%	0,50
o vogal média-alta post.	bolsa	293/461	64%	0,51
u vogal alta posterior	último	209/535	39%	0,30
Total		4007/6608	61%	

Como mostra a tabela acima, novamente os pesos relativos dos diversos fatores da variável *contexto precedente* gravitam em torno do ponto neutro, com exceção do fator **vogal precedente u**, que indica um desfavorecimento da vocalização. Fez-se, então, uma rodada sem o fator 'u', e a variável *contexto precedente* não foi selecionada conforme prevíamos.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *posição do segmento-alvo*.

Tabela 15 – Posição do segmento-alvo- Conjunto dos Dados

Fatores	Exemplo	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
4 final de palavra em sufixo	razoável	620/836	74%	0,59
2 final de palavra – raiz	catedral	1609/2811	57%	0,57
1 interior da palavra – raiz	alguma	1403/2329	60%	0,41
3 interior de palavra - fronteira de morfema	fatalmente	263/461	57%	0,39
? fronteira interna composto	papel higiênico	112/171	65%	0,73
Total		4007/6608		

Pelos resultados dessa tabela, percebemos que a vocalização da lateral é mais frequente quando em final de palavra, independente de ser em sufixo ou na raiz da palavra e menos frequente quando a lateral encontra-se no interior do vocábulo, tanto como parte da raiz como em fronteira de morfema. Estes resultados parecem ser contrários às nossas expectativas, tendo em vista o que foi apontado anteriormente a respeito da sensibilidade da regra de vocalização a propriedades morfológicas do contexto. Entretanto, entendemos que estes números basicamente mostram que a vocalização é mais frequente em final de palavra do que no meio, o que é um resultado que confirma tendências observadas em outros trabalhos (Hora, 2006, Leite, Callou e Moraes, 2002) e pode ser devido ao fato de que a vocalização tenha começado a operar inicialmente em final de palavra.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *acento*.

Tabela 16 – Acento – Conjunto dos Dados

Fatores	Exemplo	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo
e pretônica	altura	1255/2197	57%	0,53
t tônica	comercial	2183/3451	63%	0,51
m monossílabo	mal	195/308	63%	0,42
p postônica	fácil	374/652	57%	0,40
Total		4007/6608		

Os resultados confirmam o que foi observado anteriormente; o contexto de postônica final é o que mais desfavorece, seguido do contexto de monossílabo.

## 5. Considerações finais

Sendo a vocalização um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, a natureza da vogal precedente não deveria influenciar a ocorrência de vocalização da lateral; entretanto, análises anteriores tinham apontado que havia desfavorecimento em alguns casos e favorecimento em outros (caso da vogal baixa [a], por exemplo). As análises aqui apresentadas, tanto das amostras dos **Levantamentos recentes** quanto do **Conjunto dos dados** mostraram que o contexto precedente realmente não interfere no processo de vocalização, com exceção da vogal precedente [u], caso que se explica devido à marcação da sequência [uw] criada com a vocalização nestes casos.

Sendo a vocalização um fenômeno de tipo neogramático (como a entendemos), espera-se que os contextos privilegiados para a sua implementação sejam os contextos de menor proeminência. Contrariando esta hipótese, os nossos dados revelaram que os contextos átonos (sílabas postônicas e monossílabos) são os que menos favorecem a vocalização. Entretanto, observando mais detidamente estes contextos, constata-se que são eles que favorecem, juntamente com o contexto mencionado no parágrafo acima, o apagamento do segmento lateral. Deve-se acrescentar ainda que diversas análises de fenômenos de sândi apontaram os contextos átonos como favorecedores destes processos. Em pesquisa anterior, Collischonn (2008), observamos que a ressilabação de // era favorecida em contexto átono. Portanto, concluímos que a baixa frequência de vocalização nestes contextos, está relacionada a propriedades estruturais e, assim, não se constitui em evidência contrária à nossa análise da vocalização como fenômeno de tipo neogramático.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.) *Gramática do Português Falado Volume VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p. 557-602.
- ALMEIDA, M. A. B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilingue de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre, 2000. 106 p..
- ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In VANDRESEN, P. *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas : EDUCAT, 2002. p. 115-145.
- ALTENHOFEN, C. V.; KOCH, W.; KLASSMANN, M. S. ; MERCER, J. L. da V.; AGOSTINI, B.; FURLAN, O. A.; VIEIRA, H. G.; MARGOTTI, F. W. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) - vol. 2 - Cartas Fonéticas e Morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Editora da UFPR; Editora da UFSC, 2002.
- AMARAL, M. P. do; SILVA JR., H.B. *A africacão de /t/ e /d/ no extremo sul do Brasil*. Comunicação apresentada no VIII Congresso Internacional e II Internacional de Fonética e Fonologia, na UFMA, 2004. (manuscrita)
- BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A.; LUCAS, João I.P.; BOVO, Nínive M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista virtual de estudos da linguagem – REVEL*.v.5, n.9, agosto de 2007.
- BERNARDES, D. *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1946.
- BISOL L ; J.S. MAGALHÃES. A redução vocálica no português brasileiro
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS., 2005. 4ª edição.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, 15, p. 177-200, 2003.

BISOL, L.; HORA, D. da. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Letras*. Santa Maria, jan/jun, 1993. p. 25-40.

BISOL, L.; MENON, O; TASCA, M. VARSUL, um Banco de Dados. In: VOTRE, S.; Roncarati, C (Org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2008, v. 1. p. 50-58.

BISOL, L.. A neutralização das átonas. *Revista Letras*. Curitiba, nº 61, especial, Editora UFPR, p.273-283, 2003.

BISOL, L.. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L.. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.

BOLÉO, M. de P. *Estudos de linguística portuguesa e românica: dialectologia e história da língua*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1 (1): XV, 1974.

BOPP DA SILVA, T. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005

BOVO, N. *A Vibrante e seu Valor Social*. Dissertação de Mestrado. Caxias do Sul: UCS, 2004.

BRANDÃO, S. F. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, jan./jun. 2008. p. 177-189.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do r-retroflexo. *Signum: estudos da linguagem*, n.10/2, Universidade Estadual de Londrina, PR, 2007. p. 265-284

BRANDÃO, S. F. ; SANTOS, A. P.. *Vogais médias postônicas não-finais nas falas culta e popular do Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada no XV Congresso Internacional da Associação de Linguística da América Latina (ALFAL), 2008.

BRESCANCINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

BRESCANCINI, C. MONARETTO, V. *Os Róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações*. Comunicação apresentada no GT de Sociolinguística do XXIII Encontro Nacional da ANPOLL na UFG, Goiânia, julho de 2008.

CAGLIARI, L. C. *Fonologia do Português: análise pela geometria de traços*. v. 2, Campinas, SP, Edição do Autor, 1997.



CAGLIARI, L.C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D. ; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M.B. M. ; RODRIGUES, A.C.S. *Gramática do Português Falado. Volume VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 537-555.

CALLOU, D. LEITE, Y. & MORAES, J. A elevação das vogais pretônicas do Brasil: (processo(s) de variação estável. *Letras de Hoje*, v.37, n.1, março, 2002. p.9-24.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v.5, n.18, 1991.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e Diferenciação Dialectal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. V. *Gramática do Português Falado*. v. VI. Campinas. Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CAMARA JR, J. M. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Vozes, 1985.

CAMARA JR., J.M. Erros escolares como tendências linguísticas do português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, C.E.F. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*. Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro:Lucerna, 2004, p.87-95. Edição original: 1957.

CARNIATO, M. C.. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Dissertação de mestrado. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2000.

CASAGRANDE, G. P. B. *Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real* Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2004.

CHAMBERS, J.K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J.K.; Chen, M. Y.; Wang, W. S-Y. *Sound Change: Actuation and Implementation*. *Language*, 51, 2, Jun 75. p 255-281.

CHENG, C. & WANG, W. Tone change in Chao-zhou chinese: a study in Lexical Diffusion. In: WANG, W. (org.). *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton, 1977. p. 86-100.

CLEMENTS, G. N. Place of Articulation in Consonants and Vowels. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, 1991. , p.77-123.

COLLISCHONN, G. Variable aspects of Brazilian Portuguese phonology: the laterals in coda. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (ed.) *Contemporary Phonology in Brazil*. Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 177-192.

COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 2, n.2, 2003. p. 31-54.

COSTA, C. F. (2003) *Fonologia Lexical e controversia neogramática: análise das regras de montongação de /ow/ e vocalização de // no PB*. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre.

COSTA, L. *Estudo do Rotacismo: variação entre consoantes líquidas*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Instituto de Letras, PPGLET, Porto Alegre, 2006.

CYRINO, M. L. As Realizações da Vibrante na Variedade Linguística Rural do Paraná. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2004.

DAL MAGO, D. (1998) O comportamento do // pós-vocálico no Sul do país. *Working Papers em Linguística*. Florianópolis, v.2, p.31 - 44, 1998.

DUTRA, E. O.. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul*. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ECKERT, P.. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

ESPIGA, J. (2001) *O Português dos Campos Neutrais*. Um estudo sociolinguístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre:PUCRS.

FEIJO, João de Moraes Madureira, S.J.1688-1741, *Orthographia, ou arte de escrever*, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa para uso do excellentissimo Duque de Lafoens / João de Moraes Madureyra Feyjo. - Lisboa : Off. de Miguel Rodrigues, 1734 [ disponível em <http://purl.pt/13>]

FERRAZ, I. *Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.

FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.

- GREGIS, H. *O Apagamento da Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, 2002.
- GUSSENHOVEN, C; JACOBS, H. *Understanding Phonology*. Second Edition. London: Hodder Arnold, 2005.
- GUY, G.R. (1981) *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Universidade da Pennsylvania (tese de doutorado).
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HORA, D. da. Vocalização da lateral //l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem. 2006
- HORA, D.I da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990. 292. p.
- KAMIANECKY, F. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2002. 114 p.
- KIPARSKY, P. Phonological change. In Newmeyer, F. (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Vol. 1: Linguistic Theory: foundations. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 363-415.
- KIPARSKY, P. Blocking in Non-derived Environment. In Hargus, S.; Kaisse, E. (eds.) *Phonetics and Phonology*, vol. 4, Academic Press INC. New York, 2003. p. 277- 310.
- KIPARSKY, P. *The phonological basis of sound change*. Rascunho apresentado no Stanford Workshop on Sound Change, 1993.
- KLUNCK, P. *A elevação da pretônica sem motivação aparente*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 2007.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. Resolving the Neogrammarian Controversy. *Language*, v.57, n.2, 1981, p.268-307.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LABOV, W. Evidence for lexical diffusion. In *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Cambridge, Plackwell Publishers, p.422-439, 1994.

LABOV, W.. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W.. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LEE, S. H. & OLIVEIRA, M. A. Variação Inter e Intradialetoal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: Hora, D. da; Collischonn, G. (Org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003. p. 67-91

LEE, S.H. Sobre as vogais pre-tônicas no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos XXV*:, 2006. p.166-175.

LEITE, C. T. *Sequências de oclusiva alveolar + sibilante alveolar como um padrão inovador no português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2006

LEITE, Y. F., CALLOU, D. M. I., MORAES, J. A. (2002) Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil In: *Gramática do Português Falado*. 1 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002

LINDAU, M. The story of /r/. In: *Phonetic Linguistic*. Academic Press, 1985.

LOPEZ, B. *The sound pattern of brazilian portuguese (cariocan dialect)*. Tese de doutorado. Los Angeles: University of Califórnia, 1979.

LUDWIG, J. E. *Identificação por falantes nativos do português brasileiro da resolução de choque de acento em corpus poético*. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MAIA, C. *História do galego-português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MAIA, M. L. B. e M. *O falar da Ilha Terceira*. Dissertação (Mestrado em Letras). Lisboa, 1965.

MALER, B (ed.) *Orto do Esposo*, edição crítica, introdução, anotações e glossário por Bertil Maler, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro, 1956 (I. Texto crítico, II. Comentário); Stockholm: Almqvist e Wiksell, 1964 (III. Glossário).

MARCHI, F. de; STEIN, R. de C. G. *Alçamento das Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente em Curitiba – PR*. In: Cadernos de Pesquisas em Linguística. Vol.3, n.1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p.127-137

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In.: CASTRO, I. & DUARTE, I.(orgs.) *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, pp. 7-18.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Trad. Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

MATEUS, M.H. M. *Aspectos da Fonologia do Português*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.

MOHANAN, K. P. Fields of attraction in Phonology. In GOLDSMITH, J. *The last phonological rule: reflections on constraints and derivations*. University of Chicago, 1993. p. 61-116.

MONARETTO, V. N O. A Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MONARETTO, V. N O. O Apagamento da Vibrante Pós-Vocálica nas Capitais da Fala do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, v.35, n. 1, p. 275-284, março de 2000.

MONARETTO, V. N O. *O desenvolvimento da Vibrante Anterior na Fala do Sul do Brasil*. Comunicação apresentada no VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. UEFS Feira de Santana, 2001.

MONARETTO, V. N O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997

MONGUILHOTT, I. O. S. .A Vibrante em Final de Palavra na Fala de Santa Catarina. In: *II Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 1997, Florianópolis. CD Room II Celsul, 1997.

NARO, A. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NESPOR, M. ; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NUNES, J.J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [1919] 1975 (4ª edição).

OGLIARI, M. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*. Tese de Doutorado. 2v. Florianópolis, UFSC. Centro de Comunicação e Expressão. 1999

OLIVEIRA, A J. (2006) *Variação em itens lexicais terminados em //+vogal na região de Itaúna/MG*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

- OLIVEIRA, M. A. de. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: E. Albano, M.H.. Coudry. S. Possenti, T. Alkimin (org.). *Saudades da Língua*. 1.<sup>a</sup> ed.. Campinas, Mercado de Letras, 605-620, 2003.
- OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da difusão lexical. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. UFMG: Belo Horizonte, p.31-41, 1992.
- OLIVEIRA, M. A. de. O léxico como controlador das mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, FALE, UFMG: Belo Horizonte, 1995.
- OLIVEIRA, M. A. de. The neogrammarian controversy revisited, In: *International Journal of the sociology of language*, Berlin, v. 89, n.1, 93-105, 1991.
- OLIVEIRA, M.A. *Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*. Tese de doutoramento. University of Pennsylvania, 1983.
- OLIVEIRA, M. B de et al. 2005. A Lateral Posvocálica no Nordeste Paraense – uma descrição sociolinguística. In: AGUILERA, V. A. *A Geolinguística no Brasil, trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel.
- PAGOTTO, E. G. *Varição é identidade*. 2001. 454. f. Tese (Doutorado em Letras- Linguística) – IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAULA, A. T. de. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi, RS: análise quantitativa*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PAVÃO, J. A. *Aspectos populares micaelenses*. Vila de Maia: Maiadouro, 1982.
- PEREYRA, Bento *Thesouro da Lingoa Portuguesa*. Lisboa: Impresso na officina de Paulo Craesbaeck, 1647.
- PEREYRA, Bento. *Regras Gerays Breves, & comprehensivas Da Melhor Ortografia*. Lisboa. Editado por Domingos Carneiro, 1966.
- PIMENTEL, R.. M. *A variação linguística do fonema /r/ na posição pós-vocálica*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2003.
- PIRES, L. B.. *A palatalização das oclusivas dentais em São Borja*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: um estudo comparativo*. In: Matzenauer, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C. do.(org.) *Estudos da linguagem : VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2008.

QUEDNAU, L. R.. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: um estudo comparativo*. VII Encontro do CELSUL, Pelotas, 18 a 20 de outubro de 2006. Resumo publicado em *Programação e resumos*, UCPEL e UFPEL, 2006, p. 67-68.

RIBEIRO, D. F. S. *Alçamento de vogais postônicas não-finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

RIGATTI, A P. *Realização do Rótico no Onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi.regiões de imigração alemã*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003, 89p.

RONCARATI, C (Org.) *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008. p. 50-58.

ROSSETTO, S. Síntese histórica da região oeste. In: *Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste. Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM*. Chapecó: UNOESC, 1995.

ROSSI, A. A Variação da Vibrante Múltipla no Interior da Palavra Lexical na Fala de Descendentes Italianos das cidades Sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. In: *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 4, 2000. p. 54-69.

ROVEDA, S. D.. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1998. 81 p.

SÁ, E. J. *Variação do // em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

SANDALO, F. ; TRUCKENBRODT, H. Some notes on Phonological Phrasing in Brazilian Portuguese. *DELTA*, 2004, v. P.

SANTOS, S. C. dos. *Nova história de Santa Catarina*. 4.ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.

SCHUCHARDT, H. On sound laws: against the Neogrammarians, in Theo Vennemann and Terence H Wilbur, *Schuchardt, The Neogrammarians and the Transformational Theory of Phonological Change*. Linguistische Forschungen, 26, Frankfurt am Main: Athenäum, 1885 [1972].

SCHWINDT, L. C. S. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L., Brescancini, C,R,. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*, p.165-182, 2002.

SCHWINDT, L.C.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E. (2007) A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v.5, p. 1-12.

SCHWINDT, L.C.S. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do País: uma análise variacionista*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: INL/Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, S. M. . Elevação das vogais postônicas médias e finais no português falado em Rincão Vermelho-RS. In: *III Mostra de Pesquisa da Pós Graduação da PUC*, 2008, Porto Alegre. IX Salão de Iniciação científica da PUC, 2008.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.

SKEETE, N.. *Análise Variável da Vibrante na Fala de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, João Pessoa: UFPR, 1996.

SPESSATTO, M. B. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos, 2003.

TASCA, M A *lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Tese de doutorado: PUCRS. Porto Alegre, 1999

TEIXEIRA, E. P. 1995. Variação fonológica na região de Monte Santo. A consoante //l/. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 17, p. 59-65.

TENANI, L. (2002) *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

TRUCKENBRODT, H. (1999) On the Relation between Syntactic Phrases and Phonological Phrases. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 2, p.219-255

TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002. p. 349-372.

VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2ª ed. com aditamentos e correções do autor, preparada com base no exemplar conservado no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos / Maria Adelaide Valle Cintra. - Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970. Edição original: 1901 [disponível em <http://purl.pt/160/3/>]



VIEIRA, M J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L., Brescancini, C,R,. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*, p., 2002.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.  
VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

VOTRE, S.J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro., 1978.

WALSH, L. *The phonology of liquids*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts: Amherst, 1997.

WETZELS, L. Mid vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb. *Phonology*, p.281-304, 1995.